



# Curso Bullying e o Papel do Professor em Sala de Aula

Solicite agora mesmo seu certificado de **20 Horas** (no link abaixo)

[\[Clique aqui para solicitar certificado\]](#)



Veja um modelo do certificado!





**Somos a maior rede de Cursos  
Pedagógicos do Brasil. Temos mais de  
200 mil alunos matriculados em todo o  
país!!**

**Nossos Cursos são reconhecidos e aprovados  
pela ABED, Faculdades, Escolas, Prefeituras e  
Instituições!**



**Use o Certificado para:**

- ✓ **Evolução Funcional**
- ✓ **Provas de Títulos**
- ✓ **Horas Complementares na Faculdade**
- ✓ **Concursos Públicos**
- ✓ **Processo de Recrutamento e Seleção**
- ✓ **Enriquecer seu Currículo**

## **DICAS IMPORTANTES PARA O BOM APROVEITAMENTO**

- O objetivo principal é aprender o conteúdo, e não apenas terminar o curso.
- Leia todo o conteúdo com atenção redobrada, não tenha pressa.
- Explore as ilustrações explicativas, pois elas são fundamentais para exemplificar e melhorar o entendimento sobre o conteúdo.
- Quanto mais aprofundar seus conhecimentos mais se diferenciará dos demais alunos dos cursos.
- O aproveitamento que cada aluno tem é o que faz a diferença entre os “alunos certificados” e os “alunos capacitados”.
- A aprendizagem não se faz apenas no momento em que está realizando o curso, mas também durante o dia-a-dia. Ficar atento às coisas que estão à sua volta permite encontrar elementos para reforçar aquilo que foi aprendido.
- Aplique o que está aprendendo. O aprendizado só tem sentido quando é efetivamente colocado em prática





## Sumário

Curso em – Bullying e o Papel do Professor em Sala de Aula .....Erro!  
Indicador não definido.

DICAS IMPORTANTES PARA O BOM APROVEITAMENTO.....Erro!  
Indicador não definido.

MÓDULO I - REFLEXÕES SOBRE O BULLYING .....4

1. INTRODUÇÃO ..... 5

2. COMPREENDENDO ESTE FENÔMENO ..... 8

3. O QUE É BULLYING ..... 9

4. TIPOS DE AGRESSÃO ..... 14

5. COMO IDENTIFICAR AS VÍTIMAS ..... 15

6. COMO IDENTIFICAR OS AGRESSORES ..... 20

7. A TESTEMUNHA ..... 23

MÓDULO II - BULLYING NO CONTEXTO PRÁTICO.....25

8. AGRESSÃO EM CONTEXTO ESCOLAR: POSSÍVEIS  
EXPLICAÇÕES ..... 26

9. O PAPEL DA ESCOLA ..... 29

10. O PROFESSOR ..... 32

11. CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING ..... 34

12. ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO ..... 36

13. UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO ..... 46

14. MÉTODOS DE TRATAMENTO DO BULLYING ..... 50

MÓDULO III – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....57

15. CONCLUSÃO ..... 57

16. REFERÊNCIAS ..... 58



## **MÓDULO I - REFLEXÕES SOBRE O BULLYING**

### **1. INTRODUÇÃO**

A escola é uma das principais bases da sociedade, é onde ocorre a sociabilização, ou seja, onde o indivíduo torna-se apto para viver em sociedade e, ainda, onde ocorre um entendimento do próprio indivíduo como sujeito, tendo direito e deveres.

Do convívio em sala de aula surge a interação social que, segundo Vygotsky (1988) é a fonte de modelos para o desenvolvimento do indivíduo; sem ela não há aprendizagem.

O tipo de violência a ser tratado neste trabalho é conhecido, atualmente, como bullying, termo que é utilizado para qualificar o fenômeno social em que o indivíduo sofre, repetidamente e de forma intencional, agressões físicas e/ou psicológicas, diretas e indiretas. Essa situação ocorre, quando há desequilíbrio de poder entre os indivíduos envolvidos: agressor (s) e vítima (s).

O bullying geralmente ocorre na esfera coletiva e pode ocorrer em escolas, em universidades, nas vizinhanças, no ambiente de trabalho, na família, etc. De acordo com a pesquisa realizada em 2009 pela Plan, 50% dos casos de bullying ocorrem em sala de aula, dados que motivaram a restrição do tema, analisando essa prática especificamente

em seu ambiente de maior incidência. A sala de aula é o local destinado à aprendizagem, é onde o professor tem a função de construir conhecimentos, por meio da interação social.

Durante a vivência nesse local, muitas atitudes são consideradas brincadeiras, como, por exemplo, colocar apelidos nos colegas, vaiar, esconder o material do colega. Mas se essas atitudes tiverem a intenção de magoar ou ferir, física e/ou psicologicamente um ou mais alunos, a violência pode ser identificada como bullying. Ele certamente estará presente no ambiente escolar, afirma Fante(2005), porém, muitas vezes, de forma mascarada.

A escola deve proporcionar meios que facilitem o bem-estar dos estudantes, e, na sala de aula, essa função é desempenhada pelo professor, corroborando assim o processo de ensino/aprendizagem. O professor assume um papel relevante na prevenção e combate de atitudes discriminatórias pois, suas ações podem ou não ocasionar situações propícias a essa prática; sua postura foi analisada de forma que possamos chegar a uma conclusão imediata acerca do tema.

Considerando a escola fonte de modelos para o desenvolvimento do indivíduo e de sua personalidade, graças à contribuição da interação social, Agnes Heller nos traz uma formulação a qual pode nos valer para a construção de estereótipos sociais.

De duas maneiras chegamos a ultrageneralização característica de nosso pensamento e de nosso comportamento cotidianos: por um lado, assumimos estereótipos, analogias e esquemas já elaborados; por outro, eles nos são “impingidos” pelo meio em que crescemos e pode-se passar muito tempo até percebermos com atitude crítica esses esquemas recebidos, se é que chega a produzir-se tal atitude (HELLER, 1972, p. 44)

Os pais colocam seus filhos na escola preocupados com a formação do indivíduo e de seus valores, considerando, em muitos casos, a instituição escolar, como uma extensão do próprio lar. O convívio escolar possibilita ao aluno o contato com maior quantidade de pessoas dos mais variados tipos que a sociedade classifica como estereótipos. O estudante pode ou não se identificar com um. Aquele que não se identifica com nenhum desses modelos de ampla aceitação social pode se tornar uma das vítimas.

As variações nas características da personalidade e tipo físico devem ser respeitadas, ao invés de se potencializar a discriminação e, conseqüentemente, as agressões. Disso decorre o enfoque desta pesquisa, dada a importância da postura do professor em sala de aula; suas ações perante os alunos devem “impingir” a formação crítica deles.

Com a crescente incidência dessa prática em sala de aula e dos casos resultantes em homicídio, é inegável a preocupação do futuro profissional da educação com tal problema. Constatamos que na formação dos professores há uma lacuna, quando se trata desse problema, e é imprescindível que os professores estejam aptos a lidar com uma situação que os números mostram não ser corriqueira. Conhecer esse fenômeno social e como ele se manifesta é uma das formas de prevenir e combater a prática do bullying.

A presente pesquisa propõe a elucidação do tema, seus conceitos e suas características, que estão descritas no item dedicado à revisão da literatura, no qual são apresentadas as principais obras e autores que abordam o tema bullying. De acordo com a natureza do objeto da pesquisa, da qual participaram alunos e professores de uma escola pública, optou-se por uma abordagem quantitativa. O método empregado na análise dos dados é estatístico, trabalhado nas relações de porcentagem que foram traduzidas em gráficos e tabelas que podem ser vistos no item três. O quarto item é dedicado à análise dos dados e à discussão dos pontos relevantes da pesquisa. No último item estão as conclusões obtidas acerca desses dados.

## **2. COMPREENDENDO ESTE FENÔMENO**

Os estudos sobre bullying tiveram início na Noruega com o cientista Dan Olweus na década de 1970, mas, somente a partir de 1990 é que os estudos científicos sobre o assunto começaram a ganhar interesse mundial. No Brasil, o interesse pelo fenômeno tem seu início no ano 2000. Nesta década dois casos causaram espanto por resultarem em homicídios; vale ressaltar que em ambos houve morte de professores.

Uma pesquisa feita pela Pesquisa Plan, no ano de 2009, constata que a maior incidência dessa prática é em sala de aula e aponta a região Centro-Oeste com o maior número de ocorrências registradas no Brasil, estabelecendo o índice de 14%, à frente, inclusive, da região sudeste com 12%.

Em 2003, na cidade de São Paulo, um estudante obeso de 18 anos invadiu a escola onde estudava e feriu 5 alunos, e, em seguida, cometeu suicídio. Em 2004, na Bahia, um adolescente de 17 anos matou um colega e a secretária e as investigações revelaram que o garoto sofria com as brincadeiras feitas pelos colegas na escola. Em 2010, uma garota Irlandesa que morava nos EUA suicidou, sendo que sua mãe e pelo menos quatro alunos tentaram comunicar que a garota sofria humilhações na escola; o problema já era conhecido e não foi resolvido.

O trágico Massacre de Columbine, nos EUA, em 1999, resultou em 13 pessoas assassinadas e 21 gravemente feridas. Dois estudantes da renomada instituição de Columbine não se encaixavam nos tradicionais padrões atléticos tão incentivados pela escola e resolveram criar um grupo de “excluídos sociais”, que muito se inspiravam em ideologias neonazistas, como se percebeu pelo

web-site de um deles. Em 2007, na cidade de Blacksburg, nos EUA, ocorreu o maior assassinato em massa da história das universidades norte-americanas. Foram 32 pessoas mortas e 21 feridas pelo sul-coreano Cho Seung-hui, que sofria de patologias, como depressão e ansiedade e deixou o chamado “manifesto multimídia”, um vídeo na internet. A frase de maior impacto é “Morri como Jesus, para defender os fracos e indefesos”. Todas essas ocorrências registradas podem ser encontrados na internet.

Recentemente, o Brasil presenciou uma das maiores tragédias de sua história: o ex aluno Wellington Menezes de Oliveira, de 23 anos invadiu a escola Tasso de Silveira, na cidade do Rio de Janeiro, e, armado com dois revólveres, matou 12 crianças, entre 12 e 14 anos, deixou 18 feridos, em seguida, se matou. Este caso ficou conhecido como a Tragédia do Realengo (2011). Ele deixou uma nota de suicídio na qual afirmava que sofria bullying, fato confirmado posteriormente no testemunho público de sua irmã adotiva.

### **3. O QUE É BULLYING**

Partindo do ponto de partida que o bullying se apresenta como um comportamento agressivo que ocorre entre colegas dentro do contexto escolar, torna-se de todo pertinente abordar algumas questões relacionadas com a agressividade. A agressividade pode ser definida como uma forma de conduta que tem como principal objectivo infligir aos outros ferimentos, sejam eles de ordem física ou psicológica. A agressividade ou agressão pode ser entendida como algo intencional, através da qual um individuo procura coagir outro para obter algo (Ramirez, 2001).

No entanto, também ficamos a saber que a agressividade é entendida como a capacidade ou potencial de alguém para provocar danos, ofensas ou prejuízos a outrem ou a si mesmo, sejam eles de ordem material ou moral

(Abreu, 1998). Não é entendida como uma capacidade inata, mas antes como uma potencialidade de ação em relação a situações que podem causar frustração e bloquear o percurso normal do desenvolvimento humano (Sousa, 2006).

Tendo em conta alguns manuais psicológicos, a agressão ou os comportamentos de agressividade podem ser vistos como um distúrbio de personalidade, sendo que isso não implica que esta não possa ser entendida como algo de carácter negativo. Tendo em conta estas concepções, Bertão (2004) faz questão de referir que esta é algo inerente a todo o processo de desenvolvimento humano e apresenta-se como essencial para a sobrevivência, dado que permite ao indivíduo atitudes de defesa e adaptação. De acordo com este autor, a agressividade pode mesmo ser entendida como um elemento protetor que possibilita a construção de um espaço interno e que promove a diferenciação entre o Eu e o Outro, favorecendo assim o estabelecimento de vínculos entre elementos.

Contudo, mesmo podendo ser entendida como uma relação pulsional e impulsionadora do desenvolvimento humano, não podemos deixar de prestar atenção às características negativas que a ela podem estar inerentes, sendo por isso que nos últimos anos se tem vindo a assistir ao aumento dos estudos psicológicos sobre a agressividade. Ora neste sentido e partindo de concepções prévias existentes sobre a agressividade, não podemos deixar de referir que esta não se centra única e exclusivamente num mero comportamento de agressão física ou verbal, dado que ela mesma implica uma panóplia de comportamentos que nem sempre podemos quantificar ou descrever. De fato, a agressividade parece assumir diferentes formas, sendo que a verbal e a física se apresentam como aquelas às quais se parece atribuir uma maior importância, dado que são mais evidentes aos olhos dos outros. Contudo, não podemos ignorar que também outros comportamentos que não esta agressão visível, como o vandalismo, a indisciplina ou mesmo perturbações do comportamento possam ser entendidos como agressão, pois se nos centrarmos nas suas características

não vemos nada mais, nada menos que a presença de comportamentos agressivos sobre as suas mais diversas formas.

A agressividade parece sempre englobar comportamentos de violência. A violência pode ser entendida como uma ação ou comportamento infligido por uma pessoa que irá causar dano a outra pessoa, negando a essa a autonomia, a integridade física ou psicológica ou mesmo o direito à vida. Pode ser ainda percebida como o uso de força desmedida (Barros et. al., 2009).



De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) a violência apresenta-se como um problema que tem assumido uma importância cada vez mais crescente devido às consequências que dela advêm, passando a ser entendida como um fator de risco para o desenvolvimento da vida humana. Por outras palavras, a OMS apresenta a violência como a utilização de forma intencional da força ou poder físico através de comportamentos de ameaça ou concretização contra si mesmo ou contra os outros (inclusive grupo ou comunidade), que se traduz na possibilidade de ocorrerem ferimentos, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação da liberdade.

É neste contexto da agressividade e violência, que Abramovay (2006) apresenta a violência da escola como um fenómeno múltiplo e que cada vez assume contornos mais ou menos definidos, salientando pela presença de práticas inerentes aos estabelecimentos de ensino e relações sociais nas escolas. É aqui, nesta procura de um consenso entre os conceitos de agressividade, na

busca exaustiva por uma definição com critérios mais ou menos específicos, que nos deparamos com a presença de um fenómeno crescente associado ao contexto escolar que tem vindo a preocupar pais, professores, educadores, alunos e comunicação social e de investigação nos últimos anos: o bullying.

No V Congresso Português de Sociologia, Carlos Barbosa e Conceição Nogueira afirmaram na sua comunicação que o fenómeno da violência escolar apresenta-se como um foco de preocupação para pais, educadores, estudantes e toda a sociedade em geral. Referiram ainda que os comportamentos violentos cometidos no contexto escolar são geralmente o espelho do contexto social e familiar, da violência presente em programas televisivos, videojogos, Internet, assim como se deve à incapacidade que a maioria das escolas tem em responder de forma adequada aos comportamentos de indisciplina, às deficiências legislativas e aos comportamentos de agressividade presentes no seu contexto.

O bullying pode ser apresentado como um estudante que se encontra a ser vítima ou exposto de forma repetida e continuada a acções negativas por parte de um ou mais estudantes (Olweus, 1999). O bullying deve começar a ser entendido como um padrão de comportamento ou conduta de agressividade entre alunos, constituindo-se como um comportamento agressivo, intencional e prejudicial que apresenta uma durabilidade pouco quantificável. Trata-se de um tipo de violência que tem a sua origem e se desenvolve em contexto escolar, de ordem física, psicológica ou verbal, perpetrada por um indivíduo ou um grupo face a outro indivíduo ou grupo que não possui em si mesmo capacidades de defesa (Ramirez, 2001)

Olweus (1999) define bullying como um comportamento agressivo e de intimidação que revela uma série de características comuns, de entre as quais se podem destacar as estratégias de intimidação do outro, seguindo-se da presença de práticas violentas exercidas por um indivíduo ou por pequenos grupos. Estas práticas e estratégias apresentam-se como regulares e frequentes, assumindo a forma de agressão individual ou de grupo. De facto, trata-se de

comportamentos agressivos de intimidação ao outro que resulta da manifestação de práticas violentas exercidas por um individuo ou por pequenos grupos, de forma regular e frequente (Pereira, 2006). Também Smith e Sharp (1994) definem o termo como o abuso sistemático de poder entre pares ou um processo de agressão intencional e repetido.

O termo bullying veio, de certa forma, substituir o conceito mais amplo de agressão escolar, sendo adoptado por países de expressão anglo-saxónica, eliminando assim a atribuição de inúmeros vocábulos para a descrição de um mesmo comportamento. Esta homogeneidade da utilização do conceito parece englobar em si mesmo uma série de vocábulos, que se traduzem em comportamentos como maltratar, agredir, violentar, humilhar, assediar e abusar (Pereira, 2006).



Assim sendo, por bullying podemos entender a agressividade entre pares de forma continuada e intencional (Olweus, 1993; Smith e Sharp, 1994), isto é, o abuso sistemático do poder entre pares, refletindo-se sobre a forma de um comportamento agressivo, maldoso, intencional e persistente que pode durar semanas, meses ou anos, em que as vítimas se encontram, na grande generalidade, numa situação de defesa pessoal difícil (Smith & Sharp, 1994).

Os atos de bullying apresentam uma série de características: primeiro, são comportamentos produzidos de forma repetitiva por um período prolongado de tempo contra uma determinada vítima (s). Segundo, representam sempre uma relação de desequilíbrio de poder, o que torna difícil a adopção de atitudes de defesa por parte da vítima e, por último, ocorrem quase sempre sem motivação

aparente, o que o torna num comportamento deliberado com o objetivo principal de causar danos aos outros (Barros et al. 2009).

Carvalhosa e colaboradores (2001) referem que a conceptualização do conceito de bullying nem sempre se revela consensual. De entre os diversos investigadores sobre o tema, existe sempre a homogeneidade em referir-se a este comportamento como um ato de agressão, no entanto nem todos concordam que a agressão se refere apenas a comportamentos de origem física, salientando também a agressão psicológica e a indisciplina. Esta ausência de consensualidade entre os investigadores pode traduzir-se em dificuldades conceptuais, que por sua vez se podem traduzir em dificuldades de aplicabilidade prática de técnicas de intervenção neste contexto. Assim sendo, parece prudente referir que qualquer que seja a forma sobre a qual a violência escolar se manifeste, é de extrema importância que contemple em si mesma diversos fatores, sejam eles de ordem física ou psicológica, dado que só assim qualquer âmbito de intervenção se poderá revelar eficaz.

#### **4. TIPOS DE AGRESSÃO**

Saber diferenciar e classificar os tipos de agressão é um dos primeiros passos para combater o bullying em sala de aula. Durante o convívio escolar, o professor presencia diversos tipos de situações provocadas pelos alunos e muitos desses atos são julgados como indisciplina e não recebem a devida atenção. Cléo Fante (2005, p 158 a 161) classifica os tipos de agressão, com o intuito de ajudar o profissional da educação a identificar os tipos de violência relacionados ao bullying. Vejamos quais são elas:

- Física: bater, empurrar, perseguir, amedrontar,
- Verbal: insultar, ofender, falar mal, colocar apelidos pejorativos.
- Material: roubar, extorquir ou destruir os pertences da vítima.

- Psicológica e moral: humilhar, excluir, chantagear, intimidar, difamar.
- Sexual: abusar, violentar, assediar, insinuar
- Virtual ou Cyberbullying: É a divulgação e/ou realização de agressões por meio de ferramentas tecnológicas. (celulares, filmadoras, redes sociais da internet, sites de vídeos, etc).



## 5. COMO IDENTIFICAR AS VÍTIMAS

Em 2009, uma pesquisa realizada pela Pesquisa Plan envolveu 5.168 estudantes e mostrou que 50% dos casos de bullying ocorrem em sala da aula. O estudo também mostrou que 12% das vítimas são meninos, e 7% são meninas. De acordo com o Relatório Internacional da Saúde Mental, o bullying é um problema mundial: cerca de 10% das vítimas sofrem abusos praticados por colegas, várias vezes por mês. Em se tratando de gênero, os casos de meninas envolvidas são menores, pois se restringem às chamadas “fofoquinhas” ou bullying verbal; já com as vítimas, não há essa diferença, pois, tanto meninos quanto meninas podem sofrer agressões.

O bullying não pode existir sem que haja a quem ele é direcionado: a vítima. Tratando-se dela, segundo Olweus (1993) são identificados dois tipos:

- As passivas ou submissas são ansiosas, inseguras, sensíveis e quietas. Sofrem de baixa autoestima, têm uma visão negativa de si mesmas, não são agressivas e não provocam os outros alunos. Quando agredidas reagem chorando ou se afastando dos agressores sejam eles primários ou secundários.
- As provocativas apresentam, ao mesmo tempo, ansiedade e reações agressivas, podendo praticar bullying contra outras crianças.

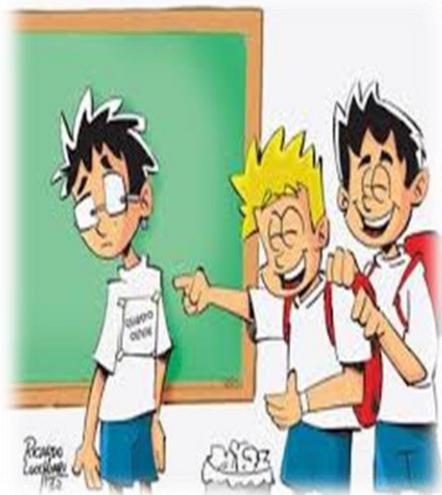
As vítimas podem receber classificações diferentes, porém ambas podem sofrer o mesmo tipo de violência. Essa classificação se dá, de acordo a reação de cada uma delas. Cléo Fante afirma que:

Na maioria das vezes as vítimas sofrem caladas por vergonha de se exporem ou por medo de represálias dos seus agressores, tornando-se reféns de emoções traumáticas e destrutivas, como medo, insegurança, raiva, pensamentos de vingança e de suicídio, além de fobias sociais e outras reações que impedem seu bom desenvolvimento escolar. (FANTE, 2005, p. 16).

O silêncio é um grande aliado dos agressores; geralmente, as vítimas sentem vergonha e medo de relatar as agressões, e isso faz com que o agressor sinta-se à vontade para continuar sua prática. É comum notar nas vítimas traços depressivos e redução do desempenho escolar; muitas delas não sentem vontade de ir à escola, fingem-se de doente, ou se apoiam em qualquer pretexto que as afaste da sala de aula. No recreio passam a maior parte do tempo sozinhas, temendo qualquer tipo de convívio social.

Normalmente, os alunos visados para serem as vítimas são aqueles que possuem alguma diferença em relação ao grupo, como obesidade, deficiência física, inteligência acima da média ou dificuldades de aprendizagem. Segundo Lopes Neto (2004), a escola é de grande significância para as crianças e as que não gostam dela tem a maior probabilidade de apresentar desempenho

insatisfatório, por estes motivos é que a aceitação por parte dos companheiros é fundamental para um bom desempenho escolar;



As crianças vítimas de bullying podem apresentar as seguintes características de acordo com uma pesquisa realizada pela ABRAPIA no ano de 2003: de uma hora para outra começa a não frequentar mais as aulas regularmente, pedem para trocar de classe, apresentam manifestações de baixa estima, sofrem queda no rendimento escolar.

Segundo Lopes Neto (2004) as vítimas, em sua maioria tem medo de reagir às agressões, devido a sua baixa estima. O tempo e a regularidade das agressões contribuem fortemente para o agravamento dos efeitos. Para Fante (2005) o medo, a tensão e a preocupação com sua imagem podem comprometer o desenvolvimento acadêmico, além de aumentar a ansiedade, insegurança e o conceito negativo de si mesmo.

Para Maruyama (2004) as vítimas têm algumas características próprias entre elas. Podem ser consideradas pessoas que não conseguem se defender sozinha, tímida, insegura e até emotiva. Essas características deixam aparecer que são presas fáceis que raramente vão revidar aos ataques. Sempre se isolam do grupo e tem medo de falar das agressões que sofrem para os outros. Também as vítimas são pessoas mais propícias de se envolverem com as drogas, ataques suicidas e homicidas na tentativa de reagir à tamanho sofrimento da sua

maneira sem procurar ajuda, com medo, muitas das vezes levando-a a acabar com a sua própria vida.

Existem vários tipos de definições de vítimas, entre elas a vítima provocadora que é considerada o famoso abusadinho o gênio ruim da escola, mas não consegue em contrapartida se defender quando insultado ou agredido. E a vítima agressora é aquela que já sofreu bullying que um dia foi atacada e para se vingar passa a agir da mesma forma que lhe atacaram.

Logo a vítima é o indivíduo que mais sofre, pois quando se é vítima ao contrário do agressor não há prazer, alegria entre outros sentimentos de heroísmo e conquista e sim há muita dor, tristeza, decepção, sentimentos estes que podem por fim a vida de qualquer um.

As vítimas típicas são aqueles que apresentam pouca habilidade de socialização, são retraídos ou tímidos e não dispõem de recursos, status ou habilidades para reagir ou fazer cessar as condutas agressivas contra si. Geralmente apresentam aspecto físico mais frágil ou algum traço ou característica que os diferencia dos demais. Demonstram insegurança, coordenação motora pouco desenvolvida, extrema sensibilidade, passividade, submissão, baixa auto-estima, dificuldade de auto-afirmação e de auto-expressão, ansiedade, irritação e aspectos depressivos. No entanto, é preciso salientar que o fato de algum aluno apresentar essas características não significa que seja ou venha a ser vítima de bullying (FANTE 2010 p.37)

Os alvos são pessoas ou grupos que são prejudicados ou que sofrem as consequências dos comportamentos de outros e que não dispõem de recursos, status ou habilidade para reagir ou fazer cessar os atos danosos contra si. São, geralmente, pouco sociáveis. Um forte sentimento de insegurança os impede de solicitar ajuda. São pessoas sem esperança quanto às possibilidades de se adequarem ao grupo. A baixa auto-estima é agravada por intervenções críticas ou pela indiferença dos adultos sobre seu sofrimento. Alguns creem ser merecedores do que lhes é imposto. Têm poucos amigos, são passivos, quietos e não reagem efetivamente aos atos de agressividade sofridos. Muitos passam a ter baixo desempenho escolar, resistem ou recusam-se a ir para a escola, chegando a simular doenças. Trocam de colégio com frequência, ou abandonam os estudos. Há jovens que extrema depressão acabam tentando ou cometendo o suicídio.(ABRAPIA)

As vítimas escolhidas para sofrer os maus tratos dos agressores estão sempre em desvantagem no momento da agressão. Não reagem aos insultos e quando pensam em reagir não confiam em si mesmo, e acabam sofrendo calada. Lopes Neto fala sobre a vítima:

Em geral, não dispõe de recursos, status ou habilidade para reagir ou cessar o bullying. Geralmente, é pouco sociável, inseguro e desesperançado quanto à possibilidade de adequação ao grupo. Sua baixa auto-estima é agravada por críticas dos adultos sobre a sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Tem poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Sua auto-estima pode estar tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus-tratos sofridos (Lopes Neto 2009).

Segundo SILVA, a vítima:

Caracteriza-se pelo medo intenso de frequentar a escola, ocasionado repetências por faltas, problemas de aprendizagem e/ou evasão escolar. Quem sofre de fobia escolar passa a apresentar diversos sintomas psicossomáticos e todas as reações do transtorno do pânico, dentro da própria escola; ou seja, a pessoa não consegue permanecer no ambiente onde as lembranças são traumatizantes. Muitas podem ser as causas da fobia escolar: problemas emocionais no ambiente doméstico; ansiedade de separação – quando a criança se vê separada dos pais e teme pelo novo ambiente que terá que enfrentar; problemas físicos e psíquicos; e a prática do bullying. Em relação a esta última, inevitavelmente, todos saem perdendo: a criança, os pais, a escola, a sociedade como um todo. Quem desiste precocemente da escola perde a oportunidade de construir uma base sólida para a descoberta e o desenvolvimento de seus talentos essenciais, alterando a rota de seus propósitos existenciais e sociais (Silva 2009 p.26-27).

Para tanto percebe-se que as vítimas tem características próprias e muitas vezes que se diferenciam de todo o grupo, sendo tímidos, por se destacarem nas matérias de cunho intelectual e não em esforços físicos, encontram-se a maioria das vezes sozinhos, perto de adultos, com vergonha, não se socializam, começam a ter várias faltas, perdem o interesse pela escola, enfim, as vítimas

podem ser caracterizadas como pessoas com diferentes características que não agrada a uma pessoa ou a um grupo que se sente no direito de ir e humilhar e tornar a vida desta um verdadeiro tormento.

## **6. COMO IDENTIFICAR OS AGRESSORES**

Denomina-se bully aquelas pessoas que cometem as agressões. De acordo com Lopes Neto (2004), o bully é tipicamente popular, tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos anti-sociais, pode mostrar-se agressivo inclusive com adultos, vê a sua agressividade como uma qualidade. A ABRAPIA mostra que 29% dos autores comentem as agressões por brincadeira sem se darem conta dos danos emocionais que causam nas vítimas. De acordo com Fante, o bully do bullying pode manter um pequeno grupo em torno de si, no qual atuam como auxiliadores em suas agressões. Os alunos identificados como seguidores raramente tomam as iniciativas das agressões. Fazem isto pelo mero prazer de pertencer ao grupo dominante.

Estudos mostram características comuns entre agressores, afirma Fante (2005, p.71 a 74). O conhecimento delas facilita a identificação do agressor no contexto escolar. Como o nome já diz, a agressividade é uma dessas características. O aluno pode ser agressivo com os colegas, com os adultos, inclusive com os professores. Alguns apenas reproduzem o modo como são tratados no ambiente familiar.

Em geral, os alunos que praticam o bullying são impulsivos; os primeiros a fazer piada dos mais variados temas. Sentem necessidade de dominar os outros e, muitas vezes, fazem uma avaliação positiva de si mesmas. Essas características são detectadas tanto em agressores masculinos quanto em femininos. Todavia, em relação às meninas, podem existir diferenças, como no caso do bullying verbal e/ou psicológico/moral que pode ser configurado sem a

presença da vítima e sem agressividade ou impulsividade. As conhecidas “rodinhas de fofoca” podem surgir no ambiente escolar tanto dentro quanto fora da sala de aula; as alunas criam apelidos pejorativos ou mentiras (difamação) sobre colegas. A agressão aqui consiste em rir, apontar ou espalhar para a escola. Essa é uma agressão silenciosa, portanto, mais fácil de ser identificada a vítima do que seus agressores.

O autor de bullying é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos anti-sociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Além disso, pode existir um "componente benéfico" em sua conduta, como ganhos sociais e materiais. São menos satisfeitos com a escola e a família, mais propensos ao absentismo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar, etc). As possibilidades são maiores em crianças ou adolescentes que adotam atitudes anti-sociais antes da puberdade e por longo tempo (Lopes Neto 2009 p. 26-27).

O bullying terá mais sentido e/ou motivo para quem o pratica, quando o ato tem resposta imediata ou posterior, fazendo com que os colegas sejam cúmplices, quando riem, aplaudem e imitam, ou cumparam as ordens do agressor. Assim, são chamados de Agressores Secundários, pois não tomam a iniciativa nas agressões. Pode existir ainda o agressor que age como um mediador, que, de forma um pouco mais discreta, incentiva o outro à prática do bullying, como, por exemplo, pedindo para criar um apelido maldoso, bater, etc. A vítima se sente atacada por todos os tipos de agressor.

O bully quase sempre não age sozinho, mas em grupo ou melhor dizendo em bando. Utiliza-se do poder para aterrorizar e juntar seguidores que também se sentem “ameaçados”. Makaron traz em seu artigo: *Bullying: Como Enfrentá-lo*, uma referência sobre o agressor que diz:

O intimidador é aquele sádico que põe em ação a sua malvadeza cujo traço principal é a covardia. Isso mesmo, o intimidador é,

acima de tudo, um covarde, mas não por isso menos maléfico. Sua estratégia de ação é manipular palavras e pessoas. Tenta formar um pequeno exército que também deve se voltar contra a vítima. Ao perceber-se capaz de acuar e anular alguém sente-se poderoso e triunfante( Makaron 2010 p. 06).

O bully quer demonstrar domínio e força diante dos outros e para que isso aconteça, escolhe para ser seu alvo, os mais fracos, o tímido, o gordinho, o que usa óculos, o novato, o que tem alguma deficiência, entre outros, sobre estes alunos o agressor se torna o bullies, o maioral, o melhor e perverso, o malvado. Ele age premeditadamente por algum motivo em específico ou pela simples vontade de mostrar que tem o poder.

Aquele que vitimiza os mais fracos. O agressor, de ambos os sexos, costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente, é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelos para solucionar os conflitos.

O agressor normalmente se apresenta mais forte que seus companheiros de classe e que suas vítimas em particular; pode ter mesma idade ou ser um pouco mais velho que suas vítimas; pode ser fisicamente superior nas brincadeiras, nos esportes e nas brigas, sobretudo no caso dos meninos. Ele sente uma necessidade imperiosa de dominar e subjugar os outros, de se impor mediante o poder e a ameaça e de conseguir aquilo a que se propõe. Pode vangloriar-se de sua superioridade real ou imaginária sobre outros alunos. É mau caráter, impulsivo, irrita-se facilmente e tem baixa resistência às frustrações. Custa adaptar-se às normas; não aceita ser contrariado, não tolera os atrasos e pode tentar beneficiar-se de artimanhas na hora das avaliações. É considerado malvado duro e mostra pouca simpatia para com suas vítimas. Adota condutas anti-sociais, incluindo o roubo, o vandalismo e o uso de álcool, além de se sentir atraído por más companhias. Seu rendimento escolar, nas séries iniciais, pode ser normal ou estar acima da média; nas demais séries, em geral ainda que não necessariamente, obtém notas mais baixas e desenvolve atitudes negativas para com a escola (FANTE, 2005 p.73).

Para Silva (2011), o bully pode ser de qualquer sexo, tem características de caráter violento, é perverso, age sempre usando a força e a agressividade, ele não respeita leis, normas e não aceita ser contrariado. Logo o bully não deixa de ser uma vítima da situação e precisa tanto quando a vítima de ajuda e tratamento. A ABRAPIA se manifestou a respeito dizendo:

Os autores são, comumente, indivíduos que têm pouca empatia. Frequentemente, pertencem a famílias desestruturadas, nas quais há pouco relacionamento afetivo entre seus membros. Seus pais exercem uma supervisão pobre sobre eles, toleram e oferecem como modelo para solucionar conflitos o comportamento agressivo ou explosivo. Admite-se que os que praticam o BULLYING têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais e/ou violentos, podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinquentes ou criminosas.(Abrapia).

Para FANTE os bullies:

São aqueles que se valem de sua força física ou habilidade psicoemocional para aterrorizar os mais fracos e indefesos. São prepotentes, arrogantes e estão sempre metidos em confusões e desentendimentos. Utilizam várias formas de maus-tratos para tornar-se populares, dentre elas as “zoaças”, os apelidos pejorativos, expressões de menosprezo e outras formas de ataques, inclusive os físicos. Podem ser alunos com grande capacidade de liderança e persuasão, que usam de suas habilidades para submeter outro(s) ao seu domínio ( Fante 2005 p.60).

O bullies causa transtorno a todos, inclusive a seus pais, portanto todos precisam de ajuda, acompanhamento e tratamento. Em muitos casos os pais quando avisados do comportamento agressivo de seu filho não reconhecem, sendo que em casa os filhos tem outras atitudes. Eles não têm limites, o fim para o bully é a destruição do outro, querem medir força e sempre ganhar, querem se destacar em algo, o que infelizmente não o torna campeão de nada.

## **7. A TESTEMUNHA**

Estes são os que menos sabem que fazem parte do fenômeno do bullying. Procuram se manterem afastados dos agressores e das vítimas, não ajudando nenhuma das partes, porém não deixam de ser espectadores das agressões e se calam, também com medo de serem agredidos. A maioria das testemunhas, por vários motivos finge não ver as agressões.

Segundo Silva (2009) as testemunhas são aqueles alunos que veem as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso: não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores. Podendo dividir as testemunhas em três grupos: As testemunhas passivas, que em geral assumem essa postura por medo absoluto de se tornarem a próxima vítima. Recebem ameaças eles não concordam e até repelem as atitudes dos bullies; no entanto, ficam de mãos atadas para tomar qualquer atitude em defesa das vítimas. Nesse grupo encontram-se aqueles que, ao presenciarem cenas de violência ou que trazem embaraços aos colegas, estão propensos a sofrer as consequências psíquicas, uma vez que suas estruturas psicológicas também são frágeis. Já as Testemunhas ativas, estão inclusas neste grupo os alunos, que apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam apoio moral aos agressores, com risadas e palavras de incentivo. Não se envolvem diretamente, mas isso não significa, em absoluto, que deixam de se divertir com o que veem. É importante ressaltar que misturados as testemunhas podemos encontrar os verdadeiros articuladores dos ataques, perfeitamente camuflados de bons moços. Eles tramaram tudo e, agora, estão apenas observando e se divertindo ao verem o circo pegar fogo. E também existem as testemunhas neutras, dentre eles pode-se perceber os alunos, que por uma questão sociocultural não demonstram sensibilidade pelas situações de bullying que presenciam.

Seja lá como for, os espectadores, em sua grande maioria, se omitem em face dos ataques de bullying. Vale a pena salientar que a omissão, nesses casos, também se configura em uma ação imoral e/ou criminosa, tal qual a omissão de socorro diante de uma vítima de um acidente de trânsito. A omissão só faz alimentar

a impunidade e contribuir para o crescimento da violência por parte de quem a pratica, ajudando a fechar a ciranda perversa dos atos de bullying (Silva 2009 p. 46).

Lopes Neto descreve as testemunhas da seguinte forma:

A forma como reagem ao bullying permite classificá-los como auxiliares (participam ativamente da agressão), incentivadores (incitam e estimulam o autor), observadores (só observam ou se afastam) ou defensores (protegem o alvo ou chamam um adulto para interromper a agressão) (2011 p. 48).

O bullying afeta a todos independentemente do grau de participação. Esse fenômeno atrapalha o crescimento das crianças e traz sérias consequências para a sociedade.



## MÓDULO II - BULLYING NO CONTEXTO

## **8. AGRESSÃO EM CONTEXTO ESCOLAR: POSSÍVEIS EXPLICAÇÕES**

Durante muitos anos não foi atribuída grande importância às situações de violência ocorridas em contexto escolar, o que também se encontra relacionado com o facto de a presença de agressões neste contexto se apresentar como praticamente inexistentes. De acordo com os dados apresentados por Abreu (1998) o aumento da agressividade em contexto escolar parece estar diretamente relacionado com a mudança quantitativa ocorrida no sistema educativo: o alargamento da escolaridade obrigatória até aos 15 anos. No entanto, o autor revela ainda que não podemos utilizar esta mudança como um fator explicativo do fenómeno da agressão, mas sim como uma condição potenciadora para a exacerbação de sentimentos de frustração e insatisfação por parte dos alunos, em que o seu acumular pode originar ao desenvolvimento de condutas agressivas por parte destes.

Neste sentido, encontramos referências por parte de outros autores ao facto de que as mudanças verificadas no meio escolar se possam traduzir em dificuldades acrescidas para as crianças e potenciadoras do desenvolvimento de condutas agressivas ou sentimentos de insegurança. De acordo com Santos (2004) as crianças estão frequentemente sujeitas a mudanças escolares, sejam em termos de espaços físicos, seja em termos curriculares, o que poderá originar a presença de ritmos escolares desadequados, exigentes e controladores.

Neste sentido, esta mesma autora revela que o contexto escolar apresenta-se e aparece cada vez distanciando do contexto sociocultural no qual está inserido, dado que cada vez mais o interesse parece estar em repartir os alunos por disciplinas, sem que estes tenham a possibilidade de estabelecer qualquer tipo de contato com a comunidade na qual se inserem. Desta forma, parece que a escola se apresenta apenas como um espaço destinado à transmissão de conhecimentos teóricos através da repetição e memorização, ignorando outros fatores como o desenvolvimento cognitivo e emocional do

aluno, não recorrendo por isso a metodologias centradas no desenvolvimento e promoção da autonomia, reflexão, espírito crítico, trabalho cooperativo e criatividade (Santos, 2004).

Contudo, não podemos assumir que a presença de agressividade em contexto escolar esteja diretamente associada a uma relação causa-efeito entre as duas variáveis em questão. De acordo com Sousa (2006) a escola pode ser propiciadora de condições favoráveis para a presença de comportamento de agressão nos seus elementos, em que segundo Abreu (1998) “a escola é geradora de condições de violência (...) por intermédio de práticas de avaliação (...) que conduzem à exclusão, à desvalorização pessoal e à acumulação de situações de fracasso” (p. 137). Esta afirmação parece ir ao encontro da concepção de que a escola deve ser entendida como a principal responsável pelo assegurar a transmissão de conhecimentos e classificação dos alunos através da avaliação dos seus conhecimentos, ignorando assim o seu papel de agente de socialização, isto é, a escola não centra as suas funções no desenvolvimento de relações interpessoais e afetivas, mas sim no rendimento escolar dos seus alunos (Sousa, 2006).

Autores como Costa & Vale (1998) referem que a escola se apresenta como um contexto gerador de agressividade pelas suas próprias dinâmicas organizacionais e relacionais. Ainda ao encontro desta perspectiva, Santos (2004) atreve-se a referir que a escola não se apresenta como um meio capaz de responder às expectativas, motivações e projectos dos seus alunos, dado que ela mesma discrimina e marginaliza aqueles que dela se afastam. Esta autora vai ainda mais longe ao acusar a escola de adulterar a identidade do ensino, pelo simples facto de incentivar à competitividade crescente que apenas terminará com o ingresso no ensino superior. Acusa-a ainda de não promover a comunicação e a identificação com ela, o que a torna o espaço privilegiado para o desenvolvimento de comportamentos violentos entre os seus elementos.

Santos (2004) salienta ainda que ao nível da formação pessoal, as escolas não procura promover práticas ativas que permitam a correta aplicação no contexto real e quotidiano do aluno, recorrendo a metodologias pedagógicas que não promovem a transformação do papel do aluno na escola. Ressalta ainda que a própria agressividade em contexto escolar é promovida e perpetuada pelos próprios funcionários e professores, que recorrem muitas das vezes a agressões físicas sobre as crianças, sendo apresentada como uma agressividade simbólica presente no constante controlo que exercem sobre os alunos, o que apenas demonstra o desrespeito, a prepotência, o controlo da privacidade e o preconceito que detêm sobre estes.

Assim sendo, estas formas de agressão mencionadas pela autora tornam-se visíveis na relação pedagógica, na organização curricular, na imposição de regras não justificadas, no controlo da circulação dentro do espaço escolar e na dependência que se procura criar entre professor e aluno, sendo que este último (o professor) apresenta-se quase sempre como um elemento privilegiado nesta relação, uma vez que os seu abuso de poder sobre os seus educandos apresenta-se sobre uma forma inconsciente e que ao mesmo tempo ele considera benéfica para as crianças (Sousa, 2006). Por outras palavras, os adultos presentes no próprio contexto escolar parecem apresentar-se como os principais modelos para as práticas de agressão, dado que eles mesmos através de atitudes e comportamentos intensificam e quase que dão uma espécie de autorização para que alunos apresentem esse tipo de comportamentos entre si.

Para concluir, podemos dizer que embora o contexto escolar se possa apresentar como um meio quase que privilegiado para a agressividade, é possível implementar neste uma série de estratégias que promovam mudanças a nível qualitativa e quantitativo ao nível da motivação, métodos de ensino e aprendizagem, dado que o desfasamento entre o enquadramento legal e a prática educativa é elevado, dado que as reformas sucedem-se centrando-se quase em exclusivo nos conteúdos a transmitir e não no modo como estes devem ser

aprendidos e ensinados (Abreu, 1998). Assim sendo, avaliar e intervir ao nível da agressividade em contexto escolar implica que tenha que existir cooperação entre os diferentes elementos intervenientes, assim como aceitar que é necessário proceder a algumas adaptações para que promovam no aluno o desejo de frequentar a escola, sem medo das represálias que daí poderão advir.

## **9. O PAPEL DA ESCOLA**

A escola apresenta a tendência para concentrar a sua atenção nas crianças/ jovens agressores, dado que estes são aqueles que apresentam os comportamentos mais evidentes de perturbação do ambiente escolar, ou seja, são estes que afetam de forma negativa o clima da turma e o funcionamento normal da escola. Mas mesmo assim, com esta atenção quase que redobrada sobre os agressores, a presença de medidas para estes continuam a ser ignorada, revelando-se na maior parte das vezes como inadequadas ou pouco eficazes (Pereira, 2006).

Os recreios escolares apresentam-se como os locais privilegiados para a prática do bullying.

É aqui que estes problemas se apresentam como mais frequentes em comparação com qualquer outro espaço da escola, como os corredores ou salas de aula. Esta realidade parece estar diretamente relacionada, como refere Pereira (2006) com o facto de que neste local existe pouca supervisão por parte dos adultos sobretudo em escolas do 2º, 3º Ciclos e Secundário (o mesmo não se verifica nos Jardins de Infância, Creches ou escolas do 1º Ciclo). De facto, a autora salienta que o bullying se apresenta como uma prática comum em grande parte das escolas, sejam estas de meio urbano ou meio rural, bem como de diferentes anos letivos, sendo que considera relevante a intervenção a partir da entrada no Jardim de Infância e nas escolas primárias como forma de intervenção primária de prevenção do bullying.

Antes de mais, o papel da escola deve ser mediador e avaliador, ou seja, torna-se pertinente que a escola seja capaz de avaliar se se apresenta como um meio propício à violência, assim como avaliar se os seus alunos são agressores ou vítimas de agressão. De acordo com Fonseca (1983) existem diferentes métodos para proceder à avaliação da presença de agressividade na escola. De entre diferentes métodos ressalta que o primeiro passaria pela aplicação de um conjunto de tarefas estruturadas para os indivíduos com o objetivo principal de testar hipóteses específicas, formuladas previamente com base num quadro de referência teórico. Estas tarefas teriam como objetivo aceder às percepções que os indivíduos teriam sobre os diferentes aspectos da interação social.



As tarefas, baseadas numa perspectiva da aplicação prática do método experimental, consistiriam em histórias hipotéticas, dilemas morais, resolução de problemas ou outras, nas quais deveria estar presente as relações entre as personagens. No final da realização destas tarefas, o indivíduo seria alvo de uma entrevista pessoal como forma de avaliar o modo como este reage e avalia situações e quais as justificações que utiliza para as corroborar (Fonseca, 1983).

Segundo Fonseca (1983), a observação direta e sistemática também se apresentaria como um bom método a implementar nas escolas, uma vez que permitiria a análise direta das situações e comportamentos agressivos dos indivíduos no meio no qual estes ocorrem (observação naturalista) ou mesmo através da criação mais ou menos estruturas com o objectivo principal de avaliar o comportamento destes. Este método de observação direta tem por base as

concepções e trabalhos de Goodenough (1931), que colocou em evidência que recorrendo ao método de observação direta em contextos naturalistas ou estruturados, seria possível ao avaliador registar os comportamentos de interação que ocorrem de forma espontânea, o que evitaria os enviesamentos decorrentes de situações previamente criadas.

Também Ramirez (2001) apresenta uma série de formas de avaliação na escola que podem ser utilizadas. Antes de mais começa por referir que avaliar a agressividade na escola é passível com o recurso a uma série de medidas standardizadas, de entre as quais ressalta os questionários, as entrevistas e atividades individuais realizadas para e com os estudantes. De acordo com a autora, existem uma série de provas de avaliação disponíveis para avaliar a personalidade e as condutas agressivas, que podem ser utilizados. Aqui ressalta ainda que pode haver a necessidade de adaptar estes instrumentos à realidade escolar ou mesmo aos objetivos previamente definidos referentes a este problema.

De fato, Ramirez (2001) refere mesmo algumas das características que deverão estar presentes nestes questionários: dados referentes à identificação, nível de ensino, grupo, sexo, idade, estabelecer períodos de tempo concretos, oferecer itens que permitam distinguir as agressões que ocorrem dentro e fora da escola, assim como apresentar uma linguagem simples e com instruções claras, para que possa desta forma abarcar toda a comunidade escolar.

Por fim, a mesma autora não deixa de colocar em grande destaque o papel da entrevista individual como um método eficaz para a recolha de informação com o aluno. A situação de entrevista deve obedecer a critérios específicos, sendo que o seu objetivo deve ser explicado para evitar possíveis dificuldades posteriores por parte do aluno, tais como o cansaço ou temas que este considera desagradáveis (Ramirez, 2001).

Em suma, podemos dizer que os autores acima mencionados consideram de extrema relevância que a escola tenha em si mesma a capacidade para se avaliar e avaliar os seus alunos, pois só assim poderá obter informação concreta sobre a real extensão do problema de agressividade e violência com o qual poderá ter que lidar. Não é ao ignorar a presença de comportamentos agressivos que a escola se torna capaz de oferecer aos seus alunos as respostas.

## **10.O PROFESSOR**

Quando se refere ao bullying escolar fica evidente que se fala dos alunos, direção, funcionários mais principalmente da importância dos professores.

Este fenômeno está presente em quase todas as salas de aula e acontece na presença do professor. Isto acontece muitas vezes pelos professores não prestarem atenção nos alunos e estarem sobrecarregados, com salas superlotadas, conteúdos para ensinar, livro para preencher entre outros, ou por o professor não ter conhecimento do assunto.

Muitas vezes pode o professor mesmo chamar a atenção de um aluno de uma forma que o expõe e isso serve de exemplos para os outros, pensado que podem fazer igual e assim os fazem, e muitas vezes até pior. Para Lobo (1997) a crítica injusta é uma das formas de má comunicação, que provoca ressentimento, hostilidade e deterioração de desempenho, seja em que idade for.

Não se pode atribuir ao docente toda responsabilidade do bullying na sala de aula. Se o professor transmite aos alunos a importância do respeito, amizade e companheirismo podem mudar esta realidade.

O professor da forma com que se remete ao aluno pode acabar gerando casos de bullying. Isso pode acontecer de varias formas desde o chamar a atenção, dar risadas com as zombarias dos outros alunos, com piadas e apelidos, muitas vezes colocando ele mesmo apelidos, enfim o professor tem que ter

muito cuidado, pois ao invés de ser um parceiro, um interventor para ajudar na prevenção, pode acabar sendo um agressor mesmo sem ter a intenção. Essas atitudes são muito comuns no ambiente escolar e o professor sem se dar conta abriu brechas para a ocorrência do bullying na sala de aula.

De acordo com a pesquisa realizada, em 2009, pela Plan, constatou-se que 50% dos casos de bullying ocorrem em sala de aula. O estudo também mostrou que 68% dos casos ocorridos em sala de aula acontecem na presença do professor. Esses números são indicadores da responsabilidade do professor perante essa prática. A atitude por ele tomada servirá de exemplo aos demais alunos presentes e o exemplo pode ser tanto positivo quanto negativo.

No entanto, o professor pode não ser o único responsável por esse fenômeno social, porém está intimamente ligado a ele. No cotidiano escolar, suas ações podem ou não ocasionar situações propícias a essa prática. Pavan destaca a importância do papel do professor em sala de aula:

Ter consciência de que o papel do professor é de extrema importância para se obter na sala de aula um clima de respeito mútuo, fazendo com que os alunos entendam a importância de se respeitar o colega, de se dialogar ao invés de ofender e brigar é fundamental ao educador e futuro educador. (PAVAN, 2007 p. 45)

O convívio escolar deve ser levado em consideração, pois ele é parte fundamental no processo de ensino/aprendizagem e na formação do indivíduo. O aluno convive diariamente com o professor, muitas vezes mais do que convive com os pais ou outros membros da família. Morales (1999, p. 22) afirma que o professor atua como modelo de identificação e destaca:

Muitas coisas importantes na vida se aprendem quase inconscientemente, por imitação de modelos (aprende-se a ser homem ou a ser mulher; aprende-se até mesmo a ser professor...; repetem-se condutas vistas em outros, internalizadas, aprovadas pela cultura ambiental).

Sua postura pode muitas vezes sentenciar o indivíduo e suas atitudes; assim, para uma melhor conduta e um melhor aprendizado é necessário que haja no ambiente escolar uma perspectiva de igualdade entre seus membros. É importante que a diversidade seja trabalhada, de forma positiva, em sala de aula, fazendo com que o aluno reflita sobre o problema, evitando que as diferenças possam gerar conflitos e, posteriormente, sejam potencializados em forma de agressão.



## 11. CONSEQUÊNCIAS DO BULLYING

O bullying causa grandes consequências em todos os âmbitos e para todos os agentes, sendo a vítima o seu maior prejudicado, que muitas vezes além de todos os sofrimentos já passados, não conseguem superá-los, carregam esses traumas por toda a vida, e muitas vezes preferem à morte.

Segundo FANTE (2005) as vítimas podem sofrer por muito tempo no ambiente escolar, sem que nenhum responsável saiba do seu sofrimento.

O bullying provoca inúmeras consequências que podem gerar grandes traumas, que pode depender da estrutura familiar e psicológica para ser superado o que nem sempre acontece, e em alguns casos leva a morte.

Muitas vítimas passam a ter baixo desempenho escolar, apresentam queda no rendimento escolar, déficits de concentração, prejuízos no processo de aprendizagem, resistem ou recusam-se a ir para a escola, trocam de colégios com frequência ou abandonam os estudos. No âmbito da saúde física e emocional, a vítima acaba desenvolvendo uma severa depressão, estresse, pânico, fobias, distúrbios psicossomáticos, podendo chegar a tentar ou cometer o suicídio (Fante 2002 p. 89).

Para Pereira (2005) as vítimas muitas vezes não falam da violência que estão sofrendo por medo de represaria e por vergonha, e até mesmo por não confiar que as pessoas podem ajudar. Com isso começa a manifestar nas vítimas o pensamento de vingança e até de suicídio, comportamentos agressivos e violentos que prejudicam a si mesmo e a toda sociedade.

As vítimas não sofrem consequências apenas na sua vida escolar, estes alunos sofrem dificuldades por toda a sua vida, devido a sua baixa auto-estima, e saúde emocional abalada. A vítima do bullying se torna uma pessoa insegura em tudo na sua vida, desde a sua aparência física até nas decisões a tomar.

Para Fante (2005), o bully é aquele que não se adapta a escola e seus objetivos, fazendo da violência à única forma de chamar a atenção, conseguir seus objetivos e ter poder. O que pode levar o indivíduo a um futuro não muito promissor sendo o mesmo já inserido no mundo do crime, que adota um comportamento delinquente como: agressão, drogas, furtos entre outros. Acreditando ele que agindo com violência e força conseguirá tudo o que deseja, já que foi assim na sua época escolar.

Para os agressores, ocorre o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares, à supervalorização da violência como forma de obtenção de poder. Crianças que repetem atos de intolerância e de violência para com o outro podem estar sendo reforçadas pelos pais, que as veem positivamente como espertas, machões, bonzões, ou por grupos que usam a intolerância, a discriminação e a violência como meios de expressão e de afirmação da identidade narcísica. Admite-se que os que praticam o bullying têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais e/ou violentos, podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinquentes e criminosas ( Fante 2005 p.81).

Os agressores geralmente são os mais fortes da turma, os mandões, aqueles que não toleram desaforos e fazem ameaças constantes, logo isso o tornará um adulto insuportável que o levará sempre ao conflito quando alguém

não faz aquilo que lhe é pedido, podendo o mesmo entrar para o mundo do crime.

Não se pode pensar que apenas as vítimas e os agressores são os únicos prejudicados no bullying, as testemunhas também são, pois vivem em constante tensão e medo de serem escolhidas como as próximas vítimas e ainda sofrem com a dor dos outros.

## **12. ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO**

Intervir em contexto escolar pode apresentar-se como uma tarefa mais ou menos complicada e que irá necessitar da colaboração de vários intervenientes, assim como da consciencialização de que a escola poderá apresentar um problema grave nos seus corredores e dentro das salas de aula. Nem sempre é fácil para o contexto escolar admitir que tem um problema com os seus alunos. Avaliar e investigar o contexto escolar em termos de agressividade afigura-se como um elemento central antes de todo o processo de intervenção, sendo por isso a escola responsável por criar as condições que permitam aos diferentes intervenientes no seu contexto auxiliar neste processo de combate à violência em contexto escolar.

Assim sendo, iremos partir da apresentação de algumas técnicas de intervenção sugeridas por autores que procuram estudar o fenómeno e impacto deste no contexto escolar, sendo que posteriormente será apresentada a nossa concepção de intervenção no contexto da violência escolar e bullying.

Abreu (1998) partindo de uma perspectiva mais freudiana das pulsões, refere que a prevenção dos comportamentos de violência em contexto escolar passa por estimular a capacidade de controlo e inibição das pulsões. Desta forma, refere que antes de mais torna-se importante conhecer os mecanismos

fisiológicos inerentes ao comportamento humano relacionados com o afastamento perante possíveis agressões e a possibilidade de catarse, ou seja, criar um espaço no qual seja permitido ao indivíduo libertar-se da sua energia, força e emoções, salientando aqui a importância do estabelecimento de relações de amizade e conhecimento com indivíduos de etnias e grupos sociais diferentes; usando a cooperação como meio para prevenir os comportamentos agressivos.

Partindo destes pressupostos, Abreu (1998) fala da importância do riso, do humor e dos fatores culturais como fundamentais para a integração do indivíduo na sociedade e no contexto sociocultural, apresentando este contexto quase como uma necessidade para a prevenção, uma vez que permitirá ao aluno desenvolver as suas relações sócio-afectivas em outros contextos que não a escola, sentindo-se responsável por essas mesmas relações, aprendendo desta forma a não segregar aqueles que se encontram à sua volta.

O insucesso escolar também se apresenta como um fator que poderá exercer influência no desenvolvimento de condutas agressivas entre os alunos. De fato, alunos com taxas de insucesso escolar parecem apresentar uma maior propensão para o desenvolvimento de comportamentos agressivos para com os seus colegas e para com o ambiente escolar, sendo por isso necessário intervir ao nível das interações que poderão influenciar o comportamento do aluno, de entre as quais destacamos as dinâmicas organizacionais e funcionais; mudanças ao nível dos programas e reformas curriculares; métodos de ensino e de avaliação. Basicamente, passaria por modificar algumas das concepções teóricas que ainda sustentam as práticas dominantes no ensino português, centrado quase que em exclusivo para a busca do sucesso educativo, ignorando ainda aspectos relacionados com o relacionamento interpessoal e com a necessidade de criar na escola um contexto diferenciado tendo em conta as características individuais dos seus alunos (Abreu, 1998).

Santos (2004) centra a sua atenção em sete fatores que considera de extrema importância no âmbito da prevenção de violência em contexto escolar: prevenção, sucesso educativo, materiais pedagógicos, espaços de debate, política educativa, intervenção e pesquisa e apoio psicossocial. De acordo com esta autora, a prevenção deveria passar pelo desenvolvimento de práticas educativas e de interação que fomentassem sentimentos de igualdade, justiça e reciprocidade em toda a comunidade educativa, sendo que prevenir não passaria apenas pela intervenção junto dos alunos, mas também dos restantes elementos da comunidade. Num primeiro momento, os objetivos da prevenção seriam o desenvolvimento de sentimentos positivos de generosidade, amabilidade e solidariedade, recorrendo a estratégias que procurassem incentivar a comparação entre pares e não a estigmatização em classes.

Uma outra estratégia passaria pela promoção do sucesso educativo, que se centraria em mudanças ao nível da organização estrutural e curricular do contexto escolar. De facto, Santos (2004) revela que para promover o sucesso educativo torna-se importante organizar turmas, modificar conteúdos, rever as orientações curriculares e estratégias de ensino, procurando desta forma adaptá-las aos saberes e conhecimentos dos alunos. Desta forma, invés de se promover a competitividade, deve-se procurar promover a cooperação através do recurso a metodologias pedagógicas que promovam a auto-confiança, auto-estima, assertividade, capacidade de antecipação e resolução de problemas.

Também os materiais pedagógicos existentes deveriam sofrer alterações, procurando colocar à disposição dos alunos materiais que promovessem a democracia, a solidariedade, a equidade e o respeito pelos direitos humanos. Aqui, associados aos materiais pedagógicos, tornar-se-ia importante criar um espaço de debate e discussão, no qual houvesse a possibilidade de confronto de ideias e reflexões, espaços estes nos quais os alunos seriam convidados a participar, como intervenientes ativos, procurando desta forma dar-lhes a conhecer as realidades do mundo atual e sociedade moderna (Santos, 2004).

Não pode deixar de ser referido que Santos (2004) considera que a prevenção da violência escolar passa por duas metas: a intervenção e a pesquisa. Com isto, a autora pretende dizer que não podemos realizar qualquer trabalho de intervenção sem antes pesquisar a realidade escolar na qual os profissionais e alunos se encontram inseridos. Só o conhecimento desta realidade escolar é que permitirá a criação de uma equipa multidisciplinar para a discussão e implementação de um projeto com vista o combate à agressividade. Será no contexto de intervenção que deve ser facultado aos agressores e às vítimas apoio psicossocial, que passaria pela criação e disponibilização de estruturas de auxílio e escuta para os alunos nos quais deveria ser promovida a segurança, auto-estima, proteção e sentimentos positivos.

Por fim, também Ramirez (2001) apresenta uma série de pressupostos com vista a intervenção em contexto escolar para a prevenção e combate à violência. Tal como defendem os autores acima mencionados, também este revela que antes de mais é importante intervir na instituição na globalidade e não apenas ao nível do professor, aluno agressor ou vítima. Desta forma, a intervenção em contexto escolar passaria pelo desenvolvimento de atividades que integrassem professores, alunos e funcionários, atividades estas que passariam, num primeiro momento, pela elaboração e implementação de uma série de normas de convivência, supervisão de condutas dos alunos, afixação de cartazes e revisão de currículos escolares.

Num segundo momento, a intervenção passaria pelo nível familiar, ou seja, a integração dos encarregados de educação em algumas das atividades de prevenção, de entre as quais se destacaria uma sessão de esclarecimento sobre o tema, no qual se daria principal relevância aos sintomas experienciados pelas vítimas e agressores. O objetivo desta sessão seria de inculcar nos pais a responsabilidade de estarem atentos aos comportamentos dos seus filhos, revelando qualquer sintoma que pudesse estar relacionado com a presença de bullying. Para esta comunicação entre escola e encarregados de educação ao

nível da prevenção da violência escolar, seria importante criar um espaço ao qual estes se pudessem dirigir, assim como englobar neste processo a direção escolar, a comissão pedagógica e os professores tutores (Ramirez, 2001).

Como é óbvio, parte do processo de prevenção passaria pela intervenção direta com os alunos implicados no fenómeno de violência, fosse em termos individuais, fosse a nível grupal/ turma. Esta parte da prevenção centrada nos alunos passaria por uma fase de análise da turma ou indivíduos implicados no fenómeno de agressão/ vitimização, sendo a partir dessa análise que seria construído um plano de trabalho específico para o aluno agressor e para a vítima, sendo que num último momento ambos se encontrariam. Só no fim de intervir a nível individual é que se passaria para uma intervenção ao nível da turma, para o incremento de uma atitude activa de cooperação na prevenção da violência e, claro, reprovação dos comportamentos agressivos (Ramirez, 2001).

Amado (2001) apresenta, também, uma espécie de síntese das estratégias de controlo e contra-estratégias a implementar no dia-a-dia no contexto escolar. Estas suas estratégias passariam pelos professores, pelos alunos, pelos estilos de ensino e metodologias, e, por fim, por procedimentos disciplinares. As estratégias ao nível dos professores passariam por: adaptar o ambiente de sala de aula às características da turma/ alunos; possibilitar a socialização e a necessidade da presença de normas para o estabelecimento de relações sociais; usar a dominação, a negociação e a confraternização como moeda de troca; ser ausente ou afastar-se da necessidade de intervir nos problemas dos alunos, ou seja, dar-lhes espaço para que resolvam os seus conflitos num primeiro momento, interferindo num segundo momento; estabelecer rotinas e rituais de trabalho; realizar algumas actividades lúdicas em sala de aula para motivar os alunos (terapia ocupacional) e promover um estilo de ensino que promova a elevação da moral dos alunos.

No que diz respeito aos alunos, Amado (2001) revela que estes podem ser conformistas e inconformistas face ao ambiente escolar. Para os primeiros,

o autor refere que utilizam estratégias de identificação e concordância; insinuação; oportunismo; ritualismo e colonização. Por seu turno, para os inconformistas, apresentam estratégias de afastamento, rebelião e intransigência. Neste sentido, a prevenção passaria pela acentuação da responsabilidade social do aluno nas suas escolhas.

Amado (2001), assim como Abreu (1998), Ramirez (2001) e Santos (2004) faz referência à importância de realizar adaptações estratégicas aos estilos de ensino e metodologias utilizadas pelos professores. Para isso, revela que existem quatro tipos de estratégias de ensino que estes poderiam utilizar, ao invés de oscilarem apenas em a severidade e a benevolência. Assim sendo, a primeira estratégia seria a de dominação, que passaria pela acentuação, em sala de aula, de relações de poder, em que o professor é o supra-sumo, estimulando assim a sua credibilidade e necessidade de respeito por parte dos alunos. Uma outra estratégia a assumir pelos professores seria a integração, que passaria por desenvolver com os alunos o diálogo, a cooperação e a amizade. Aqui, seria importante, acima de tudo, fazer com que os alunos entendessem que aquele adulto não deixaria de ser o seu professor. No caso em que o professor não consiga impor limites, esta apresenta-se como uma estratégia pouco saudável, pois pode criar situações de ausência de fronteiras entre professor e aluno. Segue-se a estratégia de management das atividades da aula, criando um espaço de abertura. E por fim, temos a estratégias de estados de espírito ou atitudes estratégicas, em que o professor recorre à racionalização para impor a sua autoridade.

Contudo, contrariamente aos restantes autores, Amado (2001) apresenta-se como o único que ressalta a necessidade de criar e implementar procedimentos disciplinares para punir e corrigir os comportamentos desviantes dos alunos. Assim sendo, Amado (2001) começa por referir a necessidade de existirem procedimentos preventivos por parte do docente com o objetivo de orientar o aluno para a assertividade, fomentar um ensino eficaz e promover a

atenção e concentração dentro e fora da sala de aula. Desta forma, como métodos de prevenção, refere que o docente deve ser capaz, em sala de aula, organizar e gerir este espaço, criando regras e promovendo a satisfação dos seus alunos no contexto letivo através do recurso a metodologias ativas e que fomentassem a participação dos alunos.

Um outro procedimento, passaria pela correção e não pela punição, dado que Amado (2001) crê que tudo pode ser evitado e deve-se trabalhar para a evitação e não para a necessidade de punição. Assim sendo, a correção passaria por integração e estimulação do diálogo, participação, negociação, regras e valores; pela dominação e imposição através de comportamentos de ameaça, intimidação e atitudes de repressão face a possíveis comportamentos desviantes; e por fim, a dominação e ressocialização que passaria pela reorientação e promoção de mudanças de comportamentos nos alunos.

Só em última instância se partiria para a aplicação de procedimentos punitivos, que, na maioria das vezes, se apresenta sobre a forma de expulsão (em situações de maior gravidade) e suspensão por um tempo determinado, sendo que ambos levaria a uma suspensão momentânea do comportamento e não há sua extinção, assim como podem ser vistos pelo aluno agressor como algo positivo. Assim sendo, passaria por encontrar formas de castigo justas, que não apenas a suspensão e a expulsão, que tivessem como objetivo principal a supressão do comportamento desviante. Aqui ainda seria importante ter em conta se este castigo poderá causar transtornos aos encarregados de educação, que nem sempre compreendem os motivos a eles subjacentes (Amado, 2001).

Num estudo realizado por Carvalho et al. (2009) o lúdico assumiu uma particular importância na prevenção dos comportamentos de bullying em contexto escolar. De acordo com estes autores, partindo do pressuposto que os Parâmetros Curriculares Nacionais, desde de 1997, salientam a importância de trabalhar conceitos e valores básicos humanos com recurso a jogos que promovam o desenvolvimento de capacidades de respeito mutuo, trabalho em

equipa, capacidades de julgamento e justiça, valorização e desenvolvimento da solidariedades e da dignidade, procurando estimular conhecimento sobre a necessidade de respeitar o outro. O lúdico apresenta-se ainda como o fato de ser uma atividade livre e recreativa que permitirá o estabelecimento de relações de maior proximidade com a escola.



De acordo com Baliulevicius & Macário (2006) a atividade lúdica deve ser entendida como a prática de relações sociais que podem ser manifestadas através do jogo, brinquedos ou brincadeiras da criança, que lhe permitem assimilar e compreender o mundo, seus conceitos e valores, dado que as atividades lúdicas contemplam em si mesma funções educativas que permitem à criança uma interação com a realidade social na qual se encontra e na qual se vai desenvolvendo.

Assim sendo, podemos dizer que a experiência de brincar na escola apresenta-se como fundamental para o indivíduo, uma vez que lhe irá possibilitar o estabelecimento de relações de maior intimidade com o conhecimento, construção de respostas, interpretação e assimilação através de um meio lúdico, funcionando a escola como o espaço garantido para o desenvolvimento de atividades lúdicas (jogos, brinquedos, brincadeiras educativas) nas quais as crianças ampliam as suas representações, possibilitando desta forma a incorporação do mundo imaginário no seu quotidiano. A presença de atividades lúdicas na escola garantem que a criança

tenha a possibilidade de estabelecer regras, divertir-se e conseqüentemente desenvolver a aprendizagem (Carvalho et al., 2009).

Desta forma, podemos concluir que a presença na escola de um espaço dedicado ao lúdico, aos jogos e às brincadeiras, brincadeiras nas quais as crianças se vejam confrontadas com uma necessidade de adaptação ao real apresenta-se como uma estratégia importante na promoção de um ambiente escolar seguro e livre de agressões. O lúdico e a aprendizagem social que provoca podem conduzir ao desenvolvimento de condutas menos agressivas em meios escolares, dado que a reciprocidade e a partilha de conhecimentos se encontra subjacente a todo o processo de brincadeira, em que as regras se apresentam como o ponto de partida.

Santos (2007) revela que o problema de indisciplina nas escolas tem vindo a aumentar nos últimos anos, aumento este que tem sido acompanhado pela crescente preocupação evidenciada por pais e professores em relação ao comportamento escolar dos alunos. Desta forma, a autora procura colocar em evidência algumas estratégias a aplicar em contexto escolar que possam minimizar a proliferação deste tipo de comportamentos.

Para começar, Santos (2007) refere que é de extrema importância “educar” os professores, ou seja, estes precisam de ter presente que além do ensino de conhecimentos teóricos, devem incentivar comportamentos de troca e diálogos, estimulando a análise crítica de inúmeras situações. Estas estratégias de debate apenas poderão ser aplicadas se o professor souber gerir bem a sua turma, ao mesmo tempo que deve ser capaz de integrar e incentivar as famílias a participarem de forma ativa na educação dos seus filhos.

Assim sendo, em sala de aula, o professor deverá ser capaz de estabelecer uma relação com os seus alunos que favoreça e permita a construção conjunta do conhecimento; apresentar-se não meramente como o detentor do conhecimento, mas também como o mediador do processo de aprendizagem e

responsável pelas condições nas quais ela ocorre, e deverá valorizar o conhecimento prévio detido e apresentado pelo aluno como conhecimento útil na promoção do seu conhecimento (Santos, 2007).

Poderá desenvolver estas três atitudes na aplicação de algumas das seguintes estratégias: criar atividades que promovam a reflexão coletiva; a relação professor – aluno apresentar-se como parte do conhecimento a ser construído em sala de aula; utilização dos recursos existentes na região (contexto social no qual a escola esteja inserida) para o desenvolvimento de atividades pedagógicas que promovam a disciplina necessária ao processo de aprendizagem; apresentar-se como um agente cultural; transformar os problemas identificados nas relações com os seus alunos em condições para trabalhar a cidadania; conseguir abandonar o papel de figura de autoridade detentora do saber e poder; gerir as situações de indisciplina existentes em sala de aula; e realizar ações de intervenção que permitam aos alunos trabalhar o respeito pelas diferenças e ao mesmo tempo promover o estabelecimento de relações de confiança, cooperação e solidariedade (Santos, 2007).

Por fim, a autora faz referência ainda à importância dos temas transversais como uma medida a aplicar nas escolas como forma de prevenção da violência escolar, temas estes que deveriam ser negociados com os alunos e educa-los para a cidadania. De entre esses temas transversais, podemos salientar a educação para a paz, a educação emocional, a educação intercultural, a educação democrática e a educação moral (Santos, 2007).

Em suma, as estratégias a implementar em contexto escolar com o objetivo de prevenir a violência escolar e entre alunos passam, sobretudo, por uma espécie de reeducação do contexto no qual ocorrem. Tornou-se evidente que antes de intervir a nível do agressor e da vítima é de extrema importância intervir ao nível dos adultos presentes no contexto escolar, trabalhando com estas estratégias a implementar em sala de aula e fora dela que possam promover nos alunos a adoção de normas de conduta e valores. Acima de tudo,

todos os autores acima mencionados revelam que é de extrema importância que a escola não ignore o contexto sociocultural no qual se encontra inserida, devendo por isso promover a interação dos seus alunos como este meio como forma de estimular a sua responsabilidade e cooperação.

### **13. UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO**

Quando se fala em bullying ou violência em meio escolar ignora-se que além dos agressores e das vítimas existem outros elementos que também sofrem efeitos negativos pela presença destes comportamentos. Foi com base nas leituras realizadas que se procurou elaborar um plano de intervenção para prevenir a violência em contexto escolar que procurasse incluir nele mesmo todos os atores deste contexto, não ignorando aqui que parte deste plano deveria oferecer condições de escuta individual, permitindo ao aluno agressor/ vítima encontrar um espaço no qual pudesse falar e resolver as suas dificuldades.

Antes de apresentar o programa propriamente dito, convém referir que o papel do psicólogo em contexto escolar é de extrema importância e relevância para o processo de prevenção. No entanto, só este elemento não faz a diferença, sendo por isso necessário, antes de mais, que a escola tome consciência que para um trabalho ser desenvolvido de forma eficaz haja colaboração estreita entre os diferentes intervenientes, sejam eles funcionários, professores, membros da direção ou encarregados de educação.

Assim sendo, o programa de que se segue é considerado por mim como uma estratégia de implementação que permite a inclusão de todos os intervenientes do contexto escolar e dando a cada um papel de relevância para a promoção de condutas, normas e valores morais saudáveis.

Num primeiro momento, momento este que deve ser prévio ao início do ano letivo, os professores e funcionários da presente instituição de ensino

devem ser convocados para uma ação de sensibilização com vista a apresentação do tema, das consequências da violência em meio escolar e das formas de prevenção. É neste sessão inicial que o professor e funcionários serão confrontados, pela primeira vez, com o facto de se apresentarem como atores, muitas das vezes promotores, dos comportamentos agressivos nos alunos. Nesta primeira sessão, deve ser dada informação sobre quais os principais indicadores para a identificação da vítima/ agressor e salientar a importância de uma identificação precoce dos mesmos. Também será neste momento que devem ser recolhidas sugestões dos professores sobre forma de combater a violência escolar e sugerir o recrutamento de alguns elementos para auxiliar na criação de grupos de apoio à implementação de um programa contra a violência.

Seguir-se-á uma ação de sensibilização apenas para os professores, ação esta que deve centrar a sua atenção nos comportamentos negativos que estes podem apresentar e que propiciem o desenvolvimento de condutas agressivas nos seus alunos. É aqui que o professor irá desenvolver ou aperfeiçoar algumas das suas estratégias de ensino e gestão da sala de aula com vista a melhorar o seu relacionamento com os alunos.

Algumas das estratégias a implementar passarão por: elaboração conjunta com os alunos de um quadro de regras a serem cumpridas em sala de aula; promover nos alunos a comunicação com o professor, criando no espaço de sala aula períodos de tempo dedicados aos alunos e nos quais estes possam falar abertamente; promover no professor estratégias de ensino que visem a promoção do sucesso educativo nos seus alunos, através do incentivo, criação de grupos de estudo e espaço para dúvidas e explicações; diminuir no professor comportamentos de crítica face aos alunos mais problemáticos ou menos intervenientes; criar em sala de aula um espaço aberto ao debate e à partilha mútua. Não se trata de diminuir a autoridade do professor, mas sim incentivar

este a ser aberto aos seus alunos, criando nestes uma sensação de confiança e segurança.

Logo no início do ano letivo os encarregados de educação devem ser chamados para uma ação de sensibilização para o tema. Aqui deverão ser abordados as concepções associadas, as características, o que podem fazer para prevenir e sugestões para ajudar. É de extrema importância que os encarregados de educação mantenham sempre uma relação direta com escola, sendo que esta deve favorecer a integração destes e das suas sugestões. Também aqui alguns encarregados de educação podem ser recrutados com vista à participação em determinadas atividades escolares.

O importante neste programa de prevenção da violência em contexto escolar é possibilitar o estabelecimento de relações de maior proximidade entre o contexto escola e o contexto família, dado que as ligações entre estes devem ser estreitas e de proximidade. Ao fomentar a articulação entre ambos os contextos promovemos laços de proximidade e de responsabilização de ambos pelos comportamentos dos seus alunos/ educandos. A escola deve abrir as suas portas a outros elementos e promover articulações entre os mesmos, auxiliando assim no processo de socialização e responsabilização dos alunos, o que se traduz em aquisições ao nível de normas e valores de convivência social que estes deverão cumprir para se sentirem aceites.

Uma das outras estratégias a implementar em contexto escolar com vista a prevenção de comportamentos violentos por parte dos alunos é a criação de um grupo de prevenção da violência. Pode ser criado nas escolas uma espécie de clube de alunos, orientado por um professor ou psicólogo escolar, grupo este que terá a seu cargo funções como: ações de sensibilização para a prevenção de violência; elaboração de diretrizes e sanções para os alunos violentos; criação de um espaço de apoio aos alunos agressores e agredidos, no qual estes poderão contar com o apoio por parte dos seus colegas; criação de atividades lúdicas que permitam e possibilitem a interação entre alunos de diferentes ciclos letivos;

elaboração do jornal escolar ou revista escolar, na qual apostarão na apresentação de alguns dos temas da atualidade; elaboração de panfletos ilustrativos das situações de violência e promover um estilo de vida saudável dentro da escola.

Quanto ao psicólogo escolar, a este irá competir funções diversas, desde a formação dos professores e encarregados de educação, até à formação dos funcionários. Esta formação terá sempre um carácter prático e partirá de uma visão comportamental, em que a modificação de determinados comportamentos poderá apresentar-se como um factor positivo para promover um estilo de vida saudável nas escolas, diminuindo assim os comportamentos agressivos entre os alunos. É deveras importante salientar aqui que os professores, principais promotores do desenvolvimento da criança e do adolescente em contexto escolar, apresentam-se como atores centrais no processo de prevenção da violência escolar. Cabe aos professores e, antes de mais, ao Ministério da Educação, modificar algumas das diretrizes escolares impostas, possibilitando aos professores uma maior autonomia em termos de matérias a leccionar e formas de ensino, dado que o ensino tradicional necessita de uma reforma educativa que possibilite aos próprios alunos uma maior autonomia e responsabilidade pelo seu processo de aprendizagem.

Também o psicólogo escolar deverá ser capaz de criar um espaço aberto, no qual os alunos tomem conhecimento de que ali poderão encontrar uma resposta às suas dificuldades. É importante aqui que o psicólogo não centre a sua margem de atuação apenas nos alunos agredidos, ou seja, nas vítimas. É de salientar que também os agressores devem ser contemplados neste seu processo de apoio, pois eles mesmos são vítimas dos seus comportamentos. O aluno agressor e o aluno agredido não devem, de imediato, ser confrontados com a presença um de outro, no entanto, um dos objetivos do psicólogo escolar deverá passar pela junção destes dois elementos para que possam resolver conflitos existentes. Aqui, o apoio psicológico individual assume uma importância

redobrada, em que o aluno encontrará ali um espaço e um adulto que apenas o quer ajudar.

Por fim, a presença de técnicas de relaxamento, resolução de conflitos e competências sociais apresentar-se-ia como benéfica e positiva no psicólogo em meio escolar, que encontraria nelas importantes aliados para a diminuição da problemática associada à violência escolar.

#### **14. MÉTODOS DE TRATAMENTO DO BULLYING**

Pode-se concluir que o bullying é apenas uma palavra estrangeira usada para caracterizar violências já conhecidas, inerentes a qualquer sociedade, um nome novo para caracterizar um fenômeno antigo. A inserção dessa palavra no cotidiano das pessoas, em especial as envolvidas com a educação escolar, gera incertezas, insegurança, confusão, prejudicando a forma de lidar com a situação quando ela ocorre. Os professores entrevistados, em sua maioria, não parecem estar preparados para atuar em relação ao problema, na sociedade em que estão contidas.

A violência está por toda a parte e como a escola é o reflexo da sociedade ela esta entrando em nossos colégios com um nome diferentes, e que muitas pessoas não sabem o que representa o Bullying, como podemos ver tem passado por varias roupagem que precisamos estar atentos para não deixar que os alunos tímidos sofrerem na Mão dos mais “espertos” que pensam que são os melhores, e muitos professores não conseguem identificar a manifestação do Bullying, pois normalmente as crianças evitam expor o problema aos profissionais que atuam naquele contexto, por entenderem que nada podem fazer para ajudá-las.

Podemos analisar que o Bullying não é só uma brincadeira de criança ou adolescente que por traz desta brincadeira tem pessoas se matando por cansar de ser humilhado e não conseguir se impor em frente deste, e com grandes

problemas psiquiátricos, portanto quando vemos um aluno colocando apelido no outro, ou dando o famoso pedala Robinho devemos intervir para que este aluno não continue agredido seu colega. Mas passa a ter dialogo como é esperado por pessoas civilizadas. O Bullying deve ficar claro par todos para que juntos possamos acabar ou pelo menos diminuir, então pais, professores e comunidade devem trabalhar juntas e com um só objetivo ajudar nossas criança ser humanitária, ser educada para a paz e não para violência e jamais dar retribuições por algo que faz de errado, mas terá que ser punida para que não volte mais a fazer.

E devemos prestar atenção nas classificações das pessoas envolvida no Bullying para que possamos a identificá-la mesmo que ela não fale sobre a violência. Podemos ver que a escola esta passando por crise, pois parece que perdeu seu significado para os estudantes que não sabe mais o que querem da escola, e a escola também não sabe mais o que oferecer aos seus estudantes, a forma de manifestação do Bullying masculino é mais direto enquanto o feminino e indireto, mas ambas provoca a mesma consequência na vida do agredido.

Para tentar erradicar o bullying das salas de aula, é necessário tanto o envolvimento dos professores quanto dos alunos. O professor deve transmitir as questões ética, respeito mútuo, diálogo, justiça e solidariedade, e o papel dos alunos é entender e colocar em prática estas ações. Não qu e com essas ações pode-se acabar com o bullying na sala de aula, mas já é um começo.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais : Apresentação dos Temas Transversais e Ética (BRASIL, 1998), o professor deverá trabalhar em seu cotidiano pedagógico os conteúdos de ética, onde se prioriza o convívio escolar.

Os blocos são os seguintes:

- Respeito Mútuo

- Justiça
- Diálogo
- Solidariedade

### **TEMA: RESPEITO MÚTUO**

CONTEÚDOS A SEREM TRABALHADOS: A diferença entre as pessoas. O respeito a todo ser humano, independente de sua origem social, etnia, religião, sexo, opinião e cultura. O respeito às manifestações culturais, étnicas e religiosas. O respeito mútuo como condição necessária para o convívio social democrático: respeito ao outro e exigência de igual respeito par a si.



### **TEMA: JUSTIÇA**

CONTEÚDOS A SEREM TRABALHADOS: O reconhecimento de situações em que a equidade represente justiça. O reconhecimento de situações em que a igualdade represente justiça. A identificação de situações em que a injustiça se faz presente. O conhecimento da importância e da função da constituição brasileira. A compreensão da necessidade de leis que definem direitos e deveres. O conhecimento dos próprios direitos de aluno e os respectivos deveres. A identificação de formas de ação diante de situações em que os

direitos do aluno não estiveram sendo respeitados. A atitude de justiça para com todos as pessoas e respeito aos seus legítimos direitos.



### **TEMA: DIÁLOGO**

**CONTEÚDOS A SEREM TRABALHADOS:** O uso e valorização do dialogo como instrumento para esclarecer conflitos. A coordenação das ações entre os alunos, mediante o trabalho em grupo. O ato de escutar o outro, por meio do esforço de compreensão do sentido preciso da fala do outro. A formulação de perguntas que ajudem a referida compreensão. A expressão clara e precisa de ideias, opiniões e argumentos, de forma a ser corretamente compreendido pelas outras pessoas. A disposição para ouvir ideias, opiniões e argumentos alheios e rever pontos de vista quando necessária.



### **TEMA: SOLIDARIEDADE**

**CONTEÚDOS A SEREM TRABALHADOS:** Identificação de situações em que a solidariedade se faz necessária. As formas de atuação solidária em situações cotidianas. A resolução de problemas presentes na comunidade local,

por meio de variadas formas de ajuda mútua. A sensibilidade e a disposição para ajudar as outras pessoas, quando isso for possível e desejável.



O PCN faz uma importante reflexão sobre o papel do professor diante de casos de bullying.

(...) deve ser feito um destaque para preconceitos e desrespeito frequente entre os alunos: aqueles que estigmatizam deficientes físicos ou simplesmente os gordos, os feios, os baixinhos etc., em geral traduzidos por apelidos pejorativos. Nesses casos o professor não deve admitir tais atitudes (...)

Segue afirmando qual deve ser a atitude docente:

(...) não se trata de punir os alunos, trata-se de explicar-lhes com clareza o que significa dignidade do ser humano, demonstrar a total impossibilidade de se deduzir que alguma raça é melhor que a outra, trata-se de fazer os alunos pensarem e refletirem a respeito de suas atitudes(...).

Ter consciência de que o papel do professor é de extrema importância para se obter na sala de aula um clima de respeito mútuo, fazendo com que os alunos entendam a importância de se respeitar o colega, de se dialogar ao invés de ofender e brigar é fundamental ao educador e futuro educador. Outro fator importante para o educador é que se em sua sala de aula os alunos não se sentirem bem e felizes com o ambiente, o processo educativo dos alunos sofrerá consequências.

Com esta pesquisa pôde-se observar que o bullying é um assunto pouco conhecido entre os professores, sendo que estas não tem um conhecimento aprofundado dos males que está pratica podem gerar nos alunos envolvidos, tanto no âmbito emocional e psicológico tanto na aprendizagem.

Seria interessante que os professores começassem a entender o fenômeno como algo além da sala de aula, com suas raízes sociais baseadas na competição, na valorização de certos padrões e desvalorização de outros. Se o ambiente de sala deixasse de ser apenas um local onde se adquire habilidades e competências e passasse a ser um local onde se aprende e se utiliza valores e temas transversais. A educação voltada para os valores pode contribuir com a redução do Bullying. A ABRAPIA propõe soluções para o controle e prevenção do Bullying, entre elas a conscientização dos alunos através de projetos extracurriculares. Esta atitude porém pode ser considerada educação de valores e pode ser inserida no currículo da escola, ao invés de ser apenas um projeto.

As escolas poderiam começar a se mobilizar com relação ao tema, não só levando o assunto às crianças, mas, principalmente, tratando de ajudar os professores no esclarecimento do fenômeno. Além disso, é fundamental oferecer o suporte necessário para que a segurança tome o lugar da incerteza, e, assim, os professores possam trabalhar com seus alunos a melhor maneira de se diminuir a violência, para que a escola não seja uma passagem tão difícil para a criança.

Contudo, para se prevenir a ocorrência de bullying na sala de aula, não é necessariamente fundamental que o professor conheça o contexto de bullying e suas consequências, pois o bullying nada mais é do que o desrespeito ao próximo, a não aceitação das diferenças, tanto físicas, quanto sociais, religiosas, enfim, as diferenças existentes de um ser humano para outro. Para se prevenir, portanto o bullying, é necessária uma postura do professor com relação a classe, trabalhando com seus alunos todos esses aspectos citados anteriormente.

Todavia, não podemos atribuir exclusivamente ao professor a responsabilidade de prevenir e combater o bullying na sala de aula, mas sim que ele tem um papel fundamental para que o bullying não faça parte do cotidiano escolar.

E ao final desta pesquisa cabe-nos uma indagação; Existe algum aspecto positivo no bullying?



## MÓDULO III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

### 15. CONCLUSÃO

A sociedade em si passa por grandes transformações; vivemos na era da informação, e, mesmo com tanto conhecimento, não se pode resolver problemas do cotidiano. O que vemos é um atribuindo a causa do problema ao outro. Se o bullying é um fenômeno social e você está inserido na sociedade, este problema também é seu. De nada adianta identificar o problema, se não houver a busca de uma solução.

A transmissão de sentimentos e valores deve ser feita pela família, mas levando em consideração que o indivíduo passa a maior parte do tempo na escola e é nela que se encontra o problema relacionado à sociabilização, então, é dela que deve partir a atitude de solucionar esses problemas. O professor não deve ser o único responsável pela erradicação do bullying, deve existir uma ação conjunta entre a família e a escola. Ter consciência de que suas atitudes podem influenciar na formação do aluno como indivíduo, pode limitar este fenômeno social, contribuindo, assim, com a estruturação de uma sociedade mais justa e igualitária.



## 16. REFERÊNCIAS

ABRAPIA, Associação Brasileira Multidisciplinar de Proteção a Infância e a Adolescência. Disponível em: <http://abrapia.org.br/>, acessado em 09/08/2011

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Etnografia da prática escolar. 2ª. Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

Arquivo. [campanhaeducacao.org.br/semana/2011/pesquisa\\_plan\\_resumo.pdf](http://campanhaeducacao.org.br/semana/2011/pesquisa_plan_resumo.pdf)

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. Brasília: MEC/SEF, 1998. v.8

FANTE, Cléo. Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. São Paulo: Verus, 2005.

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1972.

MORALES, Pedro. A Relação Professor-Aluno: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.

OLWEUS, Dan. What Is Bullying? Olweus Bullying Prevention Program. Disponível em <<http://www.olweus.org/public/bullying.page>>. Último acesso em 13 de maio de 2011.

PAUER, Thomas. Desenvolvimento motor em jovens. ed PHL - publishing house lobmaier. 2005

PAVAN, Luciana. O papel do professor diante do bullying em sala de aula. Bauru: Universidade Estadual Paulista, 2007.

VYGOTSKKY, L.S.; LURIA, A.R. e LEONTIEV, A.N. Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem. São Paulo: Ícone-Ed. USP, 1988.

Abramovay, M. & Rua, M. G. (2003). Desafio e alternativas: violência nas escolas. Brasília: UNESCO/ UNDP.

Abreu, M. V. (1998). Cinco ensaios sobre a motivação. Coimbra: Almedina

Amado, J. S. (2001). Interação pedagógica e indisciplina na aula. Porto: Edições Asa.

Antunes, D. C. & Zuin, A. A. S. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. Revista Psicologia & Sociedade, 20 (1), pp. 33-42.

Baliulevicius, N. L. P. & Macário, N. M. (2006). Jogos cooperativos e valores humanos: perspectiva de transformação pelo lúdico. Revista Fitness e Performance Journal, 5, nº 1, pp. 48-54

Barbosa, c. & Nogueira, C. (). Violência escolar e a construção social de masculinidades. Actas dos ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia: Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção.

Barros, P. C.; Carvalho, J. E. & Pereira, B. O. (2009). Um estudo sobre bullying no contexto escolar. IX Congresso Nacional de Educação – Educere, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCR, em [www.educere.br](http://www.educere.br), consultado a 3 de Fevereiro de 2010.

Carvalho, J. E.; Barros, P. C. & Pereira, B. O. (2009). O lúdico como uma possibilidade de intervenção ao bullying e formação da criança na escola.

Carvalhosa, S. F.; Lima, L. & Matos, M. G. (2001). Bullying – A provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. Análise Psicológica. 4 (XIX), pp. 523-537.

Dreyer, D. (2004). A brincadeira não tem graça. em [www.educacional.com.br](http://www.educacional.com.br), consultado a 3 de Fevereiro de 2010. IX Congresso Nacional de Educação – Educere, III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, PUCR, em [www.educere.br](http://www.educere.br), consultado a 3 de Fevereiro de 2010.

Fonseca, A. C. (1982). Tendências actuais do estudo da agressão infantil. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 16, pp. 383-411.

Fonseca, A. C. (1983). A relação intenções – consequências na avaliação moral dos comportamentos agressivos na criança: elementos para uma revisão. *Revista Portuguesa de Pedagogia – Separata*, 17, pp. 259-288.

Olweus, D. (1989). Prevalence and incidence in the study of anti-social behaviour: definitions and measurement. In Klein, M. (Eds). *Cross national research in self reported crime and delinquency*. Dordrecht: Kluwer.

Olweus, D. (1999). Europe – Scandinavia – Sweden. In Smith, P. K., Morita, Y., Jøger-Tas, J., Olweus, D., Catalano, R. & Slee, P. (Eds). *The nature of school bullying – a cross national perspective*. London Routledge, pp. 7-27.

Pereira, B. O. (2002). A violência na escola – formas de prevenção. In, Pereira, B. & Pinto, A. P. (Eds.). *A escola e a criança em risco – intervir para prevenir*. Porto: Edições Asa.

Pereira, Beatriz Oliveira (2006). Prevenção da violência em contexto escolar: Diagnóstico e programa de intervenção, in Neto, J. C. S. & Nascimento, M. L. B. P. *Infância: Violência, Instituições e Políticas Públicas*. São Paulo: Expressão e Arte Editora, cap. 2, pp. 43-51.1

Pereira, B. O. (2008). *Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. Fundação Calouste Gulbenkian. Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2ª Edição.

Ramirez, F. C. (2001). *Conduitas agressivas em idade escolar*. Amadora: MacGraw-Hill.

Santos, M. R. (2004). *Violência na escola*. *Psychologica*, 36, pp. 163-174.

Santos, M. M. (2007). *Indisciplina e agressividade: prevenção e intervenção no contexto escolar*, p. 1-15. em [www.monografias.br/brasilecola.com](http://www.monografias.br/brasilecola.com), consultado a 25 de Fevereiro de 2010.

Sousa, P. M. L. (2006). *Agressividade em contexto escolar*. p. 1-39, em [www.psicologia.com.pt](http://www.psicologia.com.pt), consultado a 2 de Fevereiro de 2009.

ABRAPIA - Associação Brasileira de Proteção à Infância e Adolescência 2006.

Programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Disponível em: [www.bullying.com.br](http://www.bullying.com.br). Consultado em: 10 de setembro de 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT), NBR-14724. *Informação e documentação: formatação de trabalhos acadêmicos*. Rio de Janeiro, (jan/2006)

BARROS, Flávio Monteiro de. *As sanções do ECA em face do Direito Penal*. Disponível em: [http://www.cursofmb.com.br/cursofmb/Forms/Institucional/Downloads/Artigos/FMB\\_Artigo0050.pdf](http://www.cursofmb.com.br/cursofmb/Forms/Institucional/Downloads/Artigos/FMB_Artigo0050.pdf) Acesso em: 13 de setembro de 2012

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BULLYING, um crime nas escolas. *ISTO É Independente*. Disponível em: <http://www.terra.com.br/istoe/edicoes/2026/artigo100431-4.htm> Acesso em: 13 de setembro de 2012.

CAVALCANTE, Meire. *Como lidar com “brincadeiras” que machucam a alma*. *Revista Nova Escola*, Dezembro de 2004, Ed. Abril

DANTAS, Tiago. Equipe Brasil Escola. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/sociologia/ bullying.htm> acesso em: 13 de setembro de 2012.

FANTE, C. Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. Editora Verus, 2005.

FERREIRA, Luiz Antonio Miguel. A Indisciplina Escolar e o Ato Infracional. Disponível em: [http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/cao\\_infancia\\_juventude/doutrina/doutrinas\\_artigos](http://www.mp.sp.gov.br/portal/page/portal/cao_infancia_juventude/doutrina/doutrinas_artigos) Acesso em: 13 de setembro de 2012.

JÚNIOR. Salvador Loureiro Rebelo, bullying: Uma realidade cruel no contexto escolar. Disponível em: <http://www.profala.com/arteducesp120.htm>>. Consultado em: 12 de setembro de 2012.

LIMA, Taisa Maria Macena. Na Educação e Formação Escolar dos Filhos: o dever dos pais de indenizar o filho prejudicado. Disponível em: [http://www.fmd.pucminas.br/Virtuajus/ ano2\\_2/ Palestra-IBDFAM-2003.pdf](http://www.fmd.pucminas.br/Virtuajus/ ano2_2/ Palestra-IBDFAM-2003.pdf) Acesso em: 12 de setembro de 2012.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. Jornal de Pediatria. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006&lng=pt&nrm=iso) Acesso em: 12 de setembro de 2012.

MAKARON, Sônia. Bullying: Como enfrentá-lo? Disponível em: [http://www.bullying.pro.br/images/pdf/bullying\\_como\\_enfrentar.pdf](http://www.bullying.pro.br/images/pdf/bullying_como_enfrentar.pdf) acesso em: 12 de setembro de 2012.

MARCHESI, A. O que será de nós, os maus alunos?. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Ed Artmed, 2006.

MAURO, Beatriz S. Cyber Bullying violência virtual. Revista Nova Escola, São Paulo, p. 67-73, jun./jul. 2010.

NETO, A.L. Diga não ao bullying. 5 ed. Rio de Janeiro, ABRAPIA, 2004.

NOGUEIRA, Rosana Maria C. P. A. A Prática de Violência entre Pares:O Bullying nas Escolas. Revista Iberoamericana de Educación. Disponível em: [http://www.novacriminologia.com.br/noticias/banco\\_de\\_imagens/rie37a04.pdf](http://www.novacriminologia.com.br/noticias/banco_de_imagens/rie37a04.pdf) Acesso em: 12 de setembro de 2012.

PEREIRA, Beatriz Oliveira, Para uma escola sem violência – estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Lisboa: Dinalivro. 2002.

PEREIRA, Marcelo Augusto Paiva. As sanções do ECA em face do Direito Penal . Curso preparatório FMB. Disponível em: [http://www.cursofmb.com.br/cursofmb/Forms/Institucional/Downloads/Artigos/FMB\\_Artigo0050.pdf](http://www.cursofmb.com.br/cursofmb/Forms/Institucional/Downloads/Artigos/FMB_Artigo0050.pdf) Acesso em: 12 de setembro de 2012.

SILVA, Geane de Jesus. Bullying: Quando a Escola não é um Paraíso. Disponível em: <http://www.mundojovem.com.br/bullying.php> acesso em 12 de setembro de 2012.

TAUIL, Leonardo C, Paula R. G. F. de C. Costa, Thaís Ferreira Rodrigues. Bullying na escola e na sociedade moderna. São Paulo: Instituto de Educação Boni Consilii, 2009.

TRINDADE, Alcione Melo. Aspectos Psicossociais da Intimidação/ Bullying. Nova Criminologia.com. br Disponível em: <http://www.novacriminologia.com.br/artigos/leiamais/default.asp?id=1977> Acesso em: 12 de setembro de 2012.

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ. Normas para elaboração de trabalhos acadêmicos. Comissão de Normalização de Trabalhos Acadêmicos. Curitiba: UTFPR, 2008. 122p.

OLIVEIRA, Willer Carlos De. O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DO BULLYING NA SALA DE AULA. Medianeira, 2012.

MACHADO, Mónica. BULLYING EM CONTEXTO ESCOLAR: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO. Portugal, 2011.

MEOTTI e PERÍCOLI. Juliane Prestes/ Marcelo. A POSTURA DO PROFESSOR DIANTE DO BULLYING EM SALA DE AULA. Barra do Garças – MT, vol. 15, p. 66 - 84, dez. 2013.

## ANEXO I – PESQUISA SOBRE O BULLYING NAS ESCOLAS BRASILEIRAS



***PESQUISA:***

***BULLYING ESCOLAR NO BRASIL***

***RELATÓRIO FINAL***

MARÇO DE 2010



## Realização da Pesquisa:

---

### **Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor – CEATS Fundação Instituto de Administração - FIA**

Av. Prof. Luciano Gualberto, 908 – Ed. FEA1 – sala C21  
05508-900 - Cidade Universitária – São Paulo, SP –  
Brasil Telefone / Fax (55-11) 3818-4009 E-mail:  
ceats@fia.com.br

Site: [www.ceats.org.br](http://www.ceats.org.br)

### **Equipe de Pesquisa:**

Coordenação Geral:

Profa. Dra. Rosa Maria Fischer

Coordenação Técnica:

Gisella Werneck Lorenzi

Luana Schoenmaker da Pedreira

Monica Bose

Aplicação, tabulação e análises:

Flávia Puça

Cleo Fante

Jane Pancinha

Cristiana Berthoud

Maria Raimunda Ribeiro da Costa

Edmilson Alves de Moraes

Priscila Faria Vieira

Revisão:

Cristina Paloschi Uchoa de Oliveira

*Bullying Escolar no Brasil - Relatório Final – São Paulo: CEATS/FIA, 2010*

---

1 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

## Sumário

---

1	Introdução .....	4
2	Procedimentos Metodológicos .....	7
2.1.	Objetivos do Estudo .....	7
2.2.	Modelagem da Pesquisa de Campo .....	8
2.3.	Etapa Quantitativa .....	9
2.3.1.	Definição da Amostra e Escolas Participantes .....	9
2.3.2.	Coleta de Dados .....	10
2.4.	Etapa Qualitativa.....	11
3	Caracterização da Amostra .....	13
3.1	Série Escolar .....	13
3.2	Idade .....	13
3.3	Sexo .....	14
3.4	Cor / Etnia .....	15
3.5	Escolaridade do pai .....	16
3.6	Escolaridade da mãe.....	17
3.7	Situação civil dos pais .....	18
3.8	Arranjos Familiares .....	18
3.9	Acesso a Meios de Comunicação .....	20
3.10	Amigos .....	22
3.11	Ambiente Escolar .....	22
3.12	Ambiente Familiar .....	23
4	Incidência .....	24
4.1	Incidência de Maus Tratos nas Escolas.....	24

4.2	Maus tratos e <i>Bullying</i> nas Escolas: Incidência de Casos de Vítimas .....	25
4.3	Maus tratos e <i>Bullying</i> nas Escolas: Incidência de Casos de Agressores .....	28
4.4	Considerações Finais .....	29
5	Causas .....	31
5.1	Escola .....	31
5.2	Família .....	32
5.3	Alunos .....	32
5.4	Outras Causas .....	34
5.5	Considerações Finais .....	34
6	Modos de Manifestação .....	36
6.1	Práticas .....	36
6.2	Espaços da escola em que as agressões se manifestam .....	40
6.3	Quantidade de Agressores .....	41
6.4	Considerações Finais .....	44
7	Perfil das Vítimas e dos Agressores .....	45
7.1	Perfil das Vítimas .....	45
7.1.1	Características Demográficas .....	45
7.1.2	Características Comportamentais e Emocionais .....	47
7.2	Perfil dos Agressores .....	54
7.2.1	Características Demográficas .....	54

7.2.2	Características Comportamentais e Emocionais .....	56
7.3	Considerações Finais .....	60
8	Estratégias adotadas pelas escolas .....	63
8.1	Atuação das escolas frente aos maus tratos .....	63
8.2	O que a escola deve fazer frente aos maus tratos? .....	66
8.3	Atuação dos professores frente aos maus tratos.....	67
8.4	Considerações Finais .....	68
9	Maus Tratos no Ambiente Virtual .....	69
9.1	Incidência.....	69
9.2	Modos de Manifestação .....	71
9.3	Reações das Vítimas e dos Agressores .....	73
9.4	Considerações Finais .....	75
10	Informações Complementares .....	76
10.1	Escolaridade dos pais .....	76
10.2	Arranjos Familiares .....	80
10.3	Acesso a meios de comunicação .....	90
10.4	Ambiente Escolar .....	92
10.5	Reprodução da violência .....	95
10.6	Maus Tratos no Ambiente Virtual .....	97
11	Conclusão .....	102

## 1 Introdução

---

O presente estudo busca contribuir com a redução da violência no ambiente escolar a partir de um levantamento de dados inédito que permitiu conhecer as situações de maus tratos nas relações entre estudantes dentro da escola nas cinco regiões do País. É fundamental que se conheça como se operam as manifestações da violência, tendo sempre em vista que essas manifestações se modificam, atualizando-se de acordo com o contexto histórico-social, para que esse conhecimento subsidie a gestão escolar.

As pesquisas acadêmicas sobre violência escolar sofreram significativas mudanças nos últimos anos. Na década de 1980, o tema da violência na escola era abordado pelos pesquisadores a partir de manifestações relativas à segurança pública: atos juvenis de depredações e pichações serviam de objeto para a reflexão sobre a violência. A partir da década de 1990, as relações interpessoais passaram a tornar-se centrais no fenômeno violento:

“Nesses primeiros anos da década de 80, observa-se certo consenso em torno da idéia de que as unidades escolares precisariam ser protegidas (...) tratava-se assim de uma concepção de violência expressa nas ações de depredação do patrimônio público (...). Naquele momento não estavam sendo questionadas as formas de sociabilidade entre alunos, mas eram criticadas as práticas internas aos estabelecimentos escolares produtoras da violência. (...) É possível considerar que os anos 1990 apontam mudanças

no padrão da violência observada nas escolas públicas, atingindo não só os atos de vandalismo, que continuam a ocorrer, mas as práticas de agressões interpessoais.”<sup>1</sup>

É também na década de 1990 que um novo conceito passa a ser considerado no campo de estudos sobre a violência entre pares: o *bullying*. Para fins deste estudo, o *bullying* é definido como atitudes agressivas de todas as formas, praticadas intencional e repetidamente, que ocorrem sem motivação evidente, são adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e são executadas dentro de uma relação desigual de poder. Portanto, os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup>SPOSITO, Marilia Pontes. *Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil*. 2001. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022001000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100007&lng=pt&nrm=iso) (acessado em 04/03/2010)

<sup>2</sup>FANTE, Cleodelice A. Zonato. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.

Na década de 2000 o fenômeno do *bullying* ganhou projeção na mídia nacional e internacional, sendo largamente difundido nos meios digitais, com a criação de inúmeros sites na internet sobre a temática – a palavra *bullying* retorna no buscador Google cerca de 12 milhões de páginas, sendo que apenas 2,5% delas são de sites em língua portuguesa. No Brasil o fenômeno é objeto de poucos estudos e, apenas recentemente, uma pesquisa nacional promovida pelo Ministério da Educação abordou o tema, ainda que de forma indireta.<sup>3</sup>

A utilização do conceito apresenta algumas fragilidades. O próprio termo *bullying* causa estranhamento nos ambientes acadêmico e escolar, por se tratar de uma importação pouco adaptada às questões próprias da violência no ambiente escolar brasileiro. Como resultado, o *bullying* ainda não se encontra diferenciado no fenômeno geral de violência entre pares, e os critérios que tecnicamente o destacam, que se referem à repetição do ato à falta de motivação evidente, são de difícil aferição objetiva. Nesse sentido, sua operacionalização conceitual exigiria uma consistência ainda não atingida. Por essa razão, o termo, que não tem correlato em português, é utilizado muitas vezes de modo equivocado, referindo-se a episódios de conflitos interpessoais entre estudantes, os quais não se caracterizam pelos critérios indicados.

Para os sujeitos participantes do atual estudo - alunos, professores, pais e equipe técnica das escolas – a palavra *bullying* é praticamente desconhecida. No entanto, sua prática é imediatamente reconhecida e associada a episódios de maus tratos na escola, fenômeno presente e conhecido de todos. Há, portanto, grande dificuldade em diferenciar o *bullying* de outras formas generalizadas de relações agressivas entre os alunos, em especial entre os adolescentes. Dessa forma, optou-se por se utilizar, ao longo da realização da pesquisa, o termo maus tratos para se referir aos atos violentos entre os estudantes fossem eles de natureza física, verbal, psicológica ou sexual.

Nas análises realizadas, procedeu-se a identificação das situações envolvendo o *bullying* propriamente dito, conforme critérios previamente estabelecidos, ressalvada a consistência ainda incipiente do conceito. Este estudo procura identificar e dar luz aos episódios de violência e maus tratos entre pares no ambiente escolar, que, como se verá, traduzem uma cultura contemporânea em que as formas de relação social merecem novos cuidados, em especial dos gestores da educação.

Através de dados quantitativos e qualitativos, este estudo buscou conhecer as situações de violência entre pares e de *bullying* em escolas brasileiras. Sua ênfase recaiu sobre o contexto em que tais situações acontecem, as motivações subjacentes, os perfis dos praticantes e das vítimas dos atos

<sup>3</sup> Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. Estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar. São Paulo, 2009.

---

5 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

de violência, as conseqüências dessas situações para os envolvidos e, por fim, sobre as ações da escola.

O presente relatório apresenta os resultados desse estudo. Ele está dividido em 10 capítulos, que se iniciam com esta introdução ao tema e ao problema da pesquisa. O capítulo 2 faz uma apresentação detalhada dos procedimentos metodológicos adotados para sua realização. O capítulo 3 descreve as características da amostra de alunos pesquisada na etapa quantitativa do estudo. No capítulo 4 é apresentada a frequência com que ocorrem maus tratos nas escolas pesquisadas, enquanto no capítulo 5 apresentam-se causas associadas à prática de maus tratos no ambiente escolar. O capítulo 6 apresenta as formas mais comuns desses maus tratos entre pares no ambiente escolar, seguido pelo Capítulo 7, que apresenta traços de perfil e padrões de comportamento dos agressores e das vítimas. No Capítulo 8 discutem-se as estratégias de combate aos maus tratos adotadas pelas escolas. O emprego do ambiente virtual para realizar agressões é o tema do Capítulo 9. As principais conclusões do estudo são consolidadas no Capítulo 10 deste documento.

6 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

## 2 Procedimentos Metodológicos

---

### 2.1. Objetivos do Estudo

---

O estudo “Bullying no Ambiente Escolar”, de caráter exploratório e descritivo, teve por objetivo conhecer as situações de violência entre pares e de *bullying* em escolas brasileiras. Sua relevância reside na importância que fenômenos ligados à violência têm adquirido no âmbito do sistema de ensino e na gestão escolar. De modo específico, a pesquisa visou fornecer subsídios para que a Plan Brasil desenvolva ações apropriadas em sua campanha nacional “Aprender sem Medo”, que visa estimular intervenções efetivas de combate a violência no ambiente escolar.

Para atingir esses objetivos, o estudo foi realizado por meio da coleta e da análise de dados quantitativos e qualitativos, com foco nas seguintes dimensões do tema:

- Incidência de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Causas de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Modos de manifestação de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Perfil dos agressores e das vítimas de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Estratégias de combate aos maus tratos e ao *bullying* no ambiente escolar.

Os debates e análises que antecederam a realização da pesquisa de campo geraram a constatação de que é impossível delimitar operacionalmente o fenômeno do *bullying*, de modo a destacá-lo do conjunto de situações de violência nas relações entre pares no ambiente escolar. Essa dificuldade se deve, sobretudo, ao desconhecimento que educadores, técnicos e gestores de escolas, alunos e pais apresentam sobre os elementos que caracterizam o termo *bullying*, tais como descritos pelos especialistas que vêm se dedicando ao estudo do fenômeno. Tendo em vista as conseqüências dessa

dificuldade para a coleta de dados e posteriores análises, o conceito foi operacionalizado de forma mais flexível, o que permitiu captar a percepção dos informantes sobre maus tratos no ambiente escolar e, quando pertinente, sobre situações específicas de *bullying*, caracterizadas pela prática de maus tratos entre colegas de escola, repetidos com frequência superior a três vezes durante o ano letivo de 2009.



7 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

## 2.2. Modelagem da Pesquisa de Campo

---

A pesquisa de campo teve início com uma Oficina de Modelagem, realizada com especialistas em *bullying* escolar no dia 6 de outubro de 2009, nas dependências da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP. A oficina contemplou os seguintes tópicos:

- a) Alinhamento conceitual: definições a serem utilizadas na condução da pesquisa;
- b) Etapas do estudo: público-alvo, instrumento de coleta de dados e objetivos do estudo a serem atingidos com a realização de cada uma das etapas;
- c) Questionário: perfil do público, caracterização ampla do respondente, definição das questões e respectivas alternativas de respostas;
- d) Definição da Amostra: para etapas quantitativa e qualitativa;
- e) Coleta de dados: procedimentos de mobilização de Secretarias de Educação e direção das escolas, desenvolvimento do manual de aplicação, especificidades das formas de aplicação em cada região, condução dos grupos focais e resultados esperados.

A Oficina de Modelagem teve duração de oito horas e contou com a presença de um grupo de pessoas oriundas de diferentes regiões do Brasil, que conhecem e estudam o sobre *bullying* e têm experiência na realização de pesquisas sobre esse fenômeno. Os resultados alcançados com a realização da Oficina foram:

- a) Definição de cronograma de execução das etapas quantitativa e qualitativa da pesquisa, contemplando, simultaneamente, a necessidade de garantir a qualidade dos resultados do estudo, as percepções dos especialistas sobre o tempo necessário para sua preparação e execução e a exigência de que as duas etapas não fossem separadas pelo período de férias escolares, o que prejudicaria os resultados do estudo;
- b) Validação das questões e respectivas alternativas de respostas para compor o questionário de levantamento de dados na etapa quantitativa. As questões foram definidas de forma que a aplicação do questionário resultasse no alcance dos objetivos do estudo proposto para a etapa quantitativa da pesquisa. Discutiu-se sobre a pertinência e relevância de questões enviadas previamente aos especialistas, o que resultou na exclusão de algumas delas e revisão de outras, assim como no acréscimo de questões sugeridas pelos presentes;

- c) Apresentação dos critérios para seleção da amostra de escolas que participariam da coleta de dados;
- d) Definição de estados e municípios em que seriam realizadas as coletas de dados;
- e) Orientação dos participantes sobre questões relacionadas à condução de grupos focais, realizada por consultora responsável pela preparação e condução dos grupos;

- f) Definição sobre a abordagem a ser utilizada para contato com Secretarias de Educação e escolas, bem como para entrega de materiais de apoio à preparação e execução da coleta de dados (manual de aplicação do questionário, cartas de apresentação do estudo e crachás de identificação dos pesquisadores).

## 2.3. Etapa Quantitativa

---

O instrumento utilizado na etapa quantitativa da pesquisa foi elaborado com base em dois questionários diferentes sobre *bullying* no ambiente escolar, aplicados em experiência anterior, desenvolvidos por Cleo Fante<sup>4</sup>, que adaptou questionário sobre o tema de autoria de Dan Olweus, e por pesquisadores da Universidade de Lisboa<sup>5</sup>.

As questões foram distribuídas em cinco seções e foram estruturadas visando captar dados que atendessem aos seguintes objetivos do estudo: incidência, modos de manifestação e perfis dos envolvidos (vítima e agressor) em maus tratos no ambiente escolar. Algumas perguntas adicionais foram incluídas com o objetivo de fazer uma sondagem sobre as causas do *bullying* e estratégias de combate ao fenômeno adotadas pelas escolas, temas esses abordados mais amplamente na etapa qualitativa da pesquisa.

### 2.3.1. Definição da Amostra e Escolas Participantes

---

Os critérios para escolha das escolas convidadas a participar do estudo foram: cinco escolas por região geográfica do país, sendo quatro públicas municipais e uma particular. Cada grupo de cinco escolas deveria ser composto, ainda, por três escolas localizadas em uma capital e duas localizadas em cidades do interior.

Dentre as escolas localizadas na capital, foram escolhidas uma com bom desempenho, uma com médio desempenho e uma com baixo desempenho no Prova Brasil. Dentre as localizadas no interior, uma com bom desempenho e uma com baixo desempenho no Prova Brasil. A caracterização final das escolas participantes é apresentada a seguir:

---

<sup>4</sup> FANTE, Cleodelice A. Zonato. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*.

Campinas: Verus, 2005.

<sup>5</sup> FREIRE, Isabel P., SIMÃO, Ana M. Veiga & FERREIRA, Ana S. *O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do Ensino Básico* - questionário aferido para a população escolar portuguesa. Lisboa: Universidade de Lisboa in *Revista Portuguesa de Educação*, 2006, 19(2), pp. 157-183, 2006, CIEd - Universidade do Minho.

Região	Cidade/Estado
Norte	Belém/PA
Norte	Ananindeua/PA
Sul	Porto Alegre/RS
Sul	São Leopoldo/RS
Sudeste	São Paulo/SP
Sudeste	São José do Rio Preto/SP
Nordeste	São Luis/MA
Nordeste	São Luis/MA
Nordeste	Codó/MA
Nordeste	Timbiras/MA
Centro-Oeste	Brasília – DF
Centro-Oeste	Samambaia – DF
Centro-Oeste	Brazlândia – DF

Tabela 2.1. Municípios por região

Região	Escola particular – alunos respondentes		Escola pública – alunos respondentes		Total alunos respondentes	
Centro Oeste	201	20,6%	774	79,4%	975	100%
Nordeste	200	19,4%	833	80,6%	1033	100%
Norte	201	20,3%	789	79,7%	990	100%
Sudeste	247	20,1%	981	79,9%	1228	100%

<b>Sul</b>	246	26,1%	696	73,9%	942	<b>100%</b>
<b>Total geral</b>	<b>1095</b>	<b>21,2%</b>	<b>4073</b>	<b>78,8%</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

*Tabela 2.2. Quantidade de alunos por tipo de escola por região*

<b>Região</b>	<b>Capital – alunos respondentes</b>		<b>Interior – alunos respondentes</b>		<b>Total alunos respondentes</b>	
<b>Centro-Oeste</b>	569	58,4%	406	41,6%	975	<b>100%</b>
<b>Nordeste</b>	610	59,1%	423	40,9%	1033	<b>100%</b>
<b>Norte</b>	590	59,6%	400	40,4%	990	<b>100%</b>
<b>Sudeste</b>	662	53,9%	566	46,1%	1228	<b>100%</b>
<b>Sul</b>	512	54,4%	430	45,6%	942	<b>100%</b>
<b>Total geral</b>	<b>2943</b>	<b>56,9%</b>	<b>2225</b>	<b>43,1%</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

*Tabela 2.3. Quantidade de alunos por localização (capital ou interior) por região*

### 2.3.2. Coleta de Dados

---

Os questionários foram aplicados entre os meses de outubro e dezembro de 2009 junto às 25 escolas convidadas a participar da pesquisa, com amostras aleatórias de alunos de 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries, como detalhado a seguir:

10 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

Regiões	Série				Total geral
	5ª	6ª	7ª	8ª	
Centro-Oeste	240	210	199	326	975
Nordeste	285	249	250	249	1033
Norte	250	250	250	240	990
Sudeste	290	331	295	312	1228
Sul	208	234	217	283	942
<b>Total geral</b>	<b>1273</b>	<b>1274</b>	<b>1211</b>	<b>1410</b>	<b>5168</b>

Tabela 2.4. Quantidade de alunos por série por região

## 2.4. Etapa Qualitativa

---

Na etapa qualitativa da pesquisa foram realizados grupos focais com alunos, professores, funcionários, diretores e coordenadores de escolas e pais de alunos. Nesses grupos foram trabalhados os seguintes objetivos:

- Conhecer as causas de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Identificar os perfis dos agressores e das vítimas de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Identificar os modos de manifestação de maus tratos e de *bullying* no ambiente escolar;
- Refletir sobre as estratégias de combate aos maus tratos e ao *bullying* adotadas pelas escolas.

A etapa qualitativa foi desenvolvida entre os meses de novembro e dezembro de 2009 nas cidades de Porto Alegre (Rio Grande do Sul), São Luís (Maranhão), Belém (Pará), Brasília (Distrito Federal), Brazlândia (Distrito Federal) e São Paulo (São Paulo).

No total foram realizados 14 dos 15 grupos focais previstos inicialmente, visto que em uma das cidades, um grupo com pais foi cancelado devido ao não-comparecimento de participantes. Dessa forma, a análise final foi realizada com o material dos seguintes Grupos Focais:

- cinco grupos com alunos;
- dois grupos com pais/responsáveis;
- três grupos com professores;
- um grupos com gestores e funcionários;
- três grupos com gestores, professores e funcionários.

Participaram dos Grupos Focais 133 pessoas, sendo 55 alunos, 14 pais/responsáveis e 64 técnicos, professores e/ou gestores das escolas.

Utilizando-se do método de análise qualitativa de conteúdo especificamente indicado para grupos focais, foi possível realizar uma Análise Temática (análise descritiva e reflexiva das verbalizações agrupadas por temas em função dos objetivos da pesquisa), o que possibilitou que os resultados fossem em parte complementares aos da etapa quantitativa da pesquisa e, ainda, trouxessem novas perspectivas e recomendações.

Foram ainda realizadas análises intra e intergrupos por segmentos de alunos, de professores, funcionários e direção escolar e, também, de familiares.

### 3 Caracterização da Amostra

---

Este capítulo descreve a caracterização dos 5.168 alunos que participaram da etapa quantitativa da pesquisa, a qual consistiu na aplicação de um questionário em 25 escolas das cinco regiões geográficas do País.

#### 3.1 Série Escolar

---

A amostra de alunos foi composta por quantidades semelhantes de estudantes da quinta, sexta, sétima e oitava séries do Ensino Fundamental, como é possível observar na tabela abaixo. Também não há diferenças significativas na distribuição dos alunos por série nas cinco regiões do País, conforme divisão apresentada a seguir:

Regiões	Série				Total
	5ª	6ª	7ª	8ª	
Centro-Oeste	240	210	199	326	975
Nordeste	285	249	250	249	1033
Norte	250	250	250	240	990
Sudeste	290	331	295	312	1228
Sul	208	234	217	283	942

<b>Total</b>	<b>1273</b>	<b>1274</b>	<b>1211</b>	<b>1410</b>	<b>5168</b>
--------------	-------------	-------------	-------------	-------------	-------------

Tabela 3.1. Alunos da amostra por série escolar e região

## 3.2 Idade

---

Como detalhado na tabela a seguir, há uma concentração de participantes no intervalo de 11 a 15 anos de idade, sendo que mais de 60% da amostra está na faixa etária de 12 a 14 anos.

Idade	Quantidade	Percentual
<b>10</b>	45	0,9%
<b>11</b>	623	12,1%
<b>12</b>	1004	19,4%
<b>13</b>	1069	20,7%
<b>14</b>	1319	25,5%

Idade	Quantidade	Percentual
15	660	12,8%
16	249	4,8%
17	72	1,4%
18	17	0,3%
19	10	0,2%
21	1	0,0%
Em branco	99	1,9%
<b>Total</b>	<b>5168</b>	<b>100,0%</b>

Tabela 3.2. Alunos da amostra por idade

### 3.3 Sexo

---

A amostra de estudantes pesquisados foi composta de forma bastante equilibrada por meninos e meninas, sendo que 51% dos alunos são do sexo feminino e 48% são do sexo masculino, conforme tabela a seguir:

Resposta	Quantidade	Percentual
Menino	2502	48,4%

<b>Menina</b>	2614	<b>50,6%</b>
<b>Em branco</b>	52	1,0%
<b>Total</b>	<b>5168</b>	<b>100,0%</b>

*Tabela 3.3. Alunos da amostra por sexo*

Não há diferenças significativas na distribuição por sexo nas cinco regiões do País. Meninos e meninas da amostra se distribuem por região da seguinte forma:

<b>Região</b>	<b>Menino</b>	<b>Menina</b>	<b>Em branco</b>	<b>Total</b>
<b>Centro-Oeste</b>	46,3%	52,9%	0,8%	100%
<b>Nordeste</b>	45,2%	53,3%	1,5%	100%
<b>Norte</b>	48,9%	50,6%	0,5%	100%
<b>Sudeste</b>	50,9%	48,9%	0,2%	100%
<b>Sul</b>	50,4%	47,3%	2,2%	100%

*Tabela 3.4. Alunos da amostra por sexo e região*

### 3.4 Cor / Etnia

---

Na amostra pesquisada, há predominância de alunos “morenos” e “brancos”, que somados representam quase 70% do todo, e um percentual significativo de “pardos” (21,4 %). Caboclos, cafuzos, amarelos, índios, mulatos e pretos são pouco representativos na amostra e, somados, não representam nem 10% do total, como detalha a tabela a seguir.

Cor / etnia	Quantidade	Percentual
Moreno	1780	34,4%
Branco	1672	32,4%
Pardo	1104	21,4%
Preto	152	2,9%
Mulato	137	2,7%
Índio	100	1,9%
Amarelo	96	1,9%
Cafuzo	52	1,0%
Caboclo	40	0,8%
Em branco	35	0,7%
<b>Total</b>	<b>5168</b>	<b>100,0%</b>

Tabela 3.5. Alunos da amostra por cor / etnia (auto-classificação)

No Centro-Oeste, no Nordeste e no Norte os alunos que se auto-classificam como “morenos” formam o grupo numericamente mais expressivo, enquanto no Sudeste e no Sul, destaca-se o grupo formado pelos alunos que se auto-classificam como “brancos”. Enquanto o número de “pardos” é bem significativo nas três primeiras regiões citadas, nas duas últimas (Sul e Sudeste) esse número diminui bastante, principalmente no Sul.

Cor/etnia	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Total
<b>Moreno</b>	34,5%	40,6%	33,1%	33,2%	30,7%	34,4%
<b>Branco</b>	26,6%	18,2%	24,7%	39,7%	52,2%	32,4%
<b>Pardo</b>	25,5%	30,5%	29,7%	17,3%	3,6%	21,4%
<b>Preto</b>	3,8%	2,0%	2,1%	2,2%	4,9%	2,9%
<b>Mulato</b>	3,0%	2,3%	2,6%	2,4%	3,0%	2,7%
<b>Índio</b>	1,9%	1,5%	2,5%	1,2%	2,7%	1,9%
<b>Amarelo</b>	2,5%	1,7%	2,4%	1,9%	0,7%	1,9%
<b>Cafuzo</b>	1,2%	0,3%	1,4%	1,1%	1,1%	1,0%
<b>Caboclo</b>	0,6%	1,5%	0,8%	0,3%	0,6%	0,8%
<b>Em branco</b>	0,4%	1,3%	0,5%	0,7%	0,5%	0,7%
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

3.6. Alunos da amostra por cor / etnia e por região

### 3.5 Escolaridade do pai

---

A escolaridade dos pais dos alunos pesquisados reflete um perfil que caracteriza as escolas participantes da pesquisa, mas que não é representativa da escolaridade média da população brasileira. Metade dos pais tem Ensino Médio ou Ensino Superior completos. Apenas 3,7% são analfabetos, como se pode observar:

Escolaridade do pai	Total	Percentual
Não sabe ler e escrever	190	3,7%
Sabe ler e escrever	653	12,6%
Ensino médio	1250	24,2%
Fundamental I	686	13,3%
Fundamental II	804	15,6%
Superior	1340	25,9%
Em branco	245	4,7%
<b>Total</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

*Tabela 3.7. Escolaridade dos pais dos alunos da amostra*

O grau de escolaridade dos pais dos alunos na região Nordeste é o mais baixo da amostra, enquanto o nível de escolaridade dos pais dos alunos da região Norte é a mais alta:

Escolaridade do pai	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul
Não sabe ler e escrever	1,8%	10,4%	1,1%	3,4%	1,3%
Sabe ler e escrever	7,8%	17,7%	14,4%	12,6%	10,2%
Ensino médio	30,7%	17,6%	25,4%	20,5%	28,2%
Fundamental I	12,2%	13,8%	9,5%	17,3%	12,4%
Fundamental II	17,4%	8,6%	15,8%	16,3%	20,1%
Superior	26,9%	18,9%	32,6%	25,0%	26,9%
Em branco	3,2%	13,0%	1,2%	4,8%	1,0%
<b>Total</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Tabela 3.8. Escolaridade dos pais dos alunos da amostra por região

### 3.6 Escolaridade da mãe

---

A escolaridade das mães dos alunos pesquisados assemelha-se à dos pais: aproximadamente 50% dos alunos da amostra têm mães com escolaridade que varia entre o Ensino Médio e o Ensino Superior.

Escolaridade da Mãe	Total	Percentual
Não sabe ler e escrever	291	5,6%
Sabe ler e escrever	476	9,2%
Ensino médio	1401	27,1%
Fundamental I	596	11,5%
Fundamental II	951	18,4%
Superior	1282	24,8%
Em branco	171	3,3%
<b>Total</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

Tabela 3.9. Escolaridade das mães dos alunos da amostra

Em comparação com as outras regiões, a escolaridade das mães dos alunos da região Nordeste também é a mais baixa da amostra. A escolaridade das mães dos alunos do Centro-Oeste e do Norte, por outro lado, são as mais altas da amostra.

Escolaridade da Mãe	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul
Não sabe ler e escrever	3,9%	11,8%	5,1%	4,4%	2,9%
Sabe ler e escrever	5,8%	12,9%	10,0%	9,9%	7,0%
Ensino médio	33,9%	21,7%	33,5%	20,9%	27,3%
Fundamental I	10,8%	12,3%	6,0%	15,8%	11,8%
Fundamental II	18,7%	11,3%	17,9%	20,3%	24,0%
Superior	24,9%	19,7%	26,7%	26,5%	26,2%
Em branco	1,9%	10,4%	0,9%	2,3%	0,8%
<b>Total geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Tabela 3.10. Escolaridade das mães dos alunos da amostra por região

### 3.7 Situação civil dos pais

Mais da metade dos alunos pesquisados apresenta pais morando juntos. Alunos que têm pais separados somam aproximadamente 28% da amostra total. Apenas 8% da amostra têm pais solteiros e 5%, viúvos.

Situação civil	Qt de alunos	Percentual
Moram juntos	2964	57,4%
Separados	1438	27,8%
Solteiro(a)	410	7,9%
Viúvo(a)	262	5,1%
Em branco	94	1,8%
<b>Total geral</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

Tabela 3.11. Situação civil dos pais dos alunos da amostra

Alunos das regiões Norte e Sul caracterizam-se pelas menores porcentagens de pais que moram juntos. Nessas duas regiões são maiores as porcentagens de pais separados e viúvos. Nas demais regiões, não há diferenças significativas na distribuição dessa variável.

Região	Casados / moram juntos	Divorciados/ separados	Solteiro(a)	Viúvo(a)	Em branco	Total

<b>Centro-Oeste</b>	61,1%	26,5%	6,9%	4,4%	1,1%	100,0%
<b>Nordeste</b>	57,9%	27,0%	8,4%	3,7%	3,0%	100,0%
<b>Norte</b>	50,6%	30,9%	12,0%	4,5%	1,9%	100,0%
<b>Sudeste</b>	64,2%	24,8%	4,6%	5,2%	1,2%	100,0%
<b>Sul</b>	51,1%	30,9%	8,5%	7,6%	1,9%	100,0%

*Tabela 3.12. Situação civil dos pais dos alunos da amostra por região*

### 3.8 Arranjos Familiares

---

Os arranjos familiares são, predominantemente, nucleares: 43% dos alunos da amostra moram com pais e irmãos e 17,6% deles moram com os pais. 16% moram apenas com a mãe e 8% com mãe e irmãos. Todos os demais arranjos têm porcentagens pouco significativas nessa amostra, como pode ser observado na tabela a seguir:

Com quem mora	Quantidade	Percentual
<b>Pais e irmãos</b>	2221	<b>43,0%</b>
<b>Com pais</b>	910	17,6%
<b>Só mãe</b>	829	16,0%
<b>Mãe e irmãos</b>	411	8,0%
<b>Mãe, padrasto e irmãos</b>	187	3,6%
<b>Avô(ó)</b>	132	2,6%
<b>Outros</b>	106	2,1%
<b>Mãe e padrasto</b>	64	1,2%
<b>Avô(ó) e irmãos</b>	57	1,1%
<b>Tio(a)</b>	41	0,8%
<b>Só pai</b>	39	0,8%
<b>Pai e irmãos</b>	37	0,7%
<b>Pai, madrasta e irmãos</b>	37	0,7%
<b>Pai e madrasta</b>	21	0,4%
<b>Tio(a) e irmãos</b>	7	0,1%
<b>Em branco</b>	69	1,3%
<b>Total geral</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

Tabela 3.13. Arranjos familiares dos alunos da amostra

A região Centro-Oeste tem maior a porcentagem de alunos que moram com pais e irmãos, enquanto o Sul tem a menor. Não há diferenças significativas na distribuição dos demais arranjos familiares por região do País.

Com quem mora	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul
<b>Pais e irmãos</b>	50,8%	39,7%	40,4%	46,4%	36,7%
<b>Com pais</b>	14,7%	20,2%	15,2%	19,1%	18,5%
<b>Só mãe</b>	15,1%	15,0%	20,9%	12,9%	17,2%
<b>Mãe e irmãos</b>	8,4%	7,0%	6,7%	7,7%	10,2%
<b>Mãe, padrasto e irmãos</b>	2,8%	3,1%	3,8%	2,9%	5,7%
<b>Avô(ó)</b>	1,5%	3,9%	3,9%	2,2%	1,2%
<b>Outros</b>	1,0%	2,0%	2,8%	1,6%	2,9%
<b>Mãe e padrasto</b>	0,8%	1,1%	1,3%	1,0%	2,1%
<b>Avô(ó) e irmãos</b>	0,6%	2,6%	1,2%	0,7%	0,3%
<b>Tio(a)</b>	0,5%	1,0%	1,4%	0,7%	0,3%
<b>Só pai</b>	0,7%	0,7%	0,9%	0,3%	1,3%
<b>Pai e irmãos</b>	0,5%	0,9%	0,2%	0,5%	1,6%
<b>Pai, madrasta e irmãos</b>	0,8%	0,8%	0,2%	0,6%	1,3%

<b>Pai e madrasta</b>	0,2%	0,6%	0,5%	0,3%	0,4%
<b>Tio(a) e irmãos</b>	0,2%	0,4%	0,0%	0,1%	0,0%

Com quem mora	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul
Em branco	1,3%	1,2%	0,5%	2,9%	0,3%
<b>Total geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Tabela 3.14. Arranjos familiares dos alunos da amostra por região

### 3.9 Acesso a Meios de Comunicação

A televisão e a internet são os meios de comunicação acessados com maior frequência pelos alunos da amostra. 66% deles afirmam que assistem televisão sempre e 56% declaram que acessam a internet sempre. Rádio, jornal e revista são meios de comunicação acessados eventualmente por quase 60% dos alunos da amostra.

Frequência	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
Nunca	1,0%	8,6%	29,3%	21,6%	5,9%
Às vezes	31,0%	59,0%	57,3%	58,4%	32,7%
Sempre	66,1%	28,9%	9,4%	17,1%	56,2%
Em branco	1,9%	3,5%	3,9%	3,0%	5,2%
<b>Total geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Tabela 3.15. Frequência de acesso a meios de comunicação pelos alunos da amostra

O Centro-Oeste é a região do País em que os alunos da amostra acessam a internet com maior

frequência: 65,8% deles afirmam que acessam sempre.

Frequência	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
Nunca	1,1%	11,5%	33,7%	22,6%	4,2%
Às vezes	27,5%	59,6%	58,8%	59,9%	26,5%
Sempre	70,5%	27,2%	6,2%	16,5%	65,8%
Em branco	0,9%	1,7%	1,3%	1,0%	3,5%
Total geral	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 3.16. Frequência de acesso a meios de comunicação no Centro-Oeste

O Nordeste, ao contrário, é a região do País onde os alunos acessam a internet com menor frequência: apenas 42% deles afirmam que acessam sempre e 12,1% nunca acessam a internet.

Frequência	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
<b>Nunca</b>	1,2%	8,2%	25,0%	15,1%	12,1%
<b>Às vezes</b>	36,0%	60,3%	56,3%	60,9%	37,9%
<b>Sempre</b>	59,5%	23,2%	9,4%	16,7%	41,7%
<b>Em branco</b>	3,3%	8,2%	9,3%	7,3%	8,2%
Total geral	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Tabela 3.17. Frequência de acesso a meios de comunicação na região Nordeste

Nas regiões Norte, Sul e Sudeste, as porcentagens de alunos que acessam sempre a internet variam entre 55% e 60%, refletindo uma tendência da amostra pesquisada que é predominantemente urbana. Na região Sudeste, quase 42% dos alunos nunca lê jornais, diferentemente dos alunos das demais regiões, que acessam jornais eventualmente ou sempre.

Frequência	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
<b>Nunca</b>	0,8%	9,2%	20,1%	17,4%	4,3%
<b>Às vezes</b>	34,4%	65,3%	62,4%	59,5%	30,2%
<b>Sempre</b>	62,2%	22,4%	13,3%	20,4%	59,8%
<b>Em branco</b>	2,5%	3,1%	4,1%	2,7%	5,7%
Total	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Tabela 3.18. Frequência de acesso a meios de comunicação na região Norte

Frequência	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
Nunca	1,1%	6,8%	41,9%	28,1%	5,4%
Às vezes	23,5%	56,6%	50,8%	56,2%	32,2%
Sempre	73,6%	34,6%	4,7%	13,4%	59,0%
Em branco	1,8%	2,0%	2,6%	2,3%	3,5%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 3.19. Frequência de acesso a meios de comunicação na região Sudeste

Frequência	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
Nunca	0,7%	7,5%	22,9%	23,6%	3,4%
Às vezes	35,5%	53,7%	59,9%	55,6%	36,5%
Sempre	62,8%	36,1%	15,0%	19,2%	54,9%
Em branco	1,0%	2,7%	2,2%	1,6%	5,2%
Total	100%	100%	100%	100%	100%

3.20. Frequência de acesso a meios de comunicação na região Sul

### 3.10 Amigos

---

Pouco mais de 45% dos alunos pesquisados afirmam ter mais de cinco bons amigos na escola. 22% deles apontam que têm dois ou três bons amigos na escola e 15% deles, que têm quatro ou cinco bons amigos. Percentuais mais baixos, porém significativos, de alunos têm perfil mais solitário no ambiente escolar: 10% afirmam ter apenas um bom amigo na escola e 7% não tem nenhum bom amigo, como detalhado na tabela a seguir.

Total de bons amigos	Qt. de alunos	Percentual
Mais de cinco	2349	45,5%
Dois ou três	1133	21,9%
Quatro ou cinco	785	15,2%
Tem um	502	9,7%
Não tem	358	6,9%
Em branco	41	0,8%
<b>Total</b>	<b>5168</b>	<b>100,0%</b>

Tabela 3.21. Quantidade de bons amigos na escola

### 3.11 Ambiente Escolar

---

A maioria dos alunos pesquisados sente que a escola tem um ambiente acolhedor: 57% afirmam que sempre se sentem bem na escola; 43% deles sempre se sentem acolhidos na escola; 49% deles sempre se sentem amados na escola e 47% deles sempre se sentem seguros na escola.

Apenas 6% dos alunos da amostra declaram que sempre se sentem excluídos na escola e 4% deles se sentem sempre sozinhos. Somente cerca de 3% dos alunos da amostra afirmam que sempre sentem medo na escola e/ou sempre se sentem maltratados e/ou angustiados e/ou humilhados.

Entretanto, 43,6% dos alunos às vezes se sentem angustiados na escola, 38,8% às vezes se sentem sozinhos e 36,3% às vezes se sentem com medo. 10,10% nunca se sentem seguros e 12,7% nunca se sentem acolhidos.

Não há diferenças significativas na distribuição dessas respostas entre as cinco regiões do País.

Como se sente	Nunca	Às vezes	Sempre	Em branco	Total
<b>Acolhido</b>	12,7%	40,8%	43,3%	3,2%	100%
<b>Amado</b>	9,3%	38,7%	49,3%	2,8%	100%
<b>Angustiado</b>	50,2%	43,6%	3,2%	3,0%	100%

Como se sente	Nunca	Às vezes	Sempre	Em branco	Total
Bem	4,8%	36,1%	56,8%	2,3%	100%
Com medo	57,5%	36,3%	3,2%	3,1%	100%
Excluído	57,8%	33,5%	5,7%	3,0%	100%
Humilhado	69,0%	26,0%	2,6%	2,3%	100%
Maltratado	70,3%	23,8%	2,7%	3,2%	100%
Seguro	10,1%	39,8%	47,5%	2,7%	100%
Sozinho	54,9%	38,8%	4,0%	2,4%	100%

Tabela 3.22. Como se sentem no ambiente escolar

### 3.12 Ambiente Familiar

O ambiente familiar também é acolhedor para a maioria dos alunos pesquisados: 70% afirmam que sempre se sentem bem no ambiente familiar; 73% sempre se sentem acolhidos, 80% sempre se sentem amados e 77% sempre se sentem seguros.

Apenas 5% dos alunos dizem que sempre se sentem excluídos no ambiente familiar e 4% deles se sentem sozinhos frequentemente. Apenas 2% afirmam que sempre se sentem com medo e/ou maltratados, e/ou humilhados, e/ou angustiados.

O ambiente familiar às vezes é angustiante para 35,9% dos alunos pesquisados e 25,3% às vezes sentem medo nesse ambiente, como mostra a tabela a seguir.

Como se sente	Nunca	Às vezes	Sempre	Em branco	Total
Acolhido	7,80%	17,10%	72,60%	2,40%	100%
Amado	2,60%	14,70%	80,10%	2,60%	100%
Angustiado	59,50%	35,90%	2,30%	2,30%	100%
Bem	5,10%	23,20%	69,60%	2,20%	100%
Com medo	70,10%	25,30%	2,10%	2,50%	100%
Excluído	76,70%	15,80%	4,80%	2,70%	100%
Humilhado	82,90%	13,00%	1,80%	2,40%	100%
Maltratado	82,90%	12,90%	1,70%	2,50%	100%
Seguro	3,00%	16,00%	77,30%	3,80%	100%
Sozinho	68,70%	25,00%	4,40%	1,90%	100%

Tabela 3.23. Como se sentem no ambiente familiar

## 4 Incidência

---

Esse capítulo aborda as seguintes perguntas: há maus tratos e *bullying* nas escolas brasileiras? Qual a frequência desse tipo de violência? Quanto tempo ela pode durar? Em que tipo de escola são mais frequentes? Em qual região do País os estudantes sofrem mais esse tipo de violência?

### 4.1 Incidência de Maus Tratos nas Escolas

---

A violência é um fenômeno relevante nas escolas brasileiras: cerca de 70% dos alunos pesquisados informam ter visto, pelo menos uma vez, um colega ser maltratado no ambiente escolar no ano de 2009. Quase 9% dos alunos afirmam ter visto colegas serem maltratados várias vezes por semana e outros 10%, que vêem esse tipo de cena todos os dias. Ou seja, cerca de 20% dos alunos presencia atos de violência dentro da escola com uma frequência muito alta, o que é um indício de que o *bullying* está presente significativamente nas escolas investigadas.

Viu colega ser maltratado	Quantidade	Percentual
Não vi	1468	28,4%
Vi 1 ou 2	1834	35,5%
Vi de 3 a 6	531	10,3%
1 vez por sem	262	5,1%
Vários por sem	461	8,9%

<b>Todos os dias</b>	522	10,1%
<b>Em branco</b>	90	1,7%
<b>Total geral</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

*Tabela 4.1. Alunos que viram colegas serem maltratados no ano de 2009*

Os depoimentos de alunos, pais, professores e equipe técnica, coletados na etapa qualitativa da pesquisa, também fornecem evidências de que a prática dos maus tratos é bastante comum entre os estudantes e estão presentes nas escolas das cinco regiões do Brasil estudadas nesta pesquisa.

Desagregando os dados quantitativos pelas cinco regiões do País, na tabela a seguir, observa-se que, em 2009, os maus tratos entre colegas foram mais frequentes nas escolas do Sudeste. Na sequência estão as escolas do Centro-Oeste, Sul, Nordeste e as do Norte. O *bullying* também segue esta distribuição, sendo que a diferença entre os extremos é significativa: no Sudeste a porcentagem

de alunos que viu colegas serem mal tratados mais de três vezes no ano de 2009 é de aproximadamente 47%, enquanto no Norte esse número cai pela metade, chegando a 23,7%.

Viu colega ser maltratado	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Total
Não vi	22,8%	36,7%	39,0%	17,7%	28,0%	28,4%
Vi 1 ou 2	37,9%	37,9%	30,6%	33,9%	37,5%	35,5%
Vi de 3 a 6	13,1%	7,3%	6,8%	13,8%	9,8%	10,3%
1 vez por sem	3,9%	4,4%	5,4%	5,5%	6,3%	5,1%
Vários por sem	8,9%	6,1%	6,7%	12,5%	9,8%	8,9%
Todos os dias	11,0%	5,9%	10,0%	15,2%	7,2%	10,1%
Em branco	2,4%	1,7%	1,6%	1,5%	1,5%	1,7%
<b>Total geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Tabela 4.2. Alunos que viram colegas serem maltratados no ano de 2009 por região do País

A incidência de maus tratos entre colegas e do bullying nas escolas será descrita em duas dimensões complementares que serão apresentadas a seguir: i) casos de vítimas e ii) casos de agressores.

#### 4.2 Maus tratos e *Bullying* nas Escolas: Incidência de Casos de Vítimas

Os dados quantitativos revelam que 28% da amostra total de alunos afirmam ter sido vítimas de maus tratos por parte de colegas ao menos uma vez no ano de 2009, como pode ser observado na tabela a seguir. Quase 10% da amostra relatam ter sofrido maus tratos três ou mais vezes no mesmo ano, o que, para fins dessa pesquisa, é caracterizado como *bullying*. Portanto, pode-se afirmar que cerca de 10% de todos participantes da pesquisa declararam que foram vítimas<sup>6</sup> desse fenômeno no ano de referência. Essa porcentagem é considerada significativa por si, mas se for considerado o fato de que a natureza do fenômeno investigado pode provocar constrangimento na vítima ao relatá-lo, o número obtido em campo pode estar subestimado.

Apesar de 71% dos alunos pesquisados afirmarem que não foram vítimas de maus tratos na escola durante o ano de 2009, as respostas dadas por esse mesmo grupo a outras questões da etapa quantitativa da pesquisa revelam frequências mais elevadas tanto de maus tratos quanto de *bullying*. Isso indica que, ao longo da aplicação do questionário, o constrangimento inicial de alguns alunos foi superado. Por essa razão as tabelas e gráficos das sessões posteriores apresentam frequências

---

<sup>6</sup>Os estudantes não se auto-declararam diretamente como vítimas de *bullying*, mas como vítimas de maus tratos. Essa é uma classificação analítica feita com base nas respostas às questões propostas, principalmente com base na resposta à pergunta sobre a frequência da agressão.

diferentes para a incidência de maus tratos e *bullying*, reforçando a inferência de que o percentual de vítimas é superior aos 10% captados com respostas diretas a essa questão do formulário.

<b>Frequência dos maus tratos</b>	<b>Quantidade de alunos</b>	<b>Percentual</b>
<b>Não fui maltratado</b>	3666	70,9%
<b>Fui 1 ou 2 vezes</b>	940	18,2%
<b>Fui de 3 a 6 vezes</b>	198	3,8%
<b>1 vez por sem</b>	71	1,4%
<b>Várias vezes por sem</b>	140	2,7%
<b>Todos os dias</b>	90	1,7%
<b>Em branco</b>	63	1,2%
<b>Total geral</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

*Tabela 4.3. Frequência dos maus tratos no ano de 2009 (vítimas)*

Quanto aos padrões de incidência de maus tratos nas cinco regiões pesquisadas, verifica-se, na tabela abaixo, que as vítimas de maus tratos na escola estão presentes com mais elevada frequência (39%) entre os estudantes das escolas do Sudeste, se comparados esses dados com os das outras quatro regiões. O Sudeste é seguido por Centro-Oeste, Sul e, depois, com menor frequência (21%), Norte e Nordeste.

Frequência de maus tratos	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Total
<b>Não fui maltratado</b>	66,7%	77,3%	77,8%	59,6%	76,0%	70,9%
<b>Fui 1 ou 2 vezes</b>	20,3%	15,8%	14,8%	23,9%	14,6%	18,2%
<b>Fui de 3 a 6 vezes</b>	4,0%	1,9%	2,6%	6,3%	3,8%	3,8%
<b>1 vez por sem</b>	1,5%	1,0%	1,2%	2,0%	1,1%	1,4%
<b>Várias vezes por sem</b>	3,8%	1,0%	1,0%	4,9%	2,4%	2,7%
<b>Todos os dias</b>	2,4%	1,5%	1,4%	2,3%	1,1%	1,7%
<b>Em branco</b>	1,3%	1,6%	1,1%	1,1%	1,0%	1,2%
<b>Total geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Tabela 4.4. Frequência dos maus tratos no ano de 2009 por região do País (vítimas)

A ocorrência de *bullying* nas cinco regiões no País segue uma distribuição semelhante à observada para maus tratos, sendo mais frequente entre os estudantes da região Sudeste: 15,5% deles foram vítimas de *bullying* em 2009. Na sequência estão: Centro-oeste (11,7%), Sul (8,4%), Norte (6,2%) e Nordeste (5,4%). No Sudeste, região com maior incidência de vítimas de *bullying*, esse número é quase três vezes maior que no Nordeste, região com menor incidência. Essas diferenças ficam mais evidentes no gráfico a seguir, onde “Alfa” representa o grupo de alunos que não foram

vítimas de maus tratos, ou o foram por uma ou duas vezes, e “Beta” refere-se ao grupo de alunos que foram vítimas de maus tratos por mais de três vezes no ano de 2009, ou seja, neste estudo caracterizados como vítimas de *bullying*<sup>7</sup>.

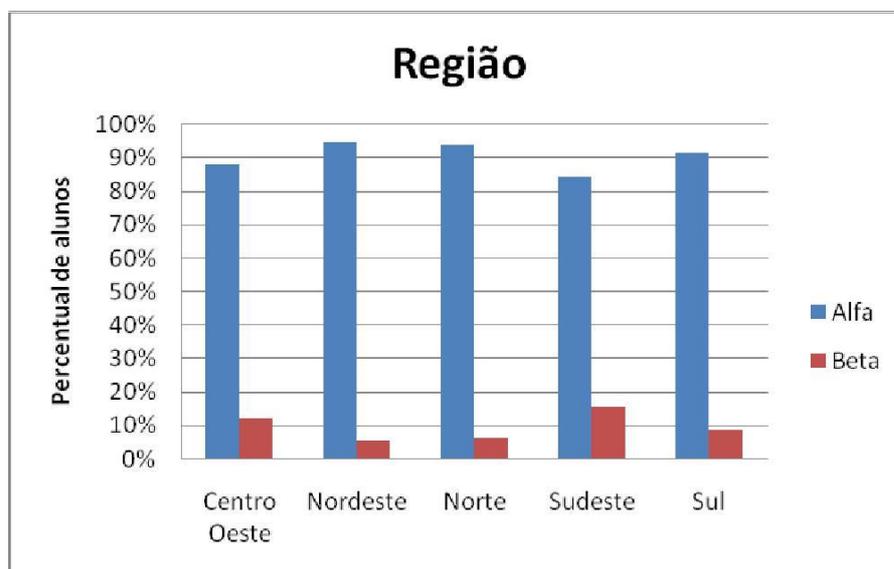


Tabela 4.5. Vítimas de bullying (Beta) por região do País

A incidência do *bullying* pode ser avaliada não só pelo número de vezes em que o mau trato se repete, mas também pelo tempo que ele dura. Quanto mais duradouro for um mau trato, mais ele se aproxima das características do *bullying*. A tabela a seguir apresenta os dados para a incidência temporal do *bullying* escolar, a partir das informações dadas pelas vítimas.

Duração dos maus tratos	Total	Percentual
Não fui maltratado	3447	66,7%
Durou uma semana	758	14,7%
Durou várias semanas	340	6,6%
Desde o ano passado	160	3,1%
Todo este ano	212	4,1%
Em branco	251	4,9%
<b>Total geral</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

Tabela 4.6. Duração dos maus tratos na escola

Uma semana é o período de duração mais frequente de ocorrência de maus tratos de acordo com os alunos respondentes, sendo observado em quase 15% daqueles que foram vítimas dessa

---

<sup>7</sup> Nas tabelas e gráficos seguintes, quando feita a mesma segmentação, Alfa representa o grupo de alunos que não sofreu *bullying* e Beta representa o grupo de alunos que sofreu *bullying*.

situação de violência. Períodos mais longos de maus tratos, englobando intervalos de tempo de várias semanas ou meses, são citados por cerca de 14% dos alunos da amostra.

A tabela a seguir revela um fenômeno relevante: quando os maus tratos são mais frequentes, repetindo-se por várias vezes na semana ou diariamente, o tempo de sua duração também é superior: dura várias semanas ou meses. Na medida em que os maus tratos são menos frequentes, o período de duração também é inferior. Ou seja, quanto mais frequentes os atos de *bullying*, maior a tendência de que sejam mais duradouros.

Duração dos maus tratos	Frequência dos maus tratos							
	Não fui	Fui 1 ou 2 vezes	Fui de 3 a 6 vezes	1 vez por sem	Várias vezes por sem	Todos os dias	Em branco	Total geral
Não fui maltratado	88,9%	14,0%	10,6%	5,6%	5,7%	3,3%	30,2%	66,7%
Uma semana	2,6%	56,2%	37,4%	35,2%	16,4%	13,3%	3,2%	14,7%
Várias semanas	1,9%	12,7%	27,3%	23,9%	33,6%	33,3%	4,8%	6,6%
Desde o ano passado	0,8%	4,7%	12,6%	9,9%	20,7%	24,4%	4,8%	3,1%
Todo este ano	1,6%	7,4%	8,6%	18,3%	20,7%	24,4%	3,2%	4,1%
Em branco	4,2%	5,0%	3,5%	7,0%	2,9%	1,1%	54,0%	4,9%
<b>Total geral</b>	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 4.7. Duração dos maus tratos na escola por frequência dos maus tratos

### 4.3 Maus tratos e *Bullying* nas Escolas: Incidência de Casos de Agressores

A apresentação dos dados sobre a incidência dos casos de vítimas de maus tratos e de *bullying* nas escolas é enriquecida pelas informações sobre incidência dos casos de agressores. Sendo as duas dimensões opostas e complementares do mesmo fenômeno, era esperado que as porcentagens de incidência se assemelhassem, o que, de fato, pode ser observado.

Pouco mais de 29% dos alunos pesquisados afirmam que já maltrataram colegas no ambiente escolar pelo menos uma vez no ano de 2009, número muito semelhante à incidência das vítimas de maus tratos. Os dados coletados revelam que 10% da amostra de alunos afirmam ter praticado *bullying* (maus tratos a colegas com frequência superior a três vezes no ano de 2009), porcentagem que converge com a incidência de vítimas desse fenômeno captada pela pesquisa.

Frequência dos maus tratos	Quantidade	Percentual
Não maltratei	3589	69,4%
1 ou 2 vezes	989	19,1%
De 3 a 6 vezes	194	3,8%

Frequência dos maus tratos	Quantidade	Percentual
Uma vez por semana	81	1,6%
Várias vezes por semana	100	1,9%
Todos os dias	139	2,7%
Em branco	76	1,5%
<b>Total geral</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

Tabela 4.8. Frequência dos maus tratos a colega(s) em 2009 (agressores)

Para complementar a identificação da incidência do *bullying* nas diferentes regiões do País, a dimensão dos agressores também é analisada. Para isso é considerada a porcentagem de agressores dentre o total de alunos das subamostras pesquisadas.

Aqui, diferentemente do que é possível observar na dimensão das vítimas, a presença de agressores é um pouco maior entre os alunos da região Centro-Oeste, índice seguido pelo do Sudeste. No Centro-Oeste, 14% da amostra de alunos praticaram o *bullying*, enquanto no Sudeste esse número está em 12%. Na sequência, estão o Norte (9%), o Sul (8%) e o Nordeste (7%).

A análise de informações das duas dimensões complementares - vítimas e agressores – indica que a maior incidência de *bullying* está nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do País. Revela, também, que as escolas da região Nordeste são aquelas que parecem apresentar os menores indicadores desse tipo de violência. Na tabela abaixo e nas seguintes, o grupo N é composto pelos estudantes que não praticaram *bullying* (nunca maltrataram um colega ou o fizeram uma ou duas vezes no ano de 2009). Já o grupo M é composto pelos estudantes que praticaram *bullying* (maltrataram um colega mais de três vezes no ano de referência).

Região	Grupo N	Grupo M	Total
Centro-Oeste	86,0%	14,0%	100%

<b>Nordeste</b>	92,9%	7,1%	100%
<b>Norte</b>	90,8%	9,2%	100%
<b>Sudeste</b>	87,9%	12,1%	100%
<b>Sul</b>	92,4%	7,6%	100%
<b>Total geral</b>	<b>89,9%</b>	<b>10,1%</b>	<b>100%</b>

*Tabela 4.9. Frequência dos maus tratos a colega(s)*

*em 2009 (agressores - Grupo M) por região do País*

#### 4.4 Considerações Finais

---

Os dados coletados na etapa quantitativa da pesquisa realizada com alunos, levando em conta as dimensões das vítimas e dos agressores, revelam que os maus tratos entre pares no ambiente

escolar estão presentes em cerca de 30% da amostra pesquisada. O *bullying* foi verificado em 10% dessa amostra, com ocorrências mais frequentes nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. Não há diferença significativa na incidência do *bullying* entre as escolas das capitais e das cidades do interior pesquisadas. Quanto mais frequentes se tornam os atos de violência contra um aluno, mais tempo esses atos tendem a durar ao longo do ano letivo.

Os dados coletados na etapa qualitativa da pesquisa mostram que, para os alunos entrevistados, o termo *bullying* é praticamente desconhecido, com poucas exceções de alguns que já o tinham ouvido na mídia. No entanto, sua prática é imediatamente reconhecida por todos e associada a episódios de maus tratos na escola. Sem exceção, todos os alunos entrevistados são capazes de identificar e/ou relatar casos de *bullying* presenciados ou nos quais estavam envolvidos.

Na opinião da maioria dos professores entrevistados, o *bullying* é um fenômeno comum e recorrente nas escolas. Um dos aspectos levantados por muitos professores é que esse tipo de comportamento sempre existiu ao lado de outras formas de interação entre os adolescentes, porém, não com a nomenclatura “*bullying*”.

Os dados coletados na etapa qualitativa da pesquisa permitem afirmar que, embora seja um fenômeno presente na grande maioria das escolas, o *bullying* não é facilmente diferenciado de outras formas generalizadas de relações agressivas entre os alunos, em especial entre os adolescentes. Observa-se, inclusive, uma resistência da maioria dos informantes em reconhecer o termo e seu conceito, provavelmente em função do pouco conhecimento sobre eles.

Portanto, não é simples a resposta para a pergunta de pesquisa “há *bullying* na opinião da equipe escolar?” É possível concluir que, na parcela da realidade brasileira captada pela pesquisa, há uma variedade de formas de comportamentos e ações violentas, as quais por vezes se caracterizam como *bullying*, mas raramente são reconhecidas como tal.

30 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

## 5 Causas

---

Esse capítulo aborda as possíveis causas do *bullying* em ambiente escolar, de acordo com as opiniões de professores, pais e alunos coletadas durante os grupos focais realizados nas escolas. Fundamentado principalmente em dados qualitativos, o capítulo apresenta os aspectos mais citados a respeito dos fatores que podem gerar e manter atitudes agressivas dos alunos, nas dimensões escolar, familiar e de relacionamento entre os alunos.

### 5.1 Escola

---

Embora professores e gestores das escolas não tenham citado espontaneamente a si próprios ou a escola como elementos que poderiam influenciar o surgimento de atitudes agressivas por parte dos alunos, posteriormente eles apontaram deficiências do sistema escolar como possíveis determinantes dessa violência. Na opinião deles, os elementos intrínsecos à estrutura escolar/educacional que podem ter relação com o surgimento de comportamentos violentos são: i) número excessivo de alunos em sala de aula, ii) dificuldades da escola em lidar com problemas da família do aluno, iii) falta de preparação e habilidade de professores para educar sem uso de coerção e agressão, iv) estrutura física inadequada e v) falta de espaços para que os alunos expressem suas emoções e dificuldades pessoais.

Embora a opinião de pais e responsáveis sobre como o sistema escolar gera e mantém o *bullying* seja diferente de como os professores e gestores se expressaram, acredita-se que os elementos citados por esses dois grupos podem estar, de alguma forma, relacionados. Para pais e responsáveis, o ambiente escolar apresenta falta de hierarquia e autoridade, o que gera um excesso de liberdade e propicia a impunidade dos agressores. Os pais reiteram que a falta de limites e omissão dos professores e funcionários são fatores de fortalecimento dos comportamentos violentos, pois permitem a ocorrência de ações agressivas dos alunos e sua repetição sem que exista perspectiva de que a violência seja eliminada.



31 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

## 5.2 Família

---

Na opinião dos professores, a origem dos maus tratos e do *bullying* no ambiente escolar é, em grande parte, familiar. Os professores acreditam que o ambiente familiar não socializa a criança para o convívio social e estimula que ele empregue comportamentos violentos na escola. De acordo com os discursos dos professores a influência da família se realiza das seguintes formas:

- i) A ocorrência de violência doméstica estimula comportamentos violentos fora do seio da família. Ao conviver com a violência no seio da família, a criança aprenderia a resolver seus conflitos por meio de agressões, tanto verbais quanto físicas.
- ii) A negligência dos pais em relação à vida escolar dos filhos e sua omissão em relação ao desenvolvimento pessoal e à aprendizagem escolar. A criança não aprenderia a valorizar os conhecimentos e experiências desenvolvidas no ambiente escolar.
- iii) A falta de apoio emocional, a depreciação e estigmatização dos filhos pelos pais, o que geraria crianças inseguras, com dificuldades de relacionamento interpessoal, com baixa auto-estima e necessidade de obter aceitação social através de atitudes agressivas de auto-afirmação e pertencimento ao grupo.

Os próprios pais também citaram a negligência da família como causa dos maus tratos e do *bullying* no ambiente escolar. Na percepção destes, pais negligentes tendem a ter filhos com comportamentos agressivos na escola, pois a agressividade é um meio da criança obter atenção tanto dos próprios pais, quanto de professores e colegas.

## 5.3 Alunos

---

De acordo com os relatos dos alunos nos grupos focais, as causas do *bullying* e de outros comportamentos agressivos no ambiente escolar são, de maneira geral, as seguintes:

i) Emprego generalizado de apelidos e agressões verbais como formas de brincadeira. Os alunos relataram que, muitas vezes, uma situação violenta é consequência de uma brincadeira que sai do controle dos envolvidos. Os alunos afirmaram, ainda, que é muito difícil para eles estabelecer as diferenças e limites entre brincadeiras e agressões.

ii) Dificuldades emocionais e de relacionamento interpessoal dos agressores. Para os alunos, a prática de *bullying* acontece também porque os agressores não conseguem lidar com seus problemas pessoais e mascaram sua fragilidade com manifestações agressivas de poder. Os alunos acreditam que, mais do que a vítima, o agressor revela problemas decorrentes de

insegurança e exclusão e praticam as agressões como forma de driblá-los, a fim de que sejam aceitos e respeitados pelo grupo.

- iii) Necessidade de pertencer a um grupo e se ajustar a suas demandas. Os alunos acham que a diferenciação de grupos dentro do ambiente escolar (conhecidos como “panelinhas”) facilita o aparecimento de conflitos e comportamentos que expressam o desejo de conquistar popularidade e ser aceito.

Os dados levantados na etapa quantitativa sobre as causas para os maus tratos reforçam essas opiniões. As respostas mais frequentes à pergunta “por que você acha que alguns colegas maltratam outros?” dadas pelos os alunos que responderam ao questionário foram, na sequência: “porque querem ser populares, “não sei dizer”, “por brincadeira” e “querem dominar o grupo”. As respostas a essa questão revelam, ainda, que os maus tratos entre colegas no ambiente escolar podem ocorrer porque: o agressor é mais forte do que a vítima, a vítima não reage, a vítima é diferente, os agressores não são punidos pela escola, sentem-se provocados e acham que a as vítimas merecem:

Motivações	Quantidade	Percentual
<b>Não vi</b>	646	7,18%
<b>Querem ser populares</b>	1514	16,84%
<b>Não sei dizer</b>	1166	12,97%
<b>Por brincadeira</b>	1042	11,59%
<b>Querem dominar o grupo</b>	853	9,49%
<b>São mais fortes</b>	809	9,00%
<b>Vítimas não reagem</b>	734	8,16%
<b>Porque a vítima é diferente</b>	610	6,78%
<b>Não são punidos</b>	586	6,52%

<b>Sentem provocados</b>	448	4,98%
<b>Acham que vítimas merecem</b>	335	3,73%
<b>Outros</b>	248	2,76%
<b>Total geral</b>	8991	100,00%

*Tabela 5.1 Motivações para os maus tratos*

Segundo a tabela 7.10, apresentada no capítulo 7, as vítimas assinalaram com maior frequência as alternativas “não sei”, “por brincadeira” e “querem ser populares”. Quanto às respostas dadas pelos agressores à pergunta “por que você maltratou colegas na escola no ano letivo de 2009?” (tabela 7.18, capítulo 7), as mais frequentes foram, em sequência: “porque me sinto provocado”, “por brincadeira”, “não sei” e “porque acho que eles(as) merecem”.

Nota-se que a opção “por brincadeira” está entre as alternativas que foram assinaladas com maior frequência nas tabelas 5.1, 7.10 e 7.18. As tabelas revelam, ainda, que há alunos que não

sabem informar as causas para os maus tratos, já que a alternativa “não sei” também está entre as mais frequentemente assinaladas.

Os professores também apontam que a agressão aos colegas está relacionada à insegurança, dificuldade de relacionamento interpessoal, baixa auto-estima e necessidade de buscar aceitação social dos alunos agressores. Para os docentes, o ato dos alunos agredirem os colegas é uma forma de obter elevação do status e do domínio sobre os demais.

Para os pais e responsáveis, por sua vez, o desejo de popularidade e de aceitação no grupo social também são fatores propulsores do *bullying*. Eles acrescentam, no entanto, que a agressão é um meio da criança obter atenção tanto dos colegas, quanto dos professores e dos próprios pais.

É importante ressaltar que, para os agressores, a vontade de ser popular e de dominar o grupo não está entre as causas mais frequentes para as agressões (tabela 7.18), diferindo da visão geral dos alunos, pais e professores. Provavelmente porque para o próprio agressor essas necessidades de auto-afirmação não sejam tão conscientes, ou porque se sintam constrangidos em admiti-las.

Para as vítimas (tabela 7.10) e alunos em geral (tabela 5.1), o fato de a vítima ser diferente dos demais e não reagir à agressão parece ser mais significativo como causa dos maus tratos do que para os agressores. Os agressores afirmaram com mais frequência do que as vítimas e alunos em geral que as vítimas merecem ser maltratadas justificando, do seu ponto de vista, que elas desencadeiam a manifestação da violência.

## 5.4 Outras Causas

---

Professores e gestores citaram a influência negativa da mídia como possível causa da violência escolar. Eles dizem acreditar que a mídia banaliza a violência e, por consequência, torna justificáveis os comportamentos agressivos das crianças e jovens. Todos os tipos de mídia foram citados, com ênfase para a TV e internet, os quais são os meios de comunicação mais acessados pelos alunos pesquisados, como apresentado no capítulo 3.

## 5.5 Considerações Finais

---

Os discursos dos alunos, pais e professores sobre as possíveis causas do *bullying* apresentam pontos em comum. O desejo de popularidade, a necessidade de aceitação social e a busca de *status* e poder dentro do grupo foram elementos apontados por professores, alunos e pais como as possíveis causas de maus tratos entre colegas e *bullying* no ambiente escolar.

O discurso dos professores diferencia-se por sinalizar, de forma crítica, a influência da família na geração e manutenção de comportamentos agressivos e violentos dos alunos. A violência familiar, a negligência dos pais em relação à vida escolar dos filhos e a falta de apoio emocional e estigmatização por parte da própria família foram os aspectos salientados pelos docentes.

Já os pais, mais que os outros dois grupos, têm uma visão muito crítica a respeito da atuação da escola e do seu papel na prevenção da violência escolar. Seu discurso caracteriza-se por criticar a omissão da escola, dos professores e dos gestores em evitar as situações de violência, punir os agressores e proteger as vítimas. A falta de autoridade de professores e funcionários, assim como a impunidade dos agressores, foram citadas pelos pais como fatores que estimulam as práticas de maus tratos entre os colegas.

Comparando-se as ênfases dos discursos de pais e professores, parece haver uma situação em que cada um destes grupos esta “jogando” para o outro a responsabilidade de evitar episódios de maus tratos no ambiente escolar. Diferentemente dos professores e gestores, que só assumiram a responsabilidade da escola após serem questionados sobre isso, os pais sinalizaram de forma espontânea a sua própria responsabilidade por tais ocorrências. Percebe-se, no entanto, que quando estimulados à reflexão, professores e gestores foram capazes de perceber o papel da escola no desenvolvimento e/ou na manutenção de comportamentos violentos.

A pesquisa evidenciou, ainda, a dificuldade dos alunos em diagnosticar as causas do *bullying*, assim como em estabelecer as diferenças e limites entre brincadeiras e agressões. A dificuldade que eles têm de diferenciar brincadeira e agressão faz com que situações de violência surjam da falta de limites para as brincadeiras, muitas vezes sem que os próprios envolvidos se dêem conta da gravidade da situação.

35 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

## 6 Modos de Manifestação

---

Este capítulo trata das formas pelas quais os maus tratos entre alunos e o *bullying* em ambiente escolar se manifestam. Com base em dados qualitativos e quantitativos, o capítulo aborda as características das práticas mais comuns de maus tratos entre colegas, os espaços da escola em que elas se manifestam e a quantidade de agressores que se envolve nas situações de violência.

### 6.1 Práticas

---

De acordo com professores, alunos e pais, o modo de manifestação mais frequente de maus tratos entre alunos é a agressão verbal por meio de apelidos e xingamentos. Os professores entrevistados declaram que o uso da agressão verbal na sala de aula e em outros espaços do ambiente escolar é uma forma rotineira de tratamento entre os alunos. Os professores acreditam que, na maioria das vezes, os próprios alunos nem percebem que esse tipo de relacionamento é inadequado e pode gerar situações de violência. Ainda que chamem a atenção para o fato de que boa parte das agressões é gratuita e, aparentemente, inócuas, os docentes relatam que esses apelidos geralmente estão relacionados a características físicas marcantes (altura, sobrepeso, padrões de beleza, uso de óculos ou aparelhos dentários etc.) ou provenientes de necessidades especiais. Segundo os professores, tais apelidos e brincadeiras podem ser motivados também por discriminação de cor / etnia, *status* social e traços de comportamento sexual.

De acordo com os dados da etapa qualitativa da pesquisa, para os alunos, a agressão verbal na forma de xingamentos e apelidos é a manifestação mais comum e frequente de *bullying*. Os dados quantitativos reiteram essa afirmação, principalmente do ponto de vista das vítimas.

Para a questão “de que maneira você tem sido maltratado na escola no ano de 2009?”, as cinco respostas mais frequentes fornecidas pelas vítimas de maus tratos entre colegas são diferentes tipos de agressões verbais, tais como apelidos, xingamentos, insultos e ameaças. Conforme tabela a seguir, as opções mais citadas foram: i) “xingaram-me” (9,8%), ii) “colocaram apelidos vexatórios me mim” (5,7%), iii) “me ameaçaram” (4,8%), iv) “disseram coisas maldosas sobre mim ou sobre minha família” e v) “insultaram-me por causa de alguma característica física” (4,5%).

A distribuição das respostas para essa questão é muito semelhante nas diferentes regiões do País, sendo que as frequências em porcentagem de todas as opções são um pouco superiores nas regiões Sudeste e Centro-Oeste, onde a incidência de maus tratos e de *bullying* é maior.

<b>Manifestações de maus tratos</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>
<b>Não fui maltratado(a) na escola em 2009.</b>	3482	42,8%
<b>Xingaram-me</b>	795	9,8%
<b>Colocaram apelidos vexatórios em mim</b>	464	5,7%
<b>Me ameaçaram</b>	393	4,8%
<b>Disseram coisas maldosas sobre mim ou sobre minha família</b>	384	4,7%
<b>Insultaram-me por causa de alguma característica física</b>	369	4,5%
<b>Deram-me socos, pontapés ou empurrões</b>	312	3,8%
<b>Deram risadas e apontaram para mim</b>	305	3,7%
<b>Fizeram com que os outros não gostassem de mim</b>	277	3,4%
<b>Inventaram que peguei coisas dos colegas</b>	183	2,2%
<b>Puxaram meu cabelo ou me arranharam</b>	162	2,0%
<b>Não me deixaram fazer parte do grupo de colegas</b>	157	1,9%
<b>Estragaram minhas coisas</b>	135	1,7%
<b>Ignoraram-me completamente, me deram "gelo"</b>	120	1,5%
<b>Insultaram-me por causa da minha cor ou raça</b>	119	1,5%
<b>Pegaram sem consentimento meu dinheiro ou minhas coisas</b>	88	1,1%

Fizeram zoações por causa do meu sotaque	63	0,8%
Encurralaram-me contra a parede	57	0,7%
Forçaram-me a agredir outro(a) colega	57	0,7%
Humilharam-me por causa da minha orientação sexual	56	0,7%
Perseguiram-me dentro ou fora da escola	54	0,7%
Assediaram-me sexualmente	47	0,6%
Fui obrigado (a) a entregar dinheiro ou minhas coisas	39	0,5%
Abusaram sexualmente de mim	18	0,2%
<b>Total</b>	<b>8136</b>	<b>100,0%</b>

*Tabela 6.1. Respostas das vítimas para modos de manifestação de maus tratos*

Como mostra a tabela a seguir, todos os tipos de maus tratos relatados pelas vítimas tendem a durar o tempo de uma semana. Cerca de metade das ocorrências de todos os tipos de maus tratos listados dura uma semana. Porém, porcentagens menores, mas significativas, das ocorrências desses maus tratos têm duração de mais de uma semana e até de meses.

Manifestações de maus tratos	uma semana	várias semanas	Todo este ano	Desde o ano passado	Total
Xingaram-me	52,6%	20,2%	13,8%	13,4%	100,0%
Colocaram apelidos vexatórios em mim	44,1%	24,4%	16,2%	15,3%	100,0%

<b>Insultaram-me por causa de alguma característica física</b>	45,3%	21,2%	15,4%	18,0%	100,0%
--	-------	-------	-------	-------	--------

---

37 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

<b>Manifestações de maus tratos</b>	<b>uma semana</b>	<b>várias semanas</b>	<b>Todo este ano</b>	<b>Desde o ano passado</b>	<b>Total</b>
<b>Disseram coisas maldosas sobre mim ou sobre minha família</b>	44,5%	26,1%	15,5%	13,9%	100,0%
<b>Me ameaçaram</b>	48,7%	24,4%	14,9%	12,0%	100,0%
<b>Deram-me socos, pontapés ou empurrões</b>	53,0%	20,9%	13,4%	12,6%	100,0%
<b>Deram risadas e apontaram para mim</b>	49,4%	24,5%	11,2%	15,0%	100,0%
<b>Fizeram com que os outros não gostassem de mim</b>	42,5%	23,4%	14,5%	19,6%	100,0%
<b>Inventaram que peguei coisas dos colegas</b>	48,5%	19,2%	19,2%	13,1%	100,0%
<b>Não me deixaram fazer parte do grupo de colegas</b>	41,5%	18,7%	21,1%	18,7%	100,0%
<b>Puxaram meu cabelo ou me arranharam</b>	49,6%	16,5%	16,5%	17,4%	100,0%
<b>Estragaram minhas coisas</b>	43,4%	23,6%	14,2%	18,9%	100,0%
<b>Ignoraram-me completamente, me deram "gelo"</b>	37,2%	23,4%	14,9%	24,5%	100,0%
<b>Insultaram-me por causa da minha cor ou raça</b>	40,7%	19,8%	20,9%	18,6%	100,0%
<b>Pegaram sem consentimento meu dinheiro ou minhas coisas</b>	42,4%	19,7%	27,3%	10,6%	100,0%
<b>Perseguiram-me dentro ou fora da escola</b>	34,7%	26,5%	14,3%	24,5%	100,0%
<b>Fizeram zoações por causa do meu sotaque</b>	37,8%	24,4%	15,6%	22,2%	100,0%
<b>Forçaram-me a agredir outro(a) colega</b>	38,1%	28,6%	11,9%	21,4%	100,0%
<b>Encurralaram-me contra a parede</b>	43,9%	22,0%	9,8%	24,4%	100,0%
<b>Humilharam-me por causa da minha orientação sexual</b>	45,0%	27,5%	10,0%	17,5%	100,0%

<b>Assediaram-me sexualmente</b>	47,2%	11,1%	16,7%	25,0%	100,0%
<b>Fui obrigado(a) a entregar dinheiro ou minhas coisas</b>	59,3%	11,1%	7,4%	22,2%	100,0%
<b>Abusaram sexualmente de mim</b>	36,4%	27,3%	0,0%	36,4%	100,0%

*Tabela 6.2. Respostas das vítimas sobre modos de manifestação de maus tratos por seu tempo duração*

Já a análise das respostas dos agressores mostra que ainda que os xingamentos sejam o modo mais comum de agressão entre colegas na escola, outras formas de violência também são praticadas, por exemplo, a violência física (com socos, pontapés, empurrões, arranhões e puxões de cabelo), que é citada pelas vítimas em menores porcentagens.

A tabela abaixo mostra que a opção “xinguei” foi a mais citada pelos alunos que afirmam ter maltratado colegas, com 12% das respostas para pergunta que questionava sobre as formas de maus tratos praticadas por eles. A segunda resposta mais citada para essa mesma pergunta é “dei socos, pontapés e empurrões” (5,9%), a terceira é “dei risadas e aponte o dedo” (3,7%) e a quarta, “fiz ameaças”. Para essa questão, a distribuição das respostas entre as cinco regiões do País também se assemelha, e as porcentagens também são mais altas no Sudeste e no Centro-Oeste.

<b>Manifestações de maus tratos</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>
<b>Não maltratei</b>	3614	55,7%
<b>Xinguei</b>	778	12,0%
<b>Dei socos, pontapés ou empurrões</b>	381	5,9%
<b>Dei risadas e aponte o dedo</b>	237	3,7%
<b>Fiz ameaças</b>	208	3,2%
<b>Coloquei apelidos vexatórios</b>	173	2,7%
<b>Puxei o cabelo ou arranhei</b>	162	2,5%
<b>Ignorei completamente</b>	146	2,3%
<b>Insultei por causa de alguma característica física</b>	129	2,0%
<b>Disse coisas maldosas sobre ele(s) ou sobre sua(s) família</b>	91	1,4%
<b>Humilhei por causa da orientação sexual</b>	73	1,1%
<b>Não deixei fazer parte do grupo de colegas</b>	63	1,0%
<b>Insultei por causa da cor ou raça</b>	60	0,9%
<b>Estraguei coisas das pessoas</b>	53	0,8%
<b>Fiz zoações por causa do sotaque</b>	53	0,8%
<b>Obriguei a me entregar dinheiro ou coisas</b>	45	0,7%
<b>Encurrelei contra a parede</b>	40	0,6%

<b>Fiz ou tentei fazer com que os outros não gostassem dele</b>	39	0,6%
<b>Peguei sem consentimento dinheiro ou coisas</b>	33	0,5%
<b>Persegui dentro ou fora da escola</b>	29	0,4%
<b>Assediei sexualmente</b>	26	0,4%
<b>Inventei que pegaram coisas dos colegas</b>	22	0,3%
<b>Forcei a agredir outro colega</b>	15	0,2%
<b>Abusei sexualmente</b>	13	0,2%
<b>Total</b>	6483	100,0%

*Tabela 6.3. Respostas dos agressores para modos de manifestação dos maus tratos*

Os dados apontam alguma incoerência entre as respostas sobre modos de maus tratos relatados por vítimas e agressores, já que estes últimos citam com frequência significativa tipos específicos de maus tratos (agressões físicas) pouco apontados pelas vítimas. Isso pode se dar porque, para as vítimas, é mais difícil assumir ter sido alvo de agressão física do que de agressão verbal, a qual, muitas vezes é interpretada pelos alunos como brincadeira. Enquanto apelidos e mesmo alguns xingamentos são considerados por eles uma forma aceitável de interação, as agressões físicas são consideradas mais sérias e identificadas como atos de violência, de fato, e há, portanto, constrangimento em se declarar vítima desse tipo de prática.

## 6.2 Espaços da escola em que as agressões se manifestam

Os dados mostram que as agressões ocorrem, principalmente, dentro da sala de aula, com ou sem a presença do professor. Para a pergunta “onde você foi maltratado na escola no ano de 2009?”, a resposta mais citada pelas vítimas é “na sala de aula sem professor” (13%), seguida pelas opções “na sala de aula com professor” (9%) e “no pátio do recreio” (8%), como pode ser observado na tabela a seguir. Os dados desagregados por região mostram que a distribuição das respostas para essa questão se assemelha nas diversas áreas do País. Porém, no Sudeste a opção “no pátio do recreio” se mostra mais frequente que nas demais regiões, ocupando o espaço de segunda resposta mais citada.

<b>Espaço da escola</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>
<b>Não fui maltratado</b>	3572	57,0%
<b>Na sala de aula sem professor</b>	800	12,8%
<b>Na sala de aula com professor</b>	548	8,7%
<b>No pátio de recreio</b>	495	7,9%
<b>Nos corredores</b>	329	5,3%
<b>Outros</b>	173	2,8%
<b>Nos portões da escola</b>	115	1,8%
<b>No banheiro</b>	92	1,5%
<b>No trajeto escola-casa</b>	77	1,2%
<b>No transporte escolar</b>	62	1,0%

<b>Total geral</b>	6263	100,0%
--------------------	------	--------

Tabela 6.4. Respostas das vítimas para local onde ocorreram os maus tratos

A tabela aponta que agressões acontecem justamente nos espaços onde podem ser mais visíveis a docentes e funcionários e onde a autoridade destes deveria se fazer mais eficiente: salas de aula e pátio. Espaços de pouca visibilidade, como banheiros e corredores, são pouco citados e espaços que se encontram no limite entre a escola e seu ambiente externo, como os portões da escola ou no transporte escolar, também são referidos com pouca frequência.

A respeito desse dado, os professores, em seus discursos, defendem-se alegando que uma das características do *bullying* é o fato de ser “silencioso”. Os docentes declaram que a prática dos maus tratos entre os alunos é identificada por eles muito tempo após seu início, ou nem é percebida, pois se manifesta nos “bastidores” das aulas e atividades. Isso acontece também, os professores dizem, porque as vítimas tendem a não se manifestar ou reclamar das agressões.

### 6.3 Quantidade de Agressores

---

Conforme tabela a seguir, a maioria dos alunos que afirma ter sido vítima de maus tratos declara ter sofrido agressão principalmente por um colega (16%). Cerca de 6% deles afirmam que foram maltratados por um grupo de até cinco colegas e apenas 1,5% deles alegam que o grupo de agressores tinha mais de cinco colegas. A distribuição das frequências não apresenta diferenças significativas entre as cinco regiões do País.

Quantidade de agressores	Quantidade	Percentual
<b>Não fui maltratado</b>	3558	68,8%
<b>Principalmente por 1 colega</b>	829	16,0%
<b>Por grupo de até 5 colegas</b>	298	5,8%
<b>Não sei dizer quantos</b>	259	5,0%
<b>Por grupo de mais de 5 colegas</b>	76	1,5%
<b>Por toda a turma</b>	60	1,2%
<b>Em branco</b>	88	1,7%
<b>Total</b>	<b>5168</b>	<b>100,0%</b>

*Tabela 6.5. Respostas das vítimas para quantidade de agressores*

Como mostra a tabela abaixo, de acordo com resposta das vítimas, todos os tipos de maus tratos são cometidos com maior frequência por apenas um agressor.

<b>Manifestações de maus tratos</b>	<b>Principalmente por 1 colega</b>	<b>Grupo de até 5 colegas</b>	<b>Grupo de mais de 5 colegas</b>	<b>Toda a turma</b>	<b>Não sei quantos</b>	<b>Total</b>
<b>Xingaram-me</b>	51,7%	21,2%	4,6%	3,0%	19,5%	100,0%
<b>Colocaram apelidos vexatórios em mim</b>	43,1%	24,0%	7,4%	4,3%	21,2%	100,0%
<b>Insultaram-me por causa de alguma característica física</b>	44,6%	22,0%	7,2%	3,3%	22,9%	100,0%
<b>Disseram coisas maldosas sobre mim ou sobre minha família</b>	47,1%	20,3%	8,0%	2,5%	22,2%	100,0%
<b>Me ameaçaram</b>	52,2%	19,9%	5,8%	3,2%	18,9%	100,0%
<b>Deram-me socos, pontapés ou empurrões</b>	52,7%	21,5%	5,1%	5,5%	15,3%	100,0%
<b>Deram risadas e apontaram para mim</b>	38,1%	31,0%	6,0%	4,4%	20,6%	100,0%
<b>Fizeram com que os outros não gostassem de mim</b>	48,3%	20,3%	8,1%	2,5%	20,8%	100,0%
<b>Puxaram meu cabelo ou me arranharam</b>	47,2%	16,9%	4,9%	4,9%	26,1%	100,0%

Manifestações de maus tratos	Principalmente por 1 colega	Grupo de até 5 colegas	Grupo de mais de 5 colegas	Toda a turma	Não sei quantos	Total
Inventaram que peguei coisas dos colegas	49,3%	18,3%	8,5%	4,2%	19,7%	100,0%
Não me deixaram fazer parte do grupo de colegas	36,2%	25,4%	5,4%	8,5%	24,6%	100,0%
Estragaram minhas coisas	42,3%	20,7%	5,4%	3,6%	27,9%	100,0%
Ignoraram-me completamente, me deram "gelo"	41,7%	30,1%	4,9%	4,9%	18,4%	100,0%
Insultaram-me por causa da minha cor ou raça	49,0%	17,7%	3,1%	7,3%	22,9%	100,0%
Pegaram sem consentimento meu dinheiro ou minhas coisas	52,9%	19,1%	4,4%	2,9%	20,6%	100,0%
Fizeram zoações por causa do meu sotaque	44,9%	20,4%	4,1%	10,2%	20,4%	100,0%
Encurralaram-me contra a parede	38,8%	22,4%	4,1%	2,0%	32,7%	100,0%
Perseguiram-me dentro ou fora da escola	37,5%	14,6%	14,6%	6,3%	27,1%	100,0%
Forçaram-me a agredir outro(a) colega	44,4%	24,4%	6,7%	11,1%	13,3%	100,0%
Humilharam-me por causa da minha orientação sexual	37,2%	23,3%	9,3%	7,0%	23,3%	100,0%
Assediaram-me sexualmente	42,4%	18,2%	9,1%	3,0%	27,3%	100,0%

<b>Fui obrigado(a) a entregar dinheiro ou minhas coisas</b>	33,3%	25,0%	4,2%	20,8%	16,7%	100,0%
<b>Abusaram sexualmente de mim</b>	41,7%	16,7%	0,0%	8,3%	33,3%	100,0%

Tabela 6.6. Respostas das vítimas para modos de manifestação de maus tratos por quantidade de agressores

Esses dados são coerentes com o que apresenta a análise das respostas dos agressores. A tabela a seguir, com a frequência das respostas para a pergunta “quando maltrata colegas na escola, normalmente você faz sozinho ou acompanhado de outros colegas?”, mostra que cerca de 13% dos alunos que assume ter maltratado colegas afirmam que o fizeram sozinhos e 7% destes alegam que o fizeram com apenas um colega. Somente 4,5% dos participantes declaram que praticaram maus tratos com até cinco colegas e 3,5%, com mais de cinco colegas. A distribuição das frequências não apresenta diferenças significativas entre as cinco regiões do País.

Quantidade de agressores	Quantidade	Percentual
<b>Não maltratei</b>	3540	68,5%
<b>Sozinho</b>	658	12,7%
<b>Com 1 colega</b>	379	7,3%
<b>Com até 5 colegas</b>	233	4,5%

Quantidade de agressores	Quantidade	Percentual
Com mais de 5 colegas	183	3,5%
Em branco	175	3,4%
<b>Total</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

Tabela 6.7. Respostas dos agressores para quantidade de agressores

De acordo com as respostas dos agressores, todos os tipos de maus tratos também são

praticados com maior frequência por apenas um agressor:

Manifestações de maus tratos	Sozinho	Com 1 colega	Com até 5 colegas	Com mais de 5 colegas	Total
Xinguei	48,6%	24,3%	15,4%	11,8%	100,0%
Dei socos, pontapés ou empurrões	53,1%	21,1%	11,7%	14,1%	100,0%
Dei risadas e aponte o dedo	35,0%	26,1%	23,2%	15,8%	100,0%
Fiz ameaças	34,1%	30,2%	20,9%	14,8%	100,0%
Coloquei apelidos vexatórios	23,9%	28,4%	31,6%	16,1%	100,0%
Puxei o cabelo ou arranhei	50,7%	27,5%	9,4%	12,3%	100,0%
Ignorei completamente	44,0%	25,0%	24,1%	6,9%	100,0%
Insultei por causa de alguma característica física	33,3%	19,0%	26,7%	21,0%	100,0%

<b>Disse coisas maldosas sobre ele(s) ou sobre sua(s) família</b>	29,4%	25,9%	27,1%	17,6%	100,0%
<b>Humilhei por causa da orientação sexual</b>	25,0%	30,0%	26,7%	18,3%	100,0%
<b>Insultei por causa da cor ou raça</b>	38,0%	24,0%	22,0%	16,0%	100,0%
<b>Não deixei fazer parte do grupo de colegas</b>	35,4%	22,9%	20,8%	20,8%	100,0%
<b>Estraguei coisas das pessoas</b>	37,2%	23,3%	14,0%	25,6%	100,0%
<b>Fiz zoações por causa do sotaque</b>	27,9%	37,2%	16,3%	18,6%	100,0%
<b>Fiz ou tentei fazer com que os outros não gostassem dele</b>	27,8%	22,2%	33,3%	16,7%	100,0%
<b>Obriguei a me entregar dinheiro ou coisas</b>	42,9%	11,4%	11,4%	34,3%	100,0%
<b>Encurrei contra a parede</b>	45,5%	21,2%	15,2%	18,2%	100,0%
<b>Peguei sem consentimento dinheiro ou coisas</b>	25,0%	10,7%	25,0%	39,3%	100,0%
<b>Persegui dentro ou fora da escola</b>	32,0%	12,0%	24,0%	32,0%	100,0%
<b>Assediei sexualmente</b>	41,2%	11,8%	11,8%	35,3%	100,0%
<b>Inventei que pegaram coisas dos colegas</b>	47,1%	11,8%	11,8%	29,4%	100,0%
<b>Abusei sexualmente</b>	45,5%	9,1%	18,2%	27,3%	100,0%
<b>Forcei a agredir outro colega</b>	60,0%	10,0%	10,0%	20,0%	100,0%

*Tabela 6.8. Respostas dos agressores para modos de manifestação de maus tratos por quantidade de*

*agressores*

43 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

## 6.4 Considerações Finais

---

Os maus tratos entre colegas no ambiente escolar se manifestam, principalmente, na forma de agressões verbais (xingamentos, apelidos, insultos e ameaças), muitas vezes interpretadas pelos próprios alunos envolvidos como brincadeira. A partir desse dado, e com base em relatos e discursos de professores, pais e alunos das cinco regiões do País, pode-se inferir que tais tipos de agressões verbais são as formas mais comuns de manifestação do *bullying* nas escolas.

Cerca de metade das ocorrências da grande maioria dos tipos de maus tratos elencados pela pesquisa tende a durar o tempo de uma semana, ou seja, esse é o tempo de duração mais frequente das agressões sofridas pelos alunos. Porém, a outra metade das ocorrências dos maus tratos está distribuída entre opções que contemplam períodos de várias semanas e vários meses, o que é um dado significativo.

Os maus tratos acontecem com maior frequência na sala de aula e no pátio do recreio, espaços da escola com boa visibilidade e nos quais o controle da violência entre alunos, por parte de professores e funcionários, deveriam ser mais eficientes.

A análise a respeito da forma como as agressões entre alunos se manifestam na escola indica, ainda, que todos os tipos de maus tratos investigados são praticados, com maior frequência, por um único agressor ou por um agressor principal.

44 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

## 7 Perfil das Vítimas e dos Agressores

---

Como discutido no capítulo 4, a incidência do *bullying* nas escolas brasileiras está em torno dos 10% e é maior nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do País. Este capítulo apresenta, em linhas gerais, os perfis dos alunos que foram vítimas desse tipo de violência e daqueles que a praticaram.

### 7.1 Perfil das Vítimas

---

#### 7.1.1 Características Demográficas

---

Observa-se entre os alunos pesquisados que os meninos são vítimas de *bullying* com maior frequência do que as meninas. Em 2009, 12% dos meninos foi vítima desse tipo de violência, enquanto para as meninas esse número é um pouco superior a 7,0%. A diferença pode ser significativa ao se considerar as diferenças nos padrões de interação entre meninos e meninas no ambiente escolar, tais como maior uso da força física entre os primeiros.

Frequência dos maus tratos	Menino	Menina
Não fui maltratado	66,4%	75,5%
Fui 1 ou 2 vezes	20,2%	16,1%

<b>Fui de 3 a 6 vezes</b>	4,9%	2,8%
<b>1 vez por sem</b>	1,9%	0,8%
<b>Várias vezes por sem</b>	3,2%	2,3%
<b>Todos os dias</b>	2,0%	1,5%
<b>Em branco</b>	1,4%	1,0%
<b>Total geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

*Tabela 7.1. Frequência dos maus tratos no ano de 2009 (vítimas) por sexo*

A tabela a seguir indica que os meninos são agredidos mais frequentemente só por outros meninos (50% dos casos de maus tratos). Só 3% da amostra de meninos foi agredida apenas por meninas. Já as meninas são agredidas mais frequentemente tanto por grupos mistos (meninos e meninas), o que corresponde a 25% dos casos de maus tratos, quanto por grupos apenas de meninos, equivalente a 24% das respostas das meninas.

Agressores	Sexo da vítima de maus tratos			Total geral
	Menino	Menina	Em branco	
Só por meninos	49,3%	22,8%	23,8%	37,6%
Por meninos e meninas	15,1%	25,3%	19,0%	19,5%
Não fui maltratado	13,2%	9,2%	9,5%	11,5%
Principalmente por meninos	11,9%	10,9%	4,8%	11,4%
Principalmente por meninas	4,5%	13,7%	4,8%	8,5%
Só por meninas	2,9%	14,5%	28,6%	8,2%
Em branco	3,1%	3,6%	9,5%	3,4%
<b>Total</b>	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.2. Sexo do agressor por sexo das vítimas de maus tratos

Os dados quantitativos permitem notar que a incidência de vítimas de *bullying* (maus tratos a colegas com frequência superior a três vezes no ano de 2009) é maior entre os alunos da quinta e sexta séries do ensino fundamental, conforme tabela a seguir, onde “Alfa” representa o grupo de alunos que não sofreu *bullying* e “Beta”, o grupo de alunos que sofreu:

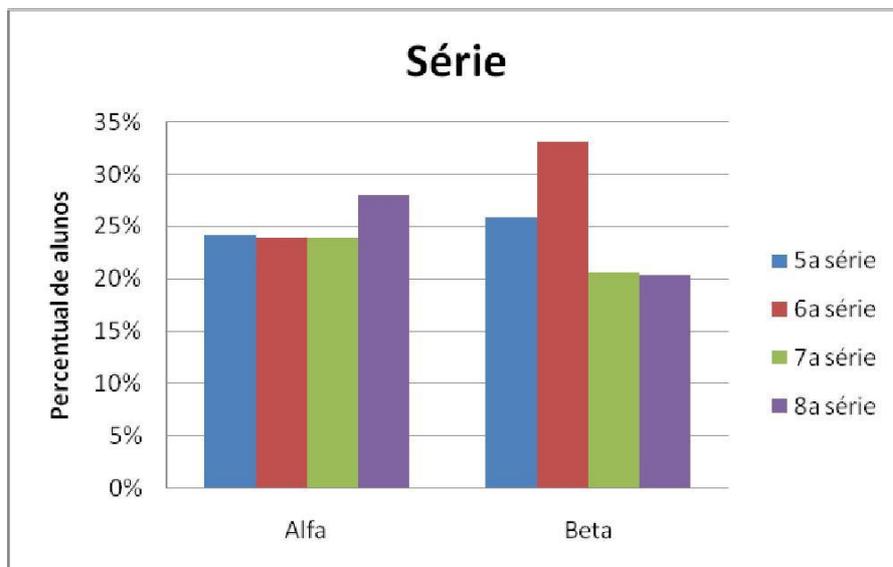


Tabela 7.3. Distribuição das vítimas de bullying por série (Beta)

A incidência das vítimas de *bullying* é mais forte no intervalo etário de 11 a 15 anos e cai consideravelmente entre os alunos a partir de 16 anos de idade, como pode ser observado na tabela seguinte:

Idade	1 ou 2 vezes	3 a 6 vezes	1 vez por sem	Várias vezes por sem	Todos os dias	Total
10	71,4%	7,1%	0,0%	14,3%	7,1%	100,0%
11	68,0%	15,3%	3,4%	7,9%	5,4%	100,0%
12	63,2%	13,6%	5,1%	9,6%	8,5%	100,0%
13	63,6%	12,5%	5,9%	12,5%	5,6%	100,0%
14	66,3%	14,4%	4,7%	9,1%	5,6%	100,0%
15	66,7%	14,6%	4,2%	8,3%	6,3%	100,0%
16	69,2%	11,5%	9,6%	7,7%	1,9%	100,0%
17	78,6%	0,0%	7,1%	14,3%	0,0%	100,0%
18	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
19	100,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%
21	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	100,0%	100,0%

Tabela 7.4. Frequência dos maus tratos no ano de 2009 por idade (vítimas)

### 7.1.2 Características Comportamentais e Emocionais

O perfil das vítimas de *bullying* e seus padrões de comportamento podem ser mais bem conhecidos após a identificação das emoções relacionadas a essa experiência de violência, bem como das consequências desencadeadas por ela. A seguir são apresentados dados referentes a:

i) sentimentos que os maus tratos provocam nas vítimas, ii) atitudes que as vítimas tomam após os maus tratos, iii) razões pelas quais as vítimas acreditam que sofreram maus tratos e iv) consequências dos maus tratos na vida escolar das vítimas.

Os alunos pesquisados indicam diversos sentimentos provocados pelos maus tratos exercidos por outros colegas no ambiente escolar. Como a questão, com 12 alternativas de múltipla escolha, permitia que mais de uma opção fosse assinalada, a distribuição das respostas não permite afirmar que há especificamente uma ou duas mais frequentes. Porém, as opções que denotam sentimentos negativos como “eu me senti mal”, “eu me senti triste”, “eu me senti magoado”, “eu me senti irritado”, “eu me senti envergonhado” e “eu me senti preocupado” são as mais citadas entre os participantes maltratados por seus colegas no ano de 2009.

Sentimento da vítima	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3417	47,8%
Eu me senti mal	630	8,8%
Eu me senti triste	548	7,7%
Eu me senti magoado	514	7,2%
Eu me senti irritado	473	6,6%

Sentimento da vítima	Quantidade	Percentual
Eu me senti envergonhado	398	5,6%
Fiquei preocupado	307	4,3%
Não senti nada	230	3,2%
Fiquei com medo	217	3,0%
Eu me senti indefeso	211	3,0%
Foi engraçado	132	1,8%
Eu me senti bem	68	1,0%
<b>Total</b>	<b>7145</b>	<b>100,0%</b>

Tabela 7.5. Sentimentos provocados pelos maus tratos (vítimas)

Como as regiões Sudeste e Centro-Oeste concentram as maiores incidências de vítimas de maus tratos e de *bullying*, os sentimentos provocados por essas experiências são citados com frequências maiores pelos alunos dessas mesmas regiões, como mostra a tabela seguinte:

Sentimento da vítima	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Geral
Não fui maltratado	44,2%	52,6%	62,2%	33,9%	55,3%	47,8%
Eu me senti mal	9,5%	8,0%	5,2%	11,1%	8,8%	8,8%

<b>Eu me senti triste</b>	8,1%	7,7%	4,9%	10,1%	6,0%	7,7%
<b>Eu me senti magoado</b>	8,0%	5,6%	5,4%	9,7%	5,7%	7,2%
<b>Eu me senti irritado</b>	6,2%	4,3%	5,0%	9,2%	6,9%	6,6%
<b>Eu me senti envergonhado</b>	5,8%	5,4%	4,5%	7,1%	4,1%	5,6%
<b>Fiquei preocupado</b>	3,5%	4,5%	3,1%	5,4%	4,3%	4,3%
<b>Não senti nada</b>	4,5%	3,5%	3,1%	3,2%	1,7%	3,2%
<b>Fiquei com medo</b>	3,2%	2,6%	2,1%	3,9%	2,8%	3,0%
<b>Eu me senti indefeso</b>	3,6%	2,5%	1,8%	3,9%	2,4%	3,0%
<b>Foi engraçado</b>	2,6%	1,9%	1,9%	1,5%	1,4%	1,8%
<b>Eu me senti bem</b>	0,8%	1,7%	0,7%	1,0%	0,6%	1,0%
<b>Total</b>	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

*Tabela 7.6. Sentimentos provocados pelos maus tratos por região do País (vítimas)*

Do ponto de vista emocional, os maus tratos em ambiente escolar afetam diferentemente meninos e meninas. A tabela a seguir permite observar com clareza os diferentes padrões de sentimentos entre as vítimas do sexo masculino e feminino.

As respostas mais frequentes entre os meninos para a questão “o que você sentiu quando foi maltratado por colegas?” são, na sequência: i) “foi engraçado”, ii) “eu não senti nada” e iii) “eu me

senti bem”. Já para as meninas as respostas mais citadas são completamente diferentes: i) “eu me senti magoada / chateada”, ii) “eu me senti triste” e iii) “fiquei com medo”. As respostas mais citadas pelos meninos são justamente aquelas menos citadas pelas meninas e vice-versa. É possível inferir que isso decorre da dificuldade dos meninos em assumir emoções ligadas ao sofrimento causado pela situação, tendendo a mostrar-se indiferentes ou pouco impactados pelas ações agressivas.

Sentimento da vítima	Menino	Menina	Total
Eu não senti nada.	64,9%	35,1%	100,0%
Foi engraçado.	71,8%	28,2%	100,0%
Eu me senti bem.	60,3%	39,7%	100,0%
Eu me senti mal.	50,4%	49,6%	100,0%
Eu me senti triste.	38,2%	61,8%	100,0%
Eu me senti magoado(a) / chateado(a).	37,6%	62,4%	100,0%
Fiquei preocupado(a) com o que os outros podiam pensar de mim.	49,5%	50,5%	100,0%
Fiquei com medo.	46,3%	53,7%	100,0%
Eu me senti irritado.	52,2%	47,8%	100,0%
Eu me senti indefeso, ninguém podia me ajudar.	49,0%	51,0%	100,0%
Eu me senti envergonhado(a).	49,2%	50,8%	100,0%

Tabela 7.7. Sentimentos provocados pelos maus tratos por sexo da vítima

Como o *bullying* caracteriza-se pela repetição, para a compreensão do fenômeno e possível prevenção, é importante entender o que as vítimas fazem depois de sofrer maus tratos. A amostra pesquisada revela que a principal reação a maus tratos sofridos no ambiente escolar é: “nada fiz e fiquei magoado”, representando 6,6% das respostas. Esse tipo de comportamento acaba estimulando a repetição da violência à medida que preserva os agressores.

Já a segunda alternativa mais citada é “eu me defendi”, com pouco mais que 6% das respostas, o que sugere que uma parcela dos alunos tende a tentar resolver seus conflitos sem recorrer aos pais, e, principalmente, a professores e diretores.

Não há diferença significativa entre as frequências das 13 respostas possíveis (que variam de 6,6% a 1,3%), mas é possível observar também que as opções que poderiam ser interpretadas como fruto de covardia ou fraqueza tais como “eu fugi”, ou “eu chorei” são as menos citadas pelos participantes (v. tabela 7.8).

Reações aos maus tratos	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3378	49,5%
Nada fiz e fiquei magoado	451	6,6%
Eu me defendi	429	6,3%
Falei com meu pai	371	5,4%
Eu revidei	343	5,0%
Falei com o diretor	323	4,7%
Falei com um professor	320	4,7%
Pedi que parassem	273	4,0%
Nada fiz, não dei importância.	250	3,7%
Falei com meu(s) amigo(s)	223	3,3%
Eu chorei	165	2,4%
Falei com meu(s) irmão(s)	110	1,6%
Outros	97	1,4%
Eu fugi	87	1,3%
<b>Total</b>	<b>6820</b>	<b>100,0%</b>

Tabela 7.8. Reações aos maus tratos no ambiente escolar

Os dados desagregados por região do País sugerem que, provavelmente, existem padrões de comportamento um pouco diferenciados entre si, embora não seja possível estabelecer generalizações a partir desses dados. Os números revelam que, nas regiões Centro-Oeste, Nordeste e Sudeste, as reações mais comuns à agressão sofrida são apatia e mágoa, associadas, ou a autodefesa, assim como observado para a amostra global. Na região Sudeste muitas crianças e adolescentes também recorrem ao apoio de seus pais, o qual também é o segundo comportamento mais comum entre vítimas da região Sul. Revidar a agressão é o comportamento mais observado na região Norte. Vítimas da região Nordeste tendem a buscar apoio de professores e diretores, embora seja predominante a falta de reação.

Reações aos maus tratos	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Geral
Não fui maltratado	47,2%	53,2%	61,5%	36,2%	56,9%	49,5%
Nada fiz e fiquei magoado	8,1%	8,6%	3,6%	7,5%	4,5%	6,6%
Eu me defendi	5,7%	4,5%	5,6%	8,9%	5,7%	6,3%
Falei com meu pai	5,2%	4,2%	4,2%	7,4%	5,2%	5,4%
Eu revidei	5,1%	2,4%	5,9%	6,9%	4,0%	5,0%
Falei com o diretor	4,1%	5,9%	3,6%	5,9%	3,6%	4,7%
Falei com um professor	3,8%	5,8%	3,1%	5,7%	4,4%	4,7%
Pedi que parassem	3,6%	3,4%	2,9%	5,4%	4,1%	4,0%



Reações aos maus tratos	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Geral
Nada fiz, não dei importância.	5,1%	3,5%	3,6%	4,2%	1,6%	3,7%
Falei com meu(s) amigo(s)	3,6%	3,2%	2,4%	3,6%	3,5%	3,3%
Eu chorei	3,2%	2,3%	1,4%	2,5%	2,6%	2,4%
Falei com meu(s) irmão(s)	1,6%	1,6%	0,9%	2,0%	1,7%	1,6%
Outros	2,2%	0,8%	0,8%	1,9%	1,2%	1,4%
Eu fugi	1,6%	0,8%	0,5%	2,1%	1,1%	1,3%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

Tabela 7.9. Reações aos maus tratos no ambiente escolar por região do País

Questionadas sobre as motivações subjacentes aos maus tratos praticados, as vítimas apresentam como resposta mais frequente (10% das citações) a opção “não sei”. Ou seja, parcela significativa dos participantes sofre agressões aparentemente sem saber a razão, o que torna mais difícil para a vítima se defender e para a escola prevenir esse tipo de situação.

A motivação apontada com a segunda maior frequência é “por brincadeira”, com 7,5% das citações, o que indica que confundir agressões e brincadeiras pode ser comum entre as crianças. Esse dado pode ser corroborado pela análise dos discursos de pais, professores e alunos, em que é frequente a fala de que os alunos enfrentam dificuldades para entender a dimensão negativa dos maus tratos. Explicitar a diferença entre as agressões e as brincadeiras pode ser um bom caminho para prevenir os maus tratos e o *bullying*. Esse tema foi abordado no capítulo 6, “Modos de manifestação do *bullying*”.

Por outro lado, a terceira resposta mais frequente é “porque querem ser popular”, o que sugere que uma parcela dos alunos tem consciência de que questões de poder e hierarquia podem estar

envolvidas em boa parte das agressões. Essa motivação também aparece com muita força nos discursos dos alunos participantes da etapa qualitativa da pesquisa e a busca de popularidade e de poder dentro do grupo surge como a principal característica do perfil dos agressores. Esse tema será tratado em mais detalhe no tópico seguinte, “perfil dos agressores”.

Essas três motivações também são identificadas com mais frequência entre os participantes das cinco regiões do País, como pode ser observado na tabela 7.11, a qual mostra os dados desagregados. A ordem em que tal frequência se manifesta se mantém a mesma em quase todas as regiões, com exceção do Sul.

Motivações	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3281	54,2%
Não sei	607	10,0%
Por brincadeira	453	7,5%
Querem ser populares	361	6,0%
Porque são mais fortes	235	3,9%
Porque eu não reajo	222	3,7%
Porque não são punidos	195	3,2%
Porque eu sou diferente	193	3,2%
Querem dominar o grupo	163	2,7%
Outros	150	2,5%
Acham que eu mereço	103	1,7%
Eles se sentem provocados	85	1,4%
<b>Total</b>	<b>6048</b>	<b>100,0%</b>

*Tabela 7.10. Motivações para a prática de  
maus tratos de acordo com as vítimas*

Motivações	Centro- Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Geral

<b>Não fui maltratado</b>	51,9%	57,2%	66,7%	40,7%	61,0%	54,2%
<b>Não sei</b>	11,5%	11,7%	7,6%	10,7%	8,2%	10,0%
<b>Por brincadeira</b>	6,5%	7,2%	7,5%	9,7%	5,6%	7,5%
<b>Querem ser populares</b>	5,8%	4,9%	3,9%	8,2%	6,1%	6,0%
<b>Porque são mais fortes</b>	4,4%	4,3%	1,6%	4,9%	3,7%	3,9%
<b>Porque eu não reajo</b>	3,8%	3,1%	2,1%	5,4%	3,2%	3,7%
<b>Porque não são punidos</b>	3,0%	3,1%	2,3%	4,7%	2,4%	3,2%
<b>Porque eu sou diferente</b>	3,5%	2,4%	2,1%	4,5%	2,8%	3,2%
<b>Querem dominar o grupo</b>	2,4%	2,1%	2,1%	4,0%	2,3%	2,7%
<b>Outros</b>	4,0%	1,1%	2,0%	3,0%	2,0%	2,5%
<b>Acham que eu mereço</b>	1,9%	1,6%	0,9%	2,3%	1,5%	1,7%
<b>Eles se sentem provocados</b>	1,3%	1,4%	1,1%	1,8%	1,3%	1,4%
<b>Total</b>	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

*Tabela 7.11. Motivações para a prática de maus tratos por região do País*

As consequências dos maus tratos sofridos são, de acordo com as vítimas pesquisadas, a perda do entusiasmo, seguida pela perda da concentração e o medo de ir à escola. Isso é verdadeiro tanto para a amostra total, quanto para as amostras divididas por regiões, como se pode notar na tabela 7.13.

A perda de amigos e a perda da confiança nos professores são a quarta e a quinta consequências mais frequentes apontadas pelos alunos pesquisados, mas com porcentagens mais baixas.



Esses dados permitem inferir que o maior impacto desse tipo de violência é justamente no processo de aprendizagem e no desenvolvimento escolar das vítimas, o qual ficaria prejudicado. Tal conclusão vai ao encontro dos discursos dos professores e equipe técnica, captados na etapa qualitativa da pesquisa e discutidos no capítulo 5.

Consequências	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3721	69,0%
Perdi o entusiasmo	459	8,5%
Perdi a concentração	430	8,0%
Venho à escola com medo	248	4,6%
Perdi confiança em professores	156	2,9%
Perdi meus amigos	150	2,8%
Parei de aprender	79	1,5%
Fui reprovado	62	1,1%
Mudei de escola	58	1,1%
Tenho faltado às aulas	33	0,6%
<b>Total</b>	<b>5396</b>	<b>100,0%</b>

*Tabela 7.12. Consequências dos maus tratos para as vítimas*

Consequências	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Geral
Não fui maltratado	65,2%	71,6%	80,0%	58,7%	72,1%	69,0%
Perdi o entusiasmo	9,8%	6,7%	4,7%	12,1%	8,2%	8,5%
Perdi a concentração	7,4%	7,1%	6,2%	11,2%	7,1%	8,0%
Venho à escola com medo	4,6%	4,8%	3,0%	6,3%	3,8%	4,6%
Perdi confiança em professores	3,9%	2,2%	1,8%	3,5%	2,9%	2,9%
Perdi meus amigos	3,4%	2,6%	1,7%	3,5%	2,5%	2,8%
Parei de aprender	1,9%	0,8%	1,1%	2,1%	1,2%	1,5%
Fui reprovado	1,4%	1,9%	0,5%	0,9%	1,1%	1,1%
Mudei de escola	1,4%	1,6%	0,7%	1,2%	0,5%	1,1%
Tenho faltado às aulas	1,0%	0,7%	0,2%	0,5%	0,7%	0,6%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>

*Tabela 7.13. Consequências dos maus tratos para as vítimas por região do País*



## 7.2 Perfil dos Agressores

---

### 7.2.1 Características Demográficas

---

Os maus tratos no ambiente escolar são praticados, de acordo com as respostas das vítimas, principalmente por meninos (14%), ou por meninos acompanhados de meninas (7%). Apenas 4% das vítimas afirmam que sua agressão foi praticada apenas por meninas.

Sexo do agressor	Quantidade	Percentual
Não fui maltratado	3386	65,5%
Só por meninos	710	13,7%
Por meninos e meninas	347	6,7%
Só por meninas	203	3,9%
Principalmente por meninos	200	3,9%
Principalmente por meninas	169	3,3%
Em branco	153	3,0%
<b>Total</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

Tabela 7.14. Respostas das vítimas para sexo do agressor

As respostas dos alunos que praticam maus tratos confirmam que também nos casos de *bullying* os meninos se destacam como os principais agressores. 12,5 % dos meninos assumem que praticaram *bullying*, enquanto 7,6% das meninas fazem a mesma afirmação, como mostra a tabela a seguir.

<b>Frequência dos maus tratos</b>	<b>Menino</b>	<b>Menina</b>
<b>Não maltratei</b>	63,3%	75,2%
<b>1 ou 2 vezes</b>	22,2%	16,3%
<b>De 3 a 6 vezes</b>	4,7%	2,9%
<b>Uma vez por semana</b>	1,9%	1,3%
<b>Várias vezes por semana</b>	2,5%	1,4%
<b>Todos os dias</b>	3,4%	2,0%
<b>Em branco</b>	1,9%	1,0%
<b>Total</b>	100%	100%

*Tabela 7.15. Frequência dos maus tratos  
no ano de 2009 (agressores) por sexo*

Em qual período da vida escolar se concentram os agressores? De forma diferente do que acontece entre as vítimas, que estão concentradas nas quinta e sextas séries, os agressores se

distribuem de forma bem semelhante entre as quinta, sexta, sétima e oitava séries, com uma concentração um pouco maior na sexta série. Os alunos que praticam o *bullying* têm, predominantemente, entre 12 e 14 anos. Esses dados são detalhados no gráfico e na tabela a seguir, onde o grupo N é composto por aqueles alunos que não praticaram *bullying* enquanto o grupo M é formado pelos alunos que já o praticaram.

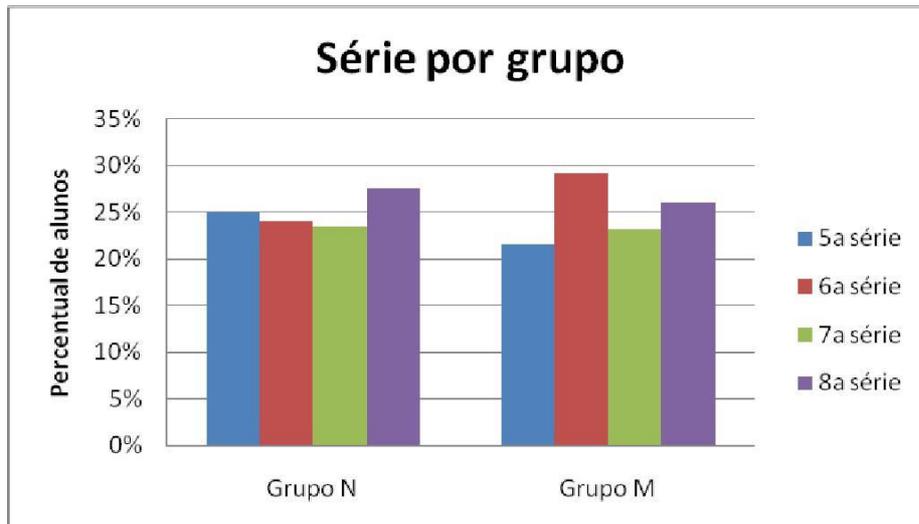


Tabela 7.16. Distribuição dos agressores de bullying por série (grupo M)

<b>Idade</b>	<b>Grupo N</b>	<b>Grupo M</b>	<b>Total geral</b>
<b>10</b>	0,9%	0,4%	1%
<b>11</b>	12,4%	9,5%	12%
<b>12</b>	19,2%	21,0%	19%
<b>13</b>	20,8%	20,2%	21%
<b>14</b>	25,2%	28,8%	26%
<b>15</b>	12,8%	12,3%	13%
<b>16</b>	5,0%	3,7%	5%
<b>17</b>	1,4%	1,2%	1%
<b>18</b>	0,3%	0,2%	0%
<b>19</b>	0,2%	0,0%	0%
<b>21</b>	0,0%	0,2%	0%
<b>Em branco</b>	1,7%	2,5%	2%
<b>Total geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

*Tabela 7.17. Distribuição dos agressores de bullying por idade (grupo M)*

## 7.2.2 Características Comportamentais e Emocionais

---

Os padrões de comportamento e de emoções dos agressores permitem traçar, com mais detalhes, o perfil dos alunos que praticam maus tratos no ambiente escolar. O que leva os alunos a praticar o *bullying*, ou seja, o que estimula o agressor?

De acordo com os agressores, a principal motivação para a prática de maus tratos é sentir-se provocado (a). Isso pode sugerir que, muitas vezes, um mau trato pode ser fruto de uma atitude reativa, uma forma de defesa ou uma incapacidade de lidar com os conflitos e tensões existentes entre os colegas da escola.

Já a segunda motivação mais frequente é “por brincadeira”. Esse dado coincide com os relatos colhidos na fase qualitativa da pesquisa, pois um dos aspectos mais significativos das falas dos alunos

é que o *bullying* é muito frequentemente associado à imagem de brincadeira. Como já abordado no capítulo sobre os modos de manifestação do *bullying*, há, por parte dos alunos, uma frequente confusão entre brincadeira / diversão e agressão / violência. Mesmo reconhecendo os efeitos negativos, os adolescentes demonstram grande dificuldade em considerar certos maus tratos, principalmente as agressões verbais, como algo fora do padrão comum ou normal de interação entre jovens. Os discursos levam a crer que, além de ser um comportamento generalizado, colocar e receber apelido, por exemplo, é quase um ritual de inclusão no grupo. A terceira opção mais citada para a pergunta que buscava compreender o que leva um aluno à agressão é “não sei”, como poder ser observado na tabela a seguir. Esse dado sugere que, em parte dos casos, a violência pode ser gratuita, aparentemente sem motivo, inclusive para quem a pratica. Responder a uma provocação, fazer uma brincadeira ou agredir sem razão aparente também são motivações apontadas por alunos que cometem maus tratos em cada região do País.

Motivações	Quantidade	Percentual
Não maltratei colega	2966	60,6%
Porque me sinto provocado	448	9,2%
Por brincadeira	398	8,1%
Não sei	343	7,0%
Porque acho que eles(as) merecem	230	4,7%
Outros	196	4,0%
Porque sou mais forte	82	1,7%
Porque quero ser popular	75	1,5%
Contei para meu professor	48	1,0%
Porque não sou punido(a) pela escola	39	0,8%

Motivações	Quantidade	Percentual
Porque quero dominar o grupo	37	0,8%
Porque eles(as) são diferentes dos outros	34	0,7%
<b>Total</b>	<b>4896</b>	<b>100,0%</b>

Tabela 7.18. Motivações para a prática de maus tratos de acordo com os agressores

Como os agressores se sentem após maltratar um colega? Como o *bullying* se caracteriza por ser um tipo de violência repetitiva, entender como os agressores se sentem após a prática de maus tratos permite identificar fatores associados ao estímulo para repetição do ato.

A tabela a seguir permite concluir que não existem padrões de sentimentos claramente definidos para os agressores. As respostas distribuem-se de forma semelhante quando os alunos são questionados sobre o que sentiram ao maltratar colegas na escola, mas é possível dizer que as cinco opções mais citadas estão polarizadas em dois conjuntos de sentimentos. O primeiro conjunto de sentimentos tende a estimular a repetição da agressão. Esse grupo é composto pelas respostas “eu não senti nada”, “foi engraçado” e “senti que eles mereciam o castigo”, somando cerca de 17% das opções citadas. Já o segundo grupo de sentimentos é o que tende a inibir a repetição do ato agressivo e abarca as respostas “eu me arrependi do que fiz” e “eu me senti mal”, com aproximadamente 10% das citações.

Esses dados também permitem desmistificar a imagem intrinsecamente negativa do agressor, sempre visto como “maldoso” ou “sem sentimentos”, pois uma porcentagem relevante deles se sente mal após a agressão ou se arrepende. Analisando esses dados desagregados por região, percebe-se que as porcentagens das respostas para essa questão se distribuem de forma muito semelhante entre as cinco regiões do País e não apresentam diferenças significativas.

Sentimentos dos agressores	Quantidade	Percentual
Não maltratei	3541	56,6%
Eu não senti nada	413	6,6%
Eu me arrependi do que fiz	364	5,8%
Foi engraçado	318	5,1%
Senti que eles mereciam o castigo	307	4,9%
Eu me senti mal	284	4,5%
Eu senti pena da pessoa	214	3,4%
Tinha certeza que eles fariam o mesmo comigo	210	3,4%
Eu me senti vingado(a), me maltrataram também	148	2,4%
Fiquei com medo de que meu pai descobrisse	121	1,9%
Eu me senti bem	117	1,9%

Sentimentos dos agressores	Quantidade	Percentual
Fiquei com medo de que um (a) professor(a) descobrisse	96	1,5%
Fiquei com medo de ser descoberto( a) e punido(a)	57	0,9%
Sei que não seria descoberto (a) e punido(a)	42	0,7%
Sofro maus tratos em casa e faço o mesmo na escola	23	0,4%
<b>Total</b>	<b>6255</b>	<b>100,0%</b>

*Tabela 7.19. Sentimentos provocados pelos maus tratos (agressores)*

Os dados permitem identificar que os sentimentos pós-agressão também se diferenciam pelo sexo do agressor, assim como ocorre entre as vítimas. Os meninos citam as opções ligadas ao primeiro grupo de sentimentos – que tendem a reforçar a repetição da agressão - com mais frequência que as meninas. Já as opções referentes ao segundo grupo de sentimentos – associadas a mal estar - são mais citadas pelas meninas. A tabela a seguir detalha esses dados.

Sentimentos dos agressores	menino	menina	Total
Não senti nada.	62,7%	37,3%	100,0%
Eu me senti bem.	61,7%	38,3%	100,0%
Foi engraçado.	56,4%	43,6%	100,0%
Senti que eles mereciam o castigo.	58,6%	41,4%	100,0%
Tinha certeza que eles fariam o mesmo comigo.	70,0%	30,0%	100,0%
Fiquei com medo de que um professor ou funcionário descobrisse.	63,5%	36,5%	100,0%
Fiquei com medo de que meu pai/mãe/responsável descobrisse.	69,4%	30,6%	100,0%
Sei que não seria descoberto(a) e punido(a).	69,0%	31,0%	100,0%
Fiquei com medo de ser descoberto(a) e punido(a).	68,4%	31,6%	100,0%
Eu me senti mal.	45,4%	54,6%	100,0%
Eu me arrependi do que fiz.	49,4%	50,6%	100,0%
Eu senti pena da pessoa.	46,0%	54,0%	100,0%
Eu me senti vingado(a), me maltrataram também.	55,1%	44,9%	100,0%
Sofro maus tratos em casa e faço o mesmo na escola.	56,5%	43,5%	100,0%

*Tabela 7.20. Sentimentos provocados pelos maus tratos por sexo do agressor*

Após maltratar um colega, os agressores têm duas alternativas mais comuns: não contar para ninguém ou contar para os amigos. Como esperado, contar para professores, funcionários da escola e pais não são atitudes comuns, como pode ser observado na tabela a seguir:

<b>Reações</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>
<b>Não maltratei colega</b>	3527	65%
<b>Contei para meu amigo</b>	621	11%
<b>Não contei para ninguém</b>	567	10%

Reações	Quantidade	Percentual
Contei para meu pai	198	4%
Outros	180	3%
Contei para meu irmão	148	3%
Contei para meu professor	120	2%
Contei para o diretor	54	1%
<b>Total geral</b>	<b>5415</b>	<b>100%</b>

*Tabela 7.21. Reação dos agressores após a prática de maus tratos*

O que acontece na vida escolar do agressor após praticar maus tratos? Um dos dados mais relevantes que a etapa quantitativa da pesquisa traz para o delineamento do perfil do agressor é que este também tem seu desenvolvimento escolar e aprendizagem afetados negativamente pela prática da violência. Como pode ser observado na tabela a seguir, as respostas mais citadas pelos agressores

à pergunta “o que aconteceu na sua vida após maltratar um colega?” são as mesmas mais citadas pelas vítimas: “perdi a concentração” e “perdi o entusiasmo na escola”. A prática dos maus tratos é, portanto, negativa para a vida escolar das vítimas e dos agressores, atingindo os dois grupos da mesma forma, ou seja, afetando o processo de aprendizagem mais que a sociabilidade e a interação no ambiente escolar.

Consequências	Quantidade	Percentual
Não maltratei colega	3801	75,9%
Perdi a concentração	365	7,3%
Perdi entusiasmo pela escola	298	6,0%
Perdi meus amigos	149	3,0%
Distanciei-me dos objetivos escolares	98	2,0%
Venho à escola, mas tenho medo	98	2,0%
Fui reprovado	75	1,5%
Parei de aprender	59	1,2%
Mudei de escola	32	0,6%
Tenho deixado de ir às aulas	31	0,6%
<b>Total</b>	<b>5006</b>	<b>100,0%</b>

*Tabela 7.22. Consequências dos maus tratos para os agressores*

### 7.3 Considerações Finais

---

De acordo com os alunos pesquisados na etapa quantitativa da pesquisa, os meninos são mais vulneráveis que as meninas a episódios de maus tratos e a *bullying* no ambiente escolar, assim como o são também os alunos das quinta e sexta séries. As vítimas de *bullying* concentram-se no intervalo de adolescentes de 11 a 15 anos. Não há diferenças significativas na distribuição das vítimas de *bullying* por cor / etnia, diferentemente do que se poderia esperar, levando-se em conta as questões de discriminação racial.

Entre os aspectos comportamentais e emocionais, a pesquisa permite observar com muita clareza que há padrões de sentimentos ligados às situações de maus tratos muito diferentes entre as vítimas do sexo masculino e as do feminino. Os meninos tendem a afirmar que levam na brincadeira, acham engraçado, ou não dão importância aos maus tratos sofridos, enquanto as meninas afirmam que se sentem mal, ficam chateadas, magoadas e tristes.

Os dados não permitem delinear padrões de ação claramente definidos das vítimas após as agressões. As atitudes mais comuns são: apatia, tentar se defender, revidar a agressão ou falar com pai. Fugir, chorar, ou chamar os irmãos são os comportamentos menos citados.

Parcela significativa das vítimas não sabe dizer por que sofre maus tratos, enquanto outra parcela acredita que uma agressão de que foi vítima não passava de brincadeira. Como terceira opção mais citada para a questão “por que você acha que seus colegas te maltrataram?” aparece a resposta “porque querem ser popular”, o que desvela uma dimensão de poder inerente à prática de *bullying*.

Por fim, os dados quantitativos revelam que a maior consequência dos maus tratos na vida escolar das vítimas recai sobre o próprio processo de aprendizagem, acarretando perda de concentração e perda do entusiasmo, e não sobre a sociabilidade com os colegas ou sobre o respeito à autoridade dos professores e diretores.

Os discursos coletados na etapa qualitativa da pesquisa expressam outros aspectos, mais subjetivos, sobre o perfil das vítimas.

Para os professores e equipe técnica, a principal característica da vítima do *bullying* é ser diferente dos seus colegas em algum aspecto. Essa diferença pode tanto ser uma característica física marcante, ou uma deficiência, como também um *status* social que permita vestir-se ou possuir objetos e roupas que se destaquem do resto do grupo. Torna-se, portanto, evidente que as diferenças são geradoras de comportamentos de rejeição e agressão.

Os alunos entrevistados definem as vítimas de *bullying* como colegas passivos, sem voz ativa. Os discursos dos alunos sugerem que, geralmente, as vítimas apresentam um perfil psicológico mais

inibido e tímido. Também se observa que características físicas marcantes são detalhes que caracterizam as vítimas, tais como o uso de óculos, sobrepeso ou até mesmo a cor da pele.

Já os discursos dos pais articulam os elementos preponderantes dos discursos dos professores e dos alunos. Para os pais, o perfil da vítima é marcado por seu diferencial, seja por condição física ou comportamental. Assim, algumas características físicas, comportamentais ou emocionais podem tornar a vítima mais vulnerável às ações dos agressores e dificultar a sua aceitação pelo grupo.

Os alunos que praticam maus tratos contra colegas, de acordo com os dados quantitativos da pesquisa, são preponderantemente do sexo masculino. Os agressores se concentram na faixa etária de 12 a 14 anos e na sexta série do Ensino Fundamental. Entre os agressores também não há diferença significativa no que diz respeito à cor / etnia.

A prática dos maus tratos é estimulada nos agressores por: i) sentimento de ameaça (necessidade de se defender de outros colegas ou pela incapacidade de lidar com os conflitos com eles), ii) dificuldade de diferenciar brincadeira de agressão e, iii) tendência à violência gratuita (agressão sem motivo reconhecido).

As emoções desencadeadas pelos maus tratos no agressor podem ser agrupadas em dois padrões distintos: sentimentos que estimulam a repetição da agressão e outros que inibem sua reiteração. O primeiro grupo de opções é o mais citado, o que, de certa forma, explica o fenômeno do *bullying*. Mas o segundo grupo de sentimentos também é apontado com considerável relevância, o que também desmistifica a visão negativa do agressor. A pesquisa permite observar que, também entre os agressores, há padrões de sentimentos ligados às situações de maus tratos muito diferentes entre os alunos do sexo masculino e feminino.

Após maltratar um colega, as atitudes mais comuns por parte dos agressores são: i) dividir essa informação com os amigos ou ii) omiti-las de todos, sem contar nada a ninguém.

A principal consequência que a prática de maus tratos a colegas pode causar na vida escolar do agressor é sobre o processo de aprendizagem, da mesma forma que ocorre entre as vítimas.

Outras nuances do perfil comportamental e emocional dos alunos que praticam o *bullying* são ressaltadas nos dados coletados na etapa qualitativa da pesquisa. O discurso dos professores revela que uma importante característica do perfil de grande parte dos alunos agressores é o histórico escolar negativo, que pode envolver repetência. Os professores acreditam que o comportamento violento é

uma maneira de conseguir destaque em meio ao grupo. Ou seja, os professores entrevistados associam ao perfil do agressor o desejo de aceitação social. Para os docentes, agredir os colegas é garantir *status*, poder e domínio sobre o grupo ao qual pertence, garantindo destaque entre todos. A convivência cotidiana com a violência dentro do ambiente familiar também é citada pelos professores como um elemento importante da caracterização do perfil dos agressores, assim

como a falta de estímulo familiar à aprendizagem. A baixa auto-estima também está muito presente nos discursos dos docentes.

Os dados qualitativos mostram que também os alunos acreditam que uma das características marcantes no perfil dos agressores é o desejo de aceitação social e a necessidade de exercer influência sobre os colegas, ocupando um lugar de destaque no grupo e garantindo popularidade. Nos discursos dos alunos também se observa a ênfase em outra característica do perfil dos agressores, que é a ausência de medo da punição. Já os pais, em seus relatos, destacam no perfil do agressor a necessidade e o desejo de discriminar o outro.

62 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

## 8 Estratégias adotadas pelas escolas

---

O presente capítulo trata das estratégias utilizadas pelas escolas investigadas para controlar ou evitar a violência entre os alunos. Com o apoio dos relatos colhidos na etapa qualitativa da pesquisa, apresentam-se aqui as iniciativas tomadas pelas escolas para enfrentar o problema dos maus tratos entre os estudantes. São ressaltadas as ações avaliadas por professores, alunos e pais como eficientes, bem como aquelas consideradas inadequadas ou ausentes.

### 8.1 Atuação das escolas frente aos maus tratos

---

Há despreparo da maioria das escolas pesquisadas para reduzir ou eliminar a ocorrência de situações de violência escolar, de acordo com os professores pesquisados. Isso se deve à escassez de recursos materiais e humanos, bem como à falta de capacitação dos professores e das equipes técnicas.

Como professores e equipes técnicas tendem a achar que as causas da violência entre alunos são exteriores à escola - localizadas na família ou na sociedade em geral - são poucas as ações institucionais com foco no combate à violência entre os alunos relatadas pelos docentes.

De acordo com os discursos dos professores, as ações mais comuns tomadas pelas escolas são pontuais e direcionadas especificamente aos agressores. Em regra, o que as escolas fazem é:

i) punir os agressores com suspensões e advertências ou ii) chamar os pais dos agressores para conversas com os educadores e equipe técnica.

Os professores tendem a achar que a segunda opção não funciona bem porque pais e responsáveis não comparecem a esses encontros, não aceitam os conselhos dos educadores ou não sabem lidar

com as críticas feitas aos comportamentos dos filhos. O discurso dos professores é marcado pela crítica à falta de colaboração dos pais e responsáveis nas ações de combate à violência escolar e pela consciência de que as estratégias utilizadas pelas escolas são ineficientes.

Além das ações direcionadas aos agressores, mais comuns e frequentes, os professores relatam que algumas poucas escolas fazem campanhas gerais de mobilização e sensibilização voltadas à prevenção da violência. Um pouco mais frequentes, mas ainda esporádicas, são atividades como palestras e grupos de discussão orientados por professores que têm mais flexibilidade no programa curricular, como aqueles que ministram aulas de filosofia ou religião.

Dentre as escolas investigadas na etapa qualitativa da pesquisa, duas do estado do Rio Grande do Sul destacam-se como exceção, pois desenvolveram recentemente campanhas direcionadas especificamente ao controle do *bullying*. Essas campanhas partiram de um trabalho de discussão sobre tal fenômeno e de conscientização a respeito de suas consequências, realizado tanto junto a professores e equipe técnica quanto aos alunos.

Além dessas duas escolas com ações voltadas especificamente ao tratamento do tema do *bullying* escolar, algumas outras escolas traçam estratégias de combate à violência de modo geral. Uma delas, situada no Distrito Federal, investiu numa infraestrutura física acolhedora e pautada na criação de espaços de convivência e integração entre os alunos, bem como no trabalho constante do tema e da prática da inclusão social de alunos com deficiências. Outra escola que se destaca, localizada em São Luís do Maranhão, optou por criar uma rotina de convivência intensa entre alunos, professores e funcionários. Nessa escola, os alunos estão sempre na presença de professores e funcionários, inclusive nos intervalos e nos horários de entrada e saída das aulas. Os gestores do estabelecimento acreditam que a presença intensa e maciça de professores e funcionários inibe a violência por parte dos alunos, assim como melhora a relação deles entre si e com as pessoas do sistema escolar.

De acordo com os alunos pesquisados, frente a situações de maus tratos, as escolas costumam acionar os pais dos alunos envolvidos (42%) e punir dessas crianças e adolescentes (21%). Mas um percentual significativo (12,5%) desconhece quais são as ações da escola, conforme tabela a seguir:

<b>Respostas</b>	<b>Total</b>
<b>Chama pais</b>	42,2%
<b>Pune os autores</b>	20,6%
<b>Não sei dizer</b>	12,5%
<b>Comunica ao Conselho Tutelar</b>	5,5%
<b>Responsabiliza pais</b>	5,5%
<b>Ignora</b>	3,9%

<b>Faz trabalho de prevenção</b>	3,2%
<b>Comunica a polícia</b>	3,1%
<b>Outros</b>	2,6%
<b>Comunica outras autoridades</b>	0,9%
<b>Total</b>	100,0%

*Tabela 8.1. Medidas tomadas pelas escolas*

A atuação da escola reflete, segundo os alunos, o que pensam os professores a respeito da responsabilização dos pais em relação às situações de maus tratos dentro da instituição. É

importante frisar que a única opção que envolvia uma atuação de cunho coletivo, “faz trabalho de prevenção”, tem representatividade de 3,2% da amostra.

A opinião dos pais e responsáveis vem ao encontro dessa atuação tímida em relação ao combate à violência. Para os pais, as escolas não apresentam nenhum tipo de iniciativa institucional ou organizada que vise eliminar ou prevenir a violência no contexto escolar. Muitos pais dizem que a escola ou se omite frente aos maus tratos entre os alunos ou transfere para os pais dos envolvidos a responsabilidade da solução do conflito, procurando individualmente a família dos agressores ou realizando queixas.

Segundo os pais, os professores também não têm preparo para lidar com a problemática, assim como a escola é incapaz de promover ações que venham minimizar esse conflito.

Os pais acreditam também que os agressores deveriam receber punições rígidas, como expulsão ou suspensão, a fim de prevenir ações violentas no futuro.

A segurança dentro do ambiente escolar também foi debatida no grupo. Muitos pais defendem também que, se houvesse mais segurança dentro da escola - como um posto de guarda no portão da escola, por exemplo - seriam evitadas muitas brincadeiras agressivas que podem levar a situações de violência e até mesmo ao desenvolvimento de *bullying*.

Os dados desagregados por região do País mostram que não há diferenças significativas nas medidas adotadas pelas escolas. Nas cinco regiões, as opções mais citadas são as mesmas. O que se pode ressaltar, em termos de diferenças entre as medidas, é que no Nordeste e no Norte, chamar os pais dos alunos envolvidos nas agressões é mais frequente do que nas demais regiões e fazer trabalho de prevenção é alternativa um pouco mais usada no Sudeste e no Sul, ainda que as porcentagens sejam baixas.

Ação da escola	Centro Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Total
Chama pais	34,3%	50,8%	51,8%	36,4%	40,8%	42,2%
Pune os autores	25,4%	20,7%	18,4%	20,8%	17,7%	20,6%

<b>Não sei dizer</b>	15,6%	10,3%	11,2%	11,7%	14,1%	12,5%
<b>Comunica ao Conselho Tutelar</b>	4,7%	4,2%	2,7%	7,0%	8,1%	5,5%
<b>Responsabiliza pais</b>	3,3%	5,4%	6,7%	6,9%	4,5%	5,5%
<b>Ignora</b>	4,3%	2,4%	3,4%	4,9%	4,2%	3,9%
<b>Faz trabalho de prevenção</b>	3,0%	2,7%	2,6%	3,7%	3,8%	3,2%
<b>Comunica a polícia</b>	6,0%	1,7%	0,7%	3,3%	3,5%	3,1%
<b>Outros</b>	2,4%	0,9%	1,6%	4,3%	2,8%	2,6%
<b>Comunica outras autoridades</b>	1,0%	1,0%	0,8%	0,9%	0,6%	0,9%
<b>Total geral</b>	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

*Tabela 8.2. Medidas que as escolas tomam por região do País*

## 8.2 O que a escola deve fazer frente aos maus tratos?

---

Na opinião dos alunos pesquisados, apontada na tabela abaixo, quando ocorrem situações de maus tratos na escola, cabe a esta, principalmente, chamar os pais (28%). Em segundo lugar, punir os agressores (23%) e, em terceiro lugar, comunicar o Conselho Tutelar (13,3%) ou, ainda, fazer trabalho de prevenção (10,9%). Não há diferença significativa na distribuição das respostas para a questão sobre as medidas a escola deve tomar entre as cinco regiões do País.

Medidas que deveria tomar	Total
Deve chamar pais	28,0%
Deve punir	23,0%
Deve comunicar o Conselho Tutelar	13,3%
Deve fazer trabalho de prevenção	10,9%
Deve responsabilizar os pais	7,6%
Deve comunicar a polícia	6,5%
Não sei dizer	5,3%
Deve comunicar outras autoridades	2,6%
Outros	1,8%
Deve ignorar, é sem importância	0,9%
Total geral	100,0%

Tabela 8.3. Medidas que as escolas deveriam tomar

Esses dados mostram que os alunos não discordam das estratégias de ação para combater a violência frequentemente utilizadas pelas escolas. Mas o que os discursos coletados na fase qualitativa da investigação sugerem é que os alunos discordam da forma como os professores e equipe técnica colocam em prática tais ações.

Os alunos relatam, primeiro, que os professores e funcionários são negligentes com as situações de violência, muitas vezes deixando que elas se desenvolvam e se repitam. Os alunos acham que, quando identificados os agressores, estes devem ser severamente punidos - com suspensões, por exemplo - e não apenas serem verbalmente advertidos como sempre ocorre.

Em segundo lugar, os alunos apontam que os docentes e a equipe técnica não sabem mediar conflitos, pois as estratégias que eles utilizam – chamar atenção e retirar da sala de aula – não promovem mudanças comportamentais nem amenizam os atritos e tensões existentes entre os alunos. Os estudantes relatam que os professores não sabem como resolver os conflitos e encaminham os envolvidos para a coordenação e esta, por sua vez, por também não saber como solucionar a questão, chama os pais, numa dinâmica em que um joga o problema para o outro.

Embora os alunos defendam a idéia de que é dever da escola traçar estratégias de combate à violência, não acreditam que a direção da escola tenha habilidade para solucionar esse problema e ressaltam que as ações das escolas não são satisfatórias.

### 8.3 Atuação dos professores frente aos maus tratos

---

Segundo os alunos, na maioria dos casos de ocorrência de maus tratos, os professores nada fizeram porque não ficaram sabendo do ocorrido e, quando ficaram sabendo, sua atuação foi insignificante, não promovendo nenhum tipo de mudança na situação.

Como visto no capítulo 7, a procura por professores, tanto por parte de vítimas de maus tratos quanto de agressores, é baixa, o que revela haver uma distância importante entre professores e alunos quanto à relação de confiança. De um lado, alunos não compartilham com seus professores as situações de risco em que estão envolvidos. De outro, os professores são ineficazes em suas atuações quando cientes de tais situações. O resultado parece ser um distanciamento importante entre o professor e o aluno, com consequências para o clima dentro da escola, afetando-se assim o próprio propósito do processo educativo, qual seja, “desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.”<sup>8</sup>

É importante ressaltar que, diante da pergunta “o que você sentiu quando viu alguma situação de maus tratos entre colegas?”, percebe-se que os alunos em geral sentem-se afetados pela situação. A maioria dos que presenciaram tais situações diz ter sentido pena da pessoa maltratada (22%). O sentimento de mal-estar (17,4%) e o julgamento de injustiça (14,5%) são as respostas que vêm depois da pena. Percebe-se nestas respostas um espaço para a atuação da escola e dos professores que não poderia ser negligenciado.

O que sentiu	Total

<b>Senti pena</b>	22,3%
<b>Não vi</b>	17,6%
<b>Me senti mal</b>	17,4%
<b>Achei injusto</b>	14,5%
<b>Não senti nada</b>	9,2%
<b>Foi engraçado</b>	5,8%

---

<sup>8</sup> Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Capítulo II, Seção I, Art. 22.

O que sentiu	Total
Achei justo	4,2%
Certeza que me maltratariam	3,4%
Sei que não me maltratariam	2,3%
Senti vingado, fui maltratado	1,9%
Me senti bem	1,3%
<b>Total</b>	<b>100,0%</b>

Tabela 8.4. Impressões dos alunos ao ver práticas de maus tratos

## 8.4 Considerações Finais

---

A análise dos dados leva à conclusão de que a maioria das escolas não apresenta estratégias institucionais, organizadas e perenes nem de controle à violência de modo geral, nem de combate ao *bullying* especificamente. Medidas de prevenção e um debate construtivo sobre o assunto não são presentes entre as escolas pesquisadas, na opinião de professores, pais e alunos.

As medidas que as escolas tomam frequentemente, tanto em caso de maus tratos entre colegas, quanto em caso de *bullying*, são: i) punir os alunos com advertências (verbais e escritas) e suspensões, e/ou ii) chamar os pais dos agressores para uma conversa ou entrevista com a coordenação. Essas medidas punitivas (pontuais e focadas nos agressores) são identificadas por professores e alunos e citadas por eles como aquelas tomadas pelas escolas com maior frequência a fim de tentar evitar futuras agressões entre os alunos.

Os alunos, porém, discordam não dessas ações das escolas, mas da forma como elas são desenvolvidas e colocadas em prática por seus professores e funcionários, questionando, assim, sua eficiência.

Os professores alegam que os pais não colaboram com as escolas em suas iniciativas de combater a violência, o que dificulta a atuação escolar. Já os pais afirmam que as escolas não sabem lidar com a violência entre colegas e com o *bullying* e transferem para eles – pais e responsáveis- a responsabilidade de resolver os conflitos dos alunos.



## 9 Maus Tratos no Ambiente Virtual

---

Este capítulo trata dos maus tratos por meio da internet, modalidade de violência cada vez mais praticada por crianças e adolescentes. Pesquisa realizada pela ONG Safernet em 2009 para conhecer os hábitos de crianças e adolescentes no espaço virtual apontou que 33% dos entrevistados já haviam tido algum amigo seu vítima desse tipo de humilhação na rede.

Tais maus tratos consistem em práticas de difamação, humilhação, ridicularização e estigmatização por meio de ferramentas da internet. Com o atual aumento das facilidades para acesso ao mundo virtual por parte de crianças e adolescentes, esse tipo de agressão se torna cada vez mais frequente. Uma característica importante desse tipo de agressão é que consiste num “fenômeno sem rosto”, à medida que, na internet, o agressor pode, muitas vezes, não se identificar.

### 9.1 Incidência

---

De acordo com as respostas dos alunos da pesquisa objeto deste relatório, a incidência de maus tratos pela internet é de cerca de 17%. Ou seja, aproximadamente 17% dos alunos que participaram da pesquisa afirmam que foram vítimas desse tipo de prática pelo menos uma vez no ano de 2009, como mostra tabela a seguir:

<b>Frequência</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>
<b>Não fui maltratado</b>	4218	81,6%
<b>Fui 1 ou 2 vezes</b>	679	13,1%

<b>Fui de 3 a 6 vezes</b>	76	1,5%
<b>1 vez por sem</b>	34	0,7%
<b>Várias vezes por sem</b>	53	1,0%
<b>Todos os dias</b>	28	0,5%
<b>Em branco</b>	80	1,5%
<b>Total geral</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

*Tabela 9.1. Frequência de maus tratos pela internet*

Na região Sudeste a incidência de maus tratos no espaço virtual é maior que nas demais regiões. Aproximadamente 20% dos alunos das escolas do Sudeste foram vítimas desse tipo de agressão pelo menos uma vez em 2009. Nas regiões Nordeste e Centro-Oeste essa estatística fica em torno de 17%, enquanto no Norte a incidência registrada é de 15% e, no Sul, de 14%.

Frequência	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Sudeste	Sul	Total
<b>Não fui maltratado</b>	81,1%	80,7%	83,7%	79,2%	84,0%	81,6%
<b>Fui 1 ou 2 vezes</b>	12,4%	13,6%	12,0%	15,8%	11,0%	13,1%
<b>Fui de 3 a 6 vezes</b>	1,4%	1,0%	1,5%	2,0%	1,3%	1,5%
<b>1 vez por sem</b>	0,8%	0,6%	0,4%	1,0%	0,4%	0,7%
<b>Várias vezes por sem</b>	1,1%	0,9%	1,1%	0,9%	1,2%	1,0%
<b>Todos os dias</b>	0,9%	0,7%	0,1%	0,5%	0,5%	0,5%
<b>Em branco</b>	2,2%	2,5%	1,1%	0,6%	1,6%	1,5%
<b>Total geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Tabela 9.2. Frequência de maus tratos pela internet por região do País

A distribuição das respostas para as questões sobre maus tratos no ambiente virtual apresentadas a seguir não apresenta diferenças significativas entre as cinco regiões do País. Como na região Sudeste a incidência desse tipo de agressão é mais frequente, as porcentagens para todas as respostas também são maiores.

Os maus tratos pela internet atingem meninos e meninas com frequência muito semelhante (conforme tabela abaixo), diferentemente do que acontece com os maus tratos dentro do ambiente escolar e discutido no capítulo 4.

Frequência	Menino	Menina
<b>Não fui maltratado</b>	80,9%	82,4%

<b>Fui 1 ou 2 vezes</b>	13,5%	12,8%
<b>Fui de 3 a 6 vezes</b>	1,5%	1,5%
<b>1 vez por sem</b>	0,4%	0,8%
<b>Várias vezes por sem</b>	1,2%	0,8%
<b>Todos os dias</b>	0,5%	0,5%
<b>Em branco</b>	1,9%	1,2%
<b>Total geral</b>	<b>100%</b>	<b>100%</b>

Tabela 9.3. Frequência de maus tratos pela internet por sexo

Os alunos que foram vítimas de maus tratos pela internet estão alocados de forma muito similar entre as quintas, sextas, sétimas e oitavas séries do Ensino Fundamental, com pequena concentração nas duas primeiras dessas séries, como se pode observar na tabela seguinte.

<b>Série</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentual</b>
<b>5ª</b>	244	<b>28,0%</b>
<b>6ª</b>	241	<b>27,7%</b>
<b>7ª</b>	192	22,1%
<b>8ª</b>	193	22,2%

Série	Quantidade	Percentual
<b>Total geral</b>	<b>870</b>	<b>100%</b>

Tabela 9.4. Vítimas de maus tratos pela internet por série escolar

No que diz respeito à faixa etária, as vítimas de maus tratos pela internet concentram-se no intervalo entre 12 e 14 anos de idade, no qual estão cerca de 69% das vítimas. A incidência desse tipo de agressão diminui muito a partir dos 17 anos de idade. É o que mostra a tabela 9.5:

Idade	Quantidade	Percentual
	<b>e</b>	
<b>10</b>	8	0,9%
<b>11</b>	104	12,0%
<b>12</b>	200	<b>23,0%</b>
<b>13</b>	177	<b>20,3%</b>
<b>14</b>	220	<b>25,3%</b>
<b>15</b>	96	11,0%
<b>16</b>	34	3,9%
<b>17</b>	11	1,3%
<b>18</b>	1	0,1%
<b>19</b>	2	0,2%
<b>21</b>	1	0,1%

<b>Em branco</b>	16	1,8%
<b>Total</b>	<b>870</b>	<b>100%</b>

Tabela 9.5. Vítimas de maus tratos pela internet por idade

## 9.2 Modos de Manifestação

---

A pesquisa mostra que os maus tratos pela internet se manifestam principalmente por meio de insultos e difamações feitas por e-mail, MSN e sites de relacionamento, como o Orkut. Como indica a tabela abaixo, as opções mais citadas para a pergunta “de que maneira você foi maltratado por colegas de escola no mundo virtual?” são: i) “enviaram email falando mal de mim” (6,4%) e ii) “falaram mal de mim no MSN, no Orkut e outros sites de relacionamento” (5,8%), seguidas pela opção “furtaram minha senha e invadiram meu email”, em cerca de 4% dos casos. As demais respostas para essa pergunta apresentam incidência em porcentagens baixas e muito próximas entre si.

Manifestações de maus tratos	Total	Percentual
Não fui maltratado	4127	70,8%
Enviaram e-mail falando mal de mim	373	6,4%
Falaram mal de mim no MSN, Orkut ou outros sites de relacionamento	336	5,8%
Furtaram minha senha e invadiram meu e-mail	207	3,6%
Outros	168	2,9%
Fizeram-se passar por mim na Internet	117	2,0%
Enviaram vírus com objetivo de me prejudicar	80	1,4%
Enviaram e-mail me ameaçando	77	1,3%
Tiraram e divulgaram fotografias minhas na Internet, sem o meu consentimento	59	1,0%
Montaram e divulgaram fotografias minhas de forma constrangedora	51	0,9%
Criaram comunidade no Orkut para me humilhar e divulgar minhas fotos ou perfil	48	0,8%
Recebi mensagem no celular me xingando	46	0,8%
Fizeram vídeos meus e colocaram no You Tube	45	0,8%
Recebi mensagem no celular falando mal de mim	34	0,6%
Recebi mensagem no celular me ameaçando	31	0,5%
Recebi fotografias minhas no celular e me humilharam	18	0,3%

<b>Montaram e divulgaram fotografias de minha família de forma constrangedora</b>	10	0,2%
<b>Total</b>	5827	100,0%

*Tabela 9.6. Modos de manifestação dos maus tratos pela internet*

Os maus tratos por meio de internet se manifestam com uma duração de tempo semelhante à dos maus tratos dentro da escola. De acordo com os dados da tabela abaixo, é possível dizer que o tempo de duração mais frequente das práticas de maus tratos na internet é de uma semana, com 12% de ocorrência dessa alternativa nas respostas para a pergunta “Por quanto tempo duraram os maus tratos no mundo virtual?”.

<b>Tempo de duração</b>	<b>Total</b>	<b>Percentual</b>
<b>Não fui maltratado</b>	4165	80,6%
<b>Durou uma semana</b>	617	11,9%
<b>Durou várias semanas</b>	151	2,9%
<b>Todo este ano</b>	60	1,2%
<b>Desde o ano passado</b>	72	1,4%
<b>Em branco</b>	103	2,0%
<b>Total</b>	<b>5168</b>	<b>100%</b>

*Tabela 9.7. Tempo de duração dos maus tratos pela internet*

### 9.3 Reações das Vítimas e dos Agressores

A análise dos dados sobre reações indica que, de forma muito semelhante ao que acontece nas situações de maus tratos dentro do ambiente escolar, as vítimas de maus tratos pela internet tendem a não fazer nada após a agressão ou a tentar se defender sozinhos (sem intermédio de professores, pais ou irmãos).

A resposta mais frequente para a questão “O que você fez quando foi maltratado por colegas no mundo virtual?” é “não fiz nada, mas fiquei magoado”, com 6% das respostas, como pode ser observado na tabela a seguir. As demais possíveis respostas para essa pergunta apresentam porcentagens baixas e com valores muito próximos entre si, o que dificulta outras inferências.

Reações	Total	Percentual
<b>Não fui maltratado(a) no mundo virtual por colega(s) de escola em 2009.</b>	4068	69,1%
<b>Não fiz nada, mas fiquei magoado(a).</b>	347	5,9%
<b>Eu me defendi.</b>	223	3,8%
<b>Não fiz nada porque não dei importância.</b>	193	3,3%
<b>Eu revidei</b>	181	3,1%
<b>Falei com meu pai / mãe / responsável.</b>	159	2,7%
<b>Falei com meu(s) amigo(s).</b>	153	2,6%
<b>Pedi que parassem.</b>	128	2,2%
<b>Eu chorei.</b>	81	1,4%

<b>Outros</b>	79	1,3%
<b>Falei com um professor.</b>	70	1,2%
<b>Falei com o diretor, coordenador ou outro funcionário.</b>	70	1,2%
<b>Falei com meu(s) irmão(s) ou irmã(s).</b>	65	1,1%
<b>Eu fugi.</b>	35	0,6%
<b>Eu denunciei na polícia.</b>	31	0,5%
<b>Total</b>	5883	100,0%

*Tabela 9.8. Reações das vítimas após maus tratos pela internet*

Os sentimentos manifestados pelas vítimas de maus tratos por meio da internet também são semelhantes aos manifestados pelas vítimas de maus tratos dentro da escola. De acordo com os dados da tabela a seguir, após sofrer maus tratos por meio da internet, os sentimentos mais frequentes são: desconforto, apatia, irritabilidade e tristeza. As opções mais citadas pelas vítimas são “eu me senti mal”, “eu não senti nada”, “eu me senti irritado” e “eu me senti triste”. As respostas para essa pergunta também apresentam porcentagens baixas e muito semelhantes.

Sentimentos	Total	Percentual
Não fui maltratado(a) no mundo virtual por colega(s) de escola em 2009.	4075	66,8%
Eu me senti mal.	340	5,6%
Eu não senti nada.	315	5,2%
Eu me senti irritado(a).	264	4,3%
Eu me senti triste.	245	4,0%
Eu me senti magoado(a) / chateado(a).	202	3,3%
Eu fiquei preocupado(a) com o que os outros podiam pensar de mim.	155	2,5%
Eu me senti bem.	128	2,1%
Eu me senti envergonhado(a).	124	2,0%
Eu fiquei com medo.	103	1,7%
Foi engraçado.	86	1,4%
Eu me senti indefeso(a), ninguém podia me ajudar.	66	1,1%
<b>Total</b>	<b>6103</b>	<b>100,0%</b>

*Tabela 9.9. Sentimentos das vítimas após maus tratos pela internet*

Os sentimentos manifestados por aqueles que praticaram maus tratos pela internet também são semelhantes aos daqueles que praticaram maus tratos dentro da escola, de acordo com as respostas para a pergunta “Caso você tenha maltratado algum colega no mundo virtual em 2009, o que você sentiu?”. Os agressores revelam que suas reações mais frequentes são: i) “não sentiram nada” (5%) e

ii) “sentiram que os agredidos mereceram o castigo” (3,6%). As frequências das demais respostas para a questão sobre os sentimentos dos agressores são baixas e muito similares, dificultando outras inferências.

Sentimentos	Total	Percentual
<b>Não maltratei colega(s) de escola no mundo virtual em 2009.</b>	4252	75,4%
<b>Não senti nada.</b>	281	5,0%
<b>Senti que eles mereciam o castigo.</b>	204	3,6%
<b>Foi engraçado.</b>	142	2,5%
<b>Eu me arrependi do que fiz.</b>	128	2,3%
<b>Eu me senti mal.</b>	122	2,2%
<b>Eu senti pena da pessoa.</b>	99	1,8%
<b>Tinha certeza que eles fariam o mesmo comigo.</b>	98	1,7%
<b>Eu me senti bem.</b>	88	1,6%
<b>Eu me senti vingado(a), me maltrataram também.</b>	83	1,5%
<b>Fiquei com medo de que meu pai/mãe/responsável descobrisse.</b>	38	0,7%
<b>Sei que não seria descoberto(a) e punido(a).</b>	34	0,6%
<b>Fiquei com medo de que um professor ou funcionário descobrisse.</b>	32	0,6%

Sentimentos	Total	Percentual
Fiquei com medo de ser descoberto(a) e punido(a).	26	0,5%
Sofro maus tratos em casa e faço o mesmo na escola.	15	0,3%
<b>Total</b>	<b>5642</b>	<b>100,0%</b>

*Tabela 9.10. Sentimentos de agressores após maus tratos pela internet*

#### 9.4 Considerações Finais

---

Os maus tratos entre colegas de escola no ambiente virtual se manifestam com incidência próxima de 17% na amostra estudada, o que é bastante significativo. No Sudeste essa incidência é ainda maior, chegando a 20%.

No que diz respeito a esse tipo de prática, não há diferença significativa na forma como são afetados meninos e meninas. As vítimas de maus tratos, no entanto, concentram-se nas quintas e sextas séries do Ensino Fundamental e no intervalo etário entre 12 e 14 anos de idade.

A pesquisa mostra que os maus tratos pela internet se manifestam com maior frequência na forma de insultos e difamações feitas por meio de e-mail, MSN e sites de relacionamento e que esses maus tratos tendem a durar cerca de uma semana.

Os dados indicam que as reações das vítimas de maus tratos no mundo virtual assemelham-se muito às reações das vítimas de maus tratos dentro do ambiente escolar. A apatia representada pela atitude de não fazer nada após sofrer esse tipo de agressão é a resposta citada com mais frequência. No que se refere às sensações das vítimas após sofrerem maus tratos por colegas pela rede mundial, os sentimentos de desconforto, apatia, irritabilidade e tristeza são mencionados com a frequência mais alta. Esse dado é similar ao dado sobre sentimentos das vítimas de maus tratos dentro da escola.

Por fim, os sentimentos dos agressores em ambiente escolar e em meio virtual também são semelhantes. As respostas dos agressores revelam que, após praticar maus tratos pela internet, as reações mais frequentes são: não sentir nada e sentir que as vítimas mereceram o castigo.



## 10 Informações Complementares

---

Este capítulo apresenta informações que complementam e detalham a descrição e a discussão de alguns dos resultados obtidos com a pesquisa “*Bullying* Escolar no Brasil”, tratando especificamente de questões relacionadas a: Escolaridade dos pais, Arranjos Familiares, Acesso a meios de comunicação, Ambiente Escolar, Reprodução da violência e Maus Tratos no Ambiente Virtual.

### 10.1 Escolaridade dos pais

---

As distribuições de freqüências de vítimas de maus tratos entre pares no ambiente escolar não apresentam diferenças significativas quando segmentadas de acordo com os níveis de escolaridade de seus pais, como pode ser observado na tabela 10.1. Freqüências um pouco superiores de vítimas de maus tratos são observadas no grupo de alunos cujos pais têm nível superior de escolaridade – alunos que são vítimas de maus tratos representam 31,3% do total deste grupo. Nos grupos compostos pelos demais níveis de escolaridade dos pais, as vítimas representam de 26,1% a 27,4% do total de alunos de cada grupo.

Escolaridade do pai	Freqüência dos maus tratos sofridos		
Não sabe ler nem escrever	Não fui maltratado	134	70,5%
	Fui 1 ou 2 vezes	39	20,5%
	Fui de 3 a 6 vezes	7	3,7%

	<b>1 vez por sem</b>	2	1,1%
	<b>Várias vezes por sem</b>	3	1,6%
	<b>Todos os dias</b>	0	0,0%
	<b>Em branco</b>	5	2,6%
	<b>Total geral</b>	190	100,0%
<b>Sabe ler e escrever sem grau de escolaridade</b>	<b>Não fui maltratado</b>	463	70,9%
	<b>Fui 1 ou 2 vezes</b>	116	17,8%
	<b>Fui de 3 a 6 vezes</b>	23	3,5%
	<b>1 vez por sem</b>	12	1,8%
	<b>Várias vezes por sem</b>	17	2,6%
	<b>Todos os dias</b>	11	1,7%
	<b>Em branco</b>	11	1,7%
	<b>Total geral</b>	653	100,0%
<b>Fundamental I</b>	<b>Não fui maltratado</b>	488	71,1%

Escolaridade do pai	Frequência dos maus tratos sofridos		
	Fui 1 ou 2 vezes	127	18,5%
	Fui de 3 a 6 vezes	24	3,5%
	1 vez por sem	6	0,9%
	Várias vezes por sem	21	3,1%
	Todos os dias	12	1,7%
	Em branco	8	1,2%
	<b>Total geral</b>	<b>686</b>	<b>100,0%</b>
<b>Fundamental II</b>	<b>Não fui maltratado</b>	<b>582</b>	<b>72,4%</b>
	Fui 1 ou 2 vezes	143	17,8%
	Fui de 3 a 6 vezes	23	2,9%
	1 vez por sem	12	1,5%
	Várias vezes por sem	22	2,7%
	Todos os dias	10	1,2%
	Em branco	12	1,5%
	<b>Total geral</b>	<b>804</b>	<b>100,0%</b>
<b>Ensino Médio</b>	<b>Não fui maltratado</b>	<b>916</b>	<b>73,3%</b>
	Fui 1 ou 2 vezes	200	16,0%

	<b>Fui de 3 a 6 vezes</b>	51	4,1%
	<b>1 vez por sem</b>	14	1,1%
	<b>Várias vezes por sem</b>	34	2,7%
	<b>Todos os dias</b>	27	2,2%
	<b>Em branco</b>	8	0,6%
	<b>Total geral</b>	1250	100,0%
<b>Ensino Superior</b>	<b>Não fui maltratado</b>	911	68,0%
	<b>Fui 1 ou 2 vezes</b>	271	20,2%
	<b>Fui de 3 a 6 vezes</b>	65	4,9%
	<b>1 vez por sem</b>	21	1,6%
	<b>Várias vezes por sem</b>	39	2,9%
	<b>Todos os dias</b>	23	1,7%
	<b>Em branco</b>	10	0,7%
	<b>Total geral</b>	1340	100,0%
<b>Em branco</b>	<b>Não fui maltratado</b>	172	70,2%
	<b>Fui 1 ou 2 vezes</b>	44	18,0%
	<b>Fui de 3 a 6 vezes</b>	5	2,0%
	<b>1 vez por sem</b>	4	1,6%
	<b>Várias vezes por sem</b>	4	1,6%

	<b>Todos os dias</b>	7	2,9%
	<b>Em branco</b>	9	3,7%
	<b>Total geral</b>	245	100,0%

*Tabela 10.1. Escolaridade dos pais das vítimas de maus-tratos*

As distribuições de freqüências de praticantes de maus tratos também não apresentam diferenças significativas quando segmentadas de acordo com os níveis de escolaridade de seus pais, como pode ser observado na tabela 10.2. Novamente freqüências um pouco superiores de autores de maus tratos são observadas no grupo de alunos cujos pais têm nível superior de escolaridade – alunos que são praticantes de maus tratos representam 33,1% do total deste grupo. Nos grupos compostos pelos demais níveis de escolaridade dos pais, os autores representam de 25,0% a 28,8% do total de alunos de cada grupo.

Escolaridade do pai	Freqüência dos maus tratos praticados		
Não sabe ler nem escrever	Não maltratei	139	73,2%
	1 ou 2 vezes	30	15,8%
	De 3 a 6 vezes	4	2,1%
	Uma vez por semana	5	2,6%
	Várias vezes por semana	5	2,6%
	Todos os dias	5	2,6%
	Em branco	2	1,1%
	<b>Total geral</b>	<b>190</b>	<b>100,0%</b>
Sabe ler e escrever sem grau de escolaridade	Não maltratei	475	72,7%
	1 ou 2 vezes	114	17,5%
	De 3 a 6 vezes	17	2,6%
	Uma vez por semana	10	1,5%

	Várias vezes por semana	6	0,9%
	Todos os dias	16	2,5%
	Em branco	15	2,3%
	<b>Total geral</b>	<b>653</b>	<b>100,0%</b>
<b>Fundamental I</b>	<b>Não maltratei</b>	<b>486</b>	<b>70,8%</b>
	<b>1 ou 2 vezes</b>	<b>135</b>	<b>19,7%</b>
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	<b>21</b>	<b>3,1%</b>
	<b>Uma vez por semana</b>	<b>12</b>	<b>1,7%</b>
	<b>Várias vezes por semana</b>	<b>12</b>	<b>1,7%</b>
	<b>Todos os dias</b>	<b>14</b>	<b>2,0%</b>
	<b>Em branco</b>	<b>6</b>	<b>0,9%</b>
	<b>Total geral</b>	<b>686</b>	<b>100,0%</b>
	<b>Fundamental II</b>	<b>Não maltratei</b>	<b>566</b>
<b>1 ou 2 vezes</b>		<b>151</b>	<b>18,8%</b>
<b>De 3 a 6 vezes</b>		<b>35</b>	<b>4,4%</b>
<b>Uma vez por semana</b>		<b>13</b>	<b>1,6%</b>
<b>Várias vezes por semana</b>		<b>10</b>	<b>1,2%</b>
<b>Todos os dias</b>		<b>18</b>	<b>2,2%</b>
<b>Em branco</b>		<b>11</b>	<b>1,4%</b>



Escolaridade do pai	Frequência dos maus tratos praticados		
	<b>Total geral</b>	804	100,0%
<b>Ensino Médio</b>	<b>Não maltratei</b>	875	70,0%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	219	17,5%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	56	4,5%
	<b>Uma vez por semana</b>	13	1,0%
	<b>Várias vezes por semana</b>	28	2,2%
	<b>Todos os dias</b>	44	3,5%
	<b>Em branco</b>	15	1,2%
	<b>Total geral</b>	1250	100,0%
<b>Ensino Superior</b>	<b>Não maltratei</b>	878	65,5%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	292	21,8%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	57	4,3%
	<b>Uma vez por semana</b>	27	2,0%
	<b>Várias vezes por semana</b>	33	2,5%
	<b>Todos os dias</b>	35	2,6%
	<b>Em branco</b>	18	1,3%
	<b>Total geral</b>	1340	100,0%

<b>Em branco</b>	<b>Não maltratei</b>	170	69,4%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	48	19,6%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	4	1,6%
	<b>Uma vez por semana</b>	1	0,4%
	<b>Várias vezes por semana</b>	6	2,4%
	<b>Todos os dias</b>	7	2,9%
	<b>Em branco</b>	9	3,7%
	<b>Total geral</b>	245	100,0%

*Tabela 10.2. Escolaridade dos pais dos agressores*

As ações tomadas pelas escolas frente a situações de maus tratos entre alunos não apresentam variações de freqüências significativas frente à escolaridade dos pais dos alunos pesquisados. Como pode ser observado na tabela 10.3, “chamar os pais ou responsáveis” é a principal ação tomada pelas escolas, independentemente do grau de escolaridade dos pais dos alunos, variando entre 40,6% e 43,6% dos casos. A punição dos autores de maus tratos é ligeiramente mais freqüente entre alunos cujos pais têm ensino médio e ensino superior (21,8% e 23,2% dos casos, respectivamente), quando comparados com o grupo de alunos cujos pais são analfabetos ou semi-analfabetos (15,2% e 14,6% dos casos, respectivamente).

Ação da escola	Escolaridade do pai						
	Não sabe ler nem escrever	Sabe ler e escrever sem grau de escolaridade	Fundamental I	Fundamental II	Ensino Médio	Ensino Superior	Em branco
Não sei dizer.	16,4%	13,1%	11,9%	12,1%	11,8%	13,4%	10,0%
Chama os pais/responsáveis e conta o que aconteceu.	43,2%	43,6%	43,0%	42,3%	42,7%	40,6%	42,9%
Pune os autores dos maus-tratos.	15,2%	14,6%	19,4%	20,2%	21,8%	23,2%	23,4%
Comunica à polícia.	0,8%	3,6%	4,2%	4,1%	3,2%	1,9%	3,1%
Comunica ao Conselho Tutelar.	8,0%	6,3%	7,6%	6,7%	5,5%	3,1%	6,6%
Comunica a outras autoridades.	1,2%	1,1%	1,1%	0,7%	0,8%	0,8%	0,6%
Ignora, pois é coisa sem importância.	5,6%	4,2%	3,2%	3,7%	4,1%	4,2%	2,6%
Responsabiliza os pais pelo mau comportamento	7,2%	7,7%	4,9%	5,4%	4,6%	5,5%	4,3%

dos filhos.							
Faz um trabalho de prevenção da violência.	1,2%	4,1%	2,3%	2,6%	3,0%	3,9%	4,6%
Outros	1,2%	1,8%	2,5%	2,1%	2,6%	3,4%	2,0%
<b>Total</b>	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 10.3. Medidas que as escolas tomam por escolaridade dos pais dos alunos

## 10.2 Arranjos Familiares

As distribuições de freqüências de vítimas de maus tratos não apresentam diferenças significativas quando segmentadas de acordo com o estado civil de seus pais, como pode ser observado na tabela 10.4. As menores freqüências - 25,6% - estão presentes no grupo composto por alunos cujos pais são viúvos e as maiores - 28,7% - no grupo composto por alunos cujos pais são separados.

Estado civil dos pais	Freqüência dos maus tratos sofridos		
<b>Casados / Moram juntos</b>	Não fui maltratado	2110	71,2%
	Fui 1 ou 2 vezes	540	18,2%
	Fui de 3 a 6 vezes	115	3,9%

Estado civil dos pais	Frequência dos maus tratos sofridos		
	1 vez por sem	40	1,3%
	Várias vezes por sem	82	2,8%
	Todos os dias	47	1,6%
	Em branco	30	1,0%
	Total geral	2964	100,0%
<b>Divorciados / Separados</b>	Não fui maltratado	1006	70,0%
	Fui 1 ou 2 vezes	264	18,4%
	Fui de 3 a 6 vezes	58	4,0%
	1 vez por sem	22	1,5%
	Várias vezes por sem	42	2,9%
	Todos os dias	26	1,8%
	Em branco	20	1,4%
	Total geral	1438	100,0%
<b>Viúvo(a)</b>	Não fui maltratado	193	73,7%
	Fui 1 ou 2 vezes	44	16,8%
	Fui de 3 a 6 vezes	8	3,1%
	1 vez por sem	3	1,1%
	Várias vezes por sem	6	2,3%

	Todos os dias	6	2,3%
	Em branco	2	0,8%
	Total geral	262	100,0%
<b>Solteiros</b>	Não fui maltratado	295	72,0%
	Fui 1 ou 2 vezes	72	17,6%
	Fui de 3 a 6 vezes	16	3,9%
	1 vez por sem	5	1,2%
	Várias vezes por sem	5	1,2%
	Todos os dias	10	2,4%
	Em branco	7	1,7%
	Total geral	410	100,0%
<b>Em branco</b>	Não fui maltratado	62	66,0%
	Fui 1 ou 2 vezes	20	21,3%
	Fui de 3 a 6 vezes	1	1,1%
	1 vez por sem	1	1,1%
	Várias vezes por sem	5	5,3%
	Todos os dias	1	1,1%
	Em branco	4	4,3%
	Total geral	94	100,0%



Tabela 10.4. Situação civil dos pais das vítimas de maus-tratos

As distribuições de frequências de praticantes de maus tratos também não apresentam diferenças significativas quando segmentadas de acordo com o estado civil de seus pais, como pode

ser observado na tabela 10.5. As menores freqüências - 26,7% - estão presentes no grupo composto por alunos cujos pais são viúvos e as maiores – 30% - no grupo composto por alunos cujos pais são separados.

Estado civil dos pais	Freqüência dos maus tratos praticados		
<b>Casados / Moram juntos</b>	Não maltratei	2058	69,4%
	1 ou 2 vezes	567	19,1%
	De 3 a 6 vezes	113	3,8%
	Uma vez por semana	51	1,7%
	Várias vezes por semana	57	1,9%
	Todos os dias	72	2,4%
	Em branco	46	1,6%
	Total geral	2964	100,0%
<b>Divorciados / Separados</b>	Não maltratei	985	68,5%
	1 ou 2 vezes	273	19,0%
	De 3 a 6 vezes	54	3,8%
	Uma vez por semana	21	1,5%
	Várias vezes por semana	32	2,2%
	Todos os dias	51	3,5%
	Em branco	22	1,5%

	Total geral	1438	100,0%
<b>Viúvo(a)</b>	Não maltratei	191	72,9%
	1 ou 2 vezes	50	19,1%
	De 3 a 6 vezes	10	3,8%
	Uma vez por semana	5	1,9%
	Várias vezes por semana	2	0,8%
	Todos os dias	3	1,1%
	Em branco	1	0,4%
	Total geral	262	100,0%
<b>Solteiros</b>	Não maltratei	286	69,8%
	1 ou 2 vezes	83	20,2%
	De 3 a 6 vezes	14	3,4%
	Uma vez por semana	4	1,0%
	Várias vezes por semana	7	1,7%
	Todos os dias	12	2,9%
	Em branco	4	1,0%
	Total geral	410	100,0%
<b>Em branco</b>	Não maltratei	69	73,4%
	1 ou 2 vezes	16	17,0%

	De 3 a 6 vezes	3	3,2%
	Uma vez por semana	0	0,0%

Estado civil dos pais	Frequência dos maus tratos praticados		
	Várias vezes por semana	2	2,1%
	Todos os dias	1	1,1%
	Em branco	3	3,2%
	Total geral	94	100,0%

Tabela 10.5. Situação civil dos pais dos agressores

As distribuições de frequências de vítimas de maus tratos não apresentam diferenças significativas quando segmentadas de acordo com os diversos formatos de grupos familiares com quem moram, como pode ser observado na tabela 10.6. As menores frequências - 20,5% - estão presentes no grupo composto por alunos cujos que moram apenas com o pai, mas é importante ressaltar que este grupo é composto por apenas 29 alunos. As maiores frequências – 33,7% - são observadas no grupo composto por alunos que moram com mãe, padrasto e irmão(s).

Com quem mora	Frequência dos maus tratos sofridos		
Com os pais	Não fui maltratado	670	73,6%
	Fui 1 ou 2 vezes	155	17,0%
	Fui de 3 a 6 vezes	25	2,7%
	1 vez por sem	12	1,3%
	Várias vezes por sem	24	2,6%
	Todos os dias	13	1,4%

	Em branco	11	1,2%
	Total geral	910	100,0%
<b>Com pais e irmão(s)</b>	Não fui maltratado	1562	70,3%
	Fui 1 ou 2 vezes	414	18,6%
	Fui de 3 a 6 vezes	96	4,3%
	1 vez por sem	27	1,2%
	Várias vezes por sem	65	2,9%
	Todos os dias	38	1,7%
	Em branco	19	0,9%
	Total geral	2221	100,0%
<b>Só com a mãe</b>	Não fui maltratado	597	72,0%
	Fui 1 ou 2 vezes	143	17,2%
	Fui de 3 a 6 vezes	31	3,7%
	1 vez por sem	17	2,1%
	Várias vezes por sem	15	1,8%
	Todos os dias	16	1,9%
	Em branco	10	1,2%
	Total geral	829	100,0%
<b>Só com o pai</b>	Não fui maltratado	30	76,9%



<b>Com quem mora</b>	<b>Freqüência dos maus tratos sofridos</b>		
	Fui 1 ou 2 vezes	7	17,9%
	Fui de 3 a 6 vezes	0	0,0%
	1 vez por sem	1	2,6%
	Várias vezes por sem	0	0,0%
	Todos os dias	0	0,0%
	Em branco	1	2,6%
	<b>Total geral</b>	<b>39</b>	<b>100,0%</b>
<b>Com mãe e irmão(s)</b>	Não fui maltratado	300	73,0%
	Fui 1 ou 2 vezes	61	14,8%
	Fui de 3 a 6 vezes	16	3,9%
	1 vez por sem	7	1,7%
	Várias vezes por sem	14	3,4%
	Todos os dias	8	1,9%
	Em branco	5	1,2%
	<b>Total geral</b>	<b>411</b>	<b>100,0%</b>
<b>Com pai e irmão(s)</b>	Não fui maltratado	25	67,6%
	Fui 1 ou 2 vezes	8	21,6%
	Fui de 3 a 6 vezes	0	0,0%

	1 vez por sem	0	0,0%
	Várias vezes por sem	3	8,1%
	Todos os dias	0	0,0%
	Em branco	1	2,7%
	Total geral	37	100,0%
<b>Com avô e/ou avó</b>	Não fui maltratado	93	70,5%
	Fui 1 ou 2 vezes	24	18,2%
	Fui de 3 a 6 vezes	7	5,3%
	1 vez por sem	0	0,0%
	Várias vezes por sem	4	3,0%
	Todos os dias	3	2,3%
	Em branco	1	0,8%
	Total geral	132	100,0%
<b>Com avô e/ou avó e irmão(s)</b>	Não fui maltratado	40	70,2%
	Fui 1 ou 2 vezes	11	19,3%
	Fui de 3 a 6 vezes	3	5,3%
	1 vez por sem	0	0,0%
	Várias vezes por sem	1	1,8%
	Todos os dias	2	3,5%

	Em branco	0	0,0%
	Total geral	57	100,0%
<b>Com mãe e padrasto</b>	Não fui maltratado	45	70,3%
	Fui 1 ou 2 vezes	13	20,3%

Com quem mora	Frequência dos maus tratos sofridos		
	Fui de 3 a 6 vezes	1	1,6%
	1 vez por sem	2	3,1%
	Várias vezes por sem	3	4,7%
	Todos os dias	0	0,0%
	Em branco	0	0,0%
	Total geral	64	100,0%
<b>Com mãe, padrasto e irmão(s)</b>	Não fui maltratado	121	64,7%
	Fui 1 ou 2 vezes	47	25,1%
	Fui de 3 a 6 vezes	6	3,2%
	1 vez por sem	2	1,1%
	Várias vezes por sem	4	2,1%
	Todos os dias	4	2,1%
	Em branco	3	1,6%
	Total geral	187	100,0%
<b>Com pai e madrasta</b>	Não fui maltratado	14	66,7%
	Fui 1 ou 2 vezes	6	28,6%
	Fui de 3 a 6 vezes	0	0,0%
	1 vez por sem	0	0,0%

	Várias vezes por sem	0	0,0%
	Todos os dias	0	0,0%
	Em branco	1	4,8%
	Total geral	21	100,0%
<b>Com pai, madrasta e irmão(s)</b>	Não fui maltratado	24	64,9%
	Fui 1 ou 2 vezes	8	21,6%
	Fui de 3 a 6 vezes	2	5,4%
	1 vez por sem	1	2,7%
	Várias vezes por sem	0	0,0%
	Todos os dias	1	2,7%
	Em branco	1	2,7%
	Total geral	37	100,0%
<b>Com um(a) tio(a)</b>	Não fui maltratado	30	73,2%
	Fui 1 ou 2 vezes	6	14,6%
	Fui de 3 a 6 vezes	2	4,9%
	1 vez por sem	1	2,4%
	Várias vezes por sem	0	0,0%
	Todos os dias	2	4,9%
	Em branco	0	0,0%

	Total geral	41	100,0%
<b>Com um(a) tio(a) e irmão(s)</b>	Não fui maltratado	5	71,4%
	Fui 1 ou 2 vezes	1	14,3%
	Fui de 3 a 6 vezes	0	0,0%

Com quem mora	Frequência dos maus tratos sofridos		
		1 vez por sem	0
	Várias vezes por sem	1	14,3%
	Todos os dias	0	0,0%
	Em branco	0	0,0%
	Total geral	7	100,0%
<b>Outros</b>	Não fui maltratado	74	69,8%
	Fui 1 ou 2 vezes	21	19,8%
	Fui de 3 a 6 vezes	4	3,8%
	1 vez por sem	1	0,9%
	Várias vezes por sem	3	2,8%
	Todos os dias	2	1,9%
	Em branco	1	0,9%
	Total geral	106	100,0%
<b>Em branco</b>	Não fui maltratado	36	52,2%
	Fui 1 ou 2 vezes	15	21,7%
	Fui de 3 a 6 vezes	5	7,2%
	1 vez por sem	0	0,0%
	Várias vezes por sem	3	4,3%

	Todos os dias	1	1,4%
	Em branco	9	13,0%
	Total geral	69	100,0%

Tabela 10.6. Com quem moram as vítimas de maus tratos

As distribuições de freqüências de praticantes de maus tratos também não apresentam diferenças significativas quando segmentadas de acordo com os diversos formatos de grupos familiares com quem moram, como pode ser observado na tabela 10.7. As menores freqüências – 23,5% - estão presentes no grupo composto por alunos que moram com avô e/ou avó e as maiores – 38,6% - no grupo composto por alunos que moram com avô e/ou avó e irmão(s), mas é importante observar que este grupo é composto por apenas 57 alunos.

Com quem mora	Freqüência dos maus tratos praticados		
<b>Com os pais</b>	<b>Não maltratei</b>	663	72,9%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	158	17,4%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	21	2,3%
	<b>Uma vez por semana</b>	18	2,0%
	<b>Várias vezes por semana</b>	16	1,8%
	<b>Todos os dias</b>	17	1,9%
	<b>Em branco</b>	17	1,9%



Com quem mora	Frequência dos maus tratos praticados		
	<b>Total geral</b>	910	100,0%
<b>Com pais e irmão(s)</b>	<b>Não maltratei</b>	1505	67,8%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	448	20,2%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	96	4,3%
	<b>Uma vez por semana</b>	35	1,6%
	<b>Várias vezes por semana</b>	43	1,9%
	<b>Todos os dias</b>	64	2,9%
	<b>Em branco</b>	30	1,4%
	<b>Total geral</b>	2221	100,0%
<b>Só com a mãe</b>	<b>Não maltratei</b>	568	68,5%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	154	18,6%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	36	4,3%
	<b>Uma vez por semana</b>	13	1,6%
	<b>Várias vezes por semana</b>	16	1,9%
	<b>Todos os dias</b>	28	3,4%
	<b>Em branco</b>	14	1,7%
	<b>Total geral</b>	829	100,0%

<b>Só com o pai</b>	<b>Não maltratei</b>	26	66,7%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	8	20,5%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	2	5,1%
	<b>Uma vez por semana</b>	0	0,0%
	<b>Várias vezes por semana</b>	1	2,6%
	<b>Todos os dias</b>	2	5,1%
	<b>Em branco</b>	0	0,0%
	<b>Total geral</b>	39	100,0%
<b>Com mãe e irmão(s)</b>	<b>Não maltratei</b>	299	72,7%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	65	15,8%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	18	4,4%
	<b>Uma vez por semana</b>	5	1,2%
	<b>Várias vezes por semana</b>	8	1,9%
	<b>Todos os dias</b>	8	1,9%
	<b>Em branco</b>	8	1,9%
	<b>Total geral</b>	411	100,0%
<b>Com pai e irmão(s)</b>	<b>Não maltratei</b>	27	73,0%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	6	16,2%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	1	2,7%

	<b>Uma vez por semana</b>	2	5,4%
	<b>Várias vezes por semana</b>	1	2,7%
	<b>Todos os dias</b>	0	0,0%

Com quem mora	Frequência dos maus tratos praticados		
	Em branco	0	0,0%
	Total geral	37	100,0%
Com avô e/ou avó	Não maltratei	101	76,5%
	1 ou 2 vezes	23	17,4%
	De 3 a 6 vezes	1	0,8%
	Uma vez por semana	3	2,3%
	Várias vezes por semana	2	1,5%
	Todos os dias	2	1,5%
	Em branco	0	0,0%
	Total geral	132	100,0%
Com avô e/ou avó e irmão(s)	Não maltratei	34	59,6%
	1 ou 2 vezes	14	24,6%
	De 3 a 6 vezes	0	0,0%
	Uma vez por semana	2	3,5%
	Várias vezes por semana	2	3,5%
	Todos os dias	4	7,0%
	Em branco	1	1,8%

	<b>Total geral</b>	57	100,0%
<b>Com mãe e padrasto</b>	<b>Não maltratei</b>	44	68,8%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	13	20,3%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	1	1,6%
	<b>Uma vez por semana</b>	1	1,6%
	<b>Várias vezes por semana</b>	2	3,1%
	<b>Todos os dias</b>	3	4,7%
	<b>Em branco</b>	0	0,0%
	<b>Total geral</b>	64	100,0%
<b>Com mãe, padrasto e irmão(s)</b>	<b>Não maltratei</b>	131	70,1%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	42	22,5%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	5	2,7%
	<b>Uma vez por semana</b>	1	0,5%
	<b>Várias vezes por semana</b>	3	1,6%
	<b>Todos os dias</b>	5	2,7%
	<b>Em branco</b>	0	0,0%
	<b>Total geral</b>	187	100,0%
<b>Com pai e madrasta</b>	<b>Não maltratei</b>	12	57,1%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	7	33,3%

	<b>De 3 a 6 vezes</b>	0	0,0%
	<b>Uma vez por semana</b>	1	4,8%
	<b>Várias vezes por semana</b>	0	0,0%

Com quem mora	Frequência dos maus tratos praticados		
	Todos os dias	0	0,0%
	Em branco	1	4,8%
	<b>Total geral</b>	<b>21</b>	<b>100,0%</b>
<b>Com pai, madrasta e irmão(s)</b>	<b>Não maltratei</b>	<b>24</b>	<b>64,9%</b>
	<b>1 ou 2 vezes</b>	<b>10</b>	<b>27,0%</b>
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	<b>0</b>	<b>0,0%</b>
	<b>Uma vez por semana</b>	<b>0</b>	<b>0,0%</b>
	<b>Várias vezes por semana</b>	<b>2</b>	<b>5,4%</b>
	<b>Todos os dias</b>	<b>0</b>	<b>0,0%</b>
	<b>Em branco</b>	<b>1</b>	<b>2,7%</b>
	<b>Total geral</b>	<b>37</b>	<b>100,0%</b>
<b>Com um(a) tio(a)</b>	<b>Não maltratei</b>	<b>28</b>	<b>68,3%</b>
	<b>1 ou 2 vezes</b>	<b>9</b>	<b>22,0%</b>
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	<b>1</b>	<b>2,4%</b>
	<b>Uma vez por semana</b>	<b>0</b>	<b>0,0%</b>
	<b>Várias vezes por semana</b>	<b>0</b>	<b>0,0%</b>
	<b>Todos os dias</b>	<b>2</b>	<b>4,9%</b>

	<b>Em branco</b>	1	2,4%
	<b>Total geral</b>	41	100,0%
<b>Com um(a) tio(a) e irmão(s)</b>	<b>Não maltratei</b>	5	71,4%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	2	28,6%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	0	0,0%
	<b>Uma vez por semana</b>	0	0,0%
	<b>Várias vezes por semana</b>	0	0,0%
	<b>Todos os dias</b>	0	0,0%
	<b>Em branco</b>	0	0,0%
	<b>Total geral</b>	7	100,0%
<b>Outros</b>	<b>Não maltratei</b>	74	69,8%
	<b>1 ou 2 vezes</b>	20	18,9%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	8	7,5%
	<b>Uma vez por semana</b>	0	0,0%
	<b>Várias vezes por semana</b>	2	1,9%
	<b>Todos os dias</b>	2	1,9%
	<b>Em branco</b>	0	0,0%
	<b>Total geral</b>	106	100,0%
<b>Em branco</b>	<b>Não maltratei</b>	48	69,6%

	<b>1 ou 2 vezes</b>	10	14,5%
	<b>De 3 a 6 vezes</b>	4	5,8%
	<b>Uma vez por semana</b>	0	0,0%

Com quem mora	Frequência dos maus tratos praticados		
	Várias vezes por semana	2	2,9%
	Todos os dias	2	2,9%
	Em branco	3	4,3%
	<b>Total geral</b>	69	100,0%

Tabela 10.7. Com quem moram os praticantes de maus tratos

### 10.3 Acesso a meios de comunicação

As vítimas de maus tratos entre colegas que residem nas regiões sudeste e centro-oeste acessam habitualmente a internet com frequências superiores às vítimas das demais regiões, como pode ser observado na tabela 10.8. Embora em poucos casos as vítimas pesquisadas não tenham qualquer acesso a internet, independentemente da região onde moram, aquelas da região nordeste são as que apresentam menores frequências de acesso habitual (“sempre”) à rede virtual.

Região	Frequência de acesso a meios de comunicação	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
Centro-Oeste	Nunca	0,3%	2,7%	7,5%	5,8%	1,1%
	Às vezes	6,7%	14,2%	12,3%	12,4%	6,7%
	Sempre	14,4%	4,3%	1,6%	3,1%	13,3%
	Em branco	0,3%	0,5%	0,3%	0,4%	0,5%

<b>Nordeste</b>	<b>Nunca</b>	0,3%	1,0%	3,5%	2,0%	1,2%
	<b>Às vezes</b>	5,2%	8,5%	8,2%	9,7%	5,6%
	<b>Sempre</b>	9,2%	4,0%	1,9%	2,4%	6,9%
	<b>Em branco</b>	0,4%	1,6%	1,5%	1,0%	1,5%
<b>Norte</b>	<b>Nunca</b>	0,1%	1,3%	3,2%	2,7%	0,6%
	<b>Às vezes</b>	4,4%	9,9%	8,5%	8,3%	4,4%
	<b>Sempre</b>	9,5%	2,8%	2,2%	3,1%	8,8%
	<b>Em branco</b>	0,5%	0,5%	0,7%	0,4%	0,8%
<b>Sudeste</b>	<b>Nunca</b>	0,3%	2,8%	13,8%	10,4%	2,0%
	<b>Às vezes</b>	8,8%	19,1%	16,7%	18,1%	10,4%
	<b>Sempre</b>	24,0%	11,0%	1,8%	4,4%	19,9%
	<b>Em branco</b>	0,4%	0,6%	1,2%	0,6%	1,3%
<b>Sul</b>	<b>Nunca</b>	0,3%	1,5%	3,9%	2,8%	0,5%
	<b>Às vezes</b>	5,0%	9,3%	8,9%	9,0%	4,4%
	<b>Sempre</b>	9,7%	4,1%	2,1%	3,1%	9,5%
	<b>Em branco</b>	0,1%	0,2%	0,2%	0,1%	0,7%
<b>Total vítimas</b>		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

*Tabela 10.8. Vítimas de maus tratos: frequência de acesso a meios de comunicação*

Os alunos praticantes de maus tratos das regiões sudeste e centro-oeste também acessam habitualmente a internet com frequências superiores às vítimas das demais regiões, como pode ser observado na tabela 10.9. E novamente, embora em poucos casos as vítimas pesquisadas não tenham qualquer acesso a internet, independentemente da região onde moram, aquelas da região nordeste são as que apresentam menores frequências de acesso habitual (sempre) à rede virtual.

Região	Frequência de acesso a meios de comunicação	Assiste TV	Ouve Rádio	Lê jornal	Lê Revista	Acessa Internet
Centro-Oeste	Nunca	0,2%	2,5%	8,0%	6,2%	0,7%
	Às vezes	5,9%	14,2%	12,4%	13,0%	5,9%
	Sempre	15,8%	5,1%	1,4%	2,5%	14,6%
	Em branco	0,2%	0,2%	0,3%	0,3%	0,8%
Nordeste	Nunca	0,3%	1,3%	3,6%	2,5%	1,3%
	Às vezes	4,9%	8,2%	8,0%	8,7%	5,5%
	Sempre	8,8%	3,6%	1,4%	2,2%	6,4%
	Em branco	0,1%	1,1%	1,2%	0,8%	1,0%
Norte	Nunca	0,1%	1,4%	3,6%	3,2%	0,3%
	Às vezes	4,7%	11,4%	11,0%	10,0%	3,8%
	Sempre	11,5%	3,7%	1,9%	3,3%	11,8%
	Em branco	0,7%	0,5%	0,4%	0,5%	1,1%

<b>Sudeste</b>	<b>Nunca</b>	0,3%	2,1%	13,2%	8,4%	0,8%
	<b>Às vezes</b>	6,6%	16,8%	14,8%	16,9%	9,6%
	<b>Sempre</b>	22,2%	10,4%	0,9%	3,8%	18,2%
	<b>Em branco</b>	0,5%	0,3%	0,7%	0,5%	1,1%
<b>Sul</b>	<b>Nunca</b>	0,1%	1,4%	4,7%	4,1%	0,3%
	<b>Às vezes</b>	6,5%	9,6%	9,9%	9,2%	5,7%
	<b>Sempre</b>	10,5%	5,9%	2,5%	3,7%	10,4%
	<b>Em branco</b>	0,1%	0,3%	0,1%	0,1%	0,9%
<b>Total Agressores</b>		100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

*Tabela 10.9. Praticantes de maus tratos: frequência de acesso a meios de comunicação*

Tanto os alunos que sofrem quanto aqueles que praticam maus tratos têm o hábito de acessar a internet freqüentemente, como pode ser observado nas tabelas 10.10 e 10.11. Eles reproduzem a tendência geral da amostra pesquisada, caracterizada por um percentual de 56,2% de alunos que acessam a internet habitualmente (sempre):

Acesso a Internet	Total	Percentual
Nunca	77	5,1%
Às vezes	453	30,1%
Sempre	841	55,9%
Em branco	68	4,5%
<b>Total geral</b>	<b>1439</b>	<b>95,6%</b>

Tabela 10.10. Vítimas de maus tratos: frequência de acesso a internet

Acesso a Internet	Total	Percentual
Nunca	49	3,3%
Às vezes	458	30,5%
Sempre	924	61,5%
Em branco	72	4,8%
<b>Total geral</b>	<b>1503</b>	<b>100,0%</b>

Tabela 10.11. Praticantes de maus tratos: frequência de acesso a internet

## 10.4 Ambiente Escolar

---

Os alunos pesquisados apresentam freqüências semelhantes de isolamento ou de pertencimento a um grupo de amigos na escola, independentemente da região onde se localizam, como pode ser observado na tabela 10.12:

	Região									
	Centro Oeste		Nordeste		Norte		Sudeste		Sul	
Total de bons amigos	Qt. de alunos	%								
Não tem	79	8,10%	76	7,36%	75	7,58%	70	5,70%	58	6,16%
Tem um	81	8,31%	106	10,26%	113	11,41%	131	10,67%	71	7,54%
Dois ou três	213	21,85%	222	21,49%	236	23,84%	269	21,91%	193	20,49%
Quatro ou cinco	158	16,21%	130	12,58%	131	13,23%	209	17,02%	157	16,67%
Mais de cinco	440	45,13%	483	46,76%	428	43,23%	541	44,06%	457	48,51%
Em branco	4	0,41%	16	1,55%	7	0,71%	8	0,65%	6	0,64%
<b>Total</b>	<b>975</b>	<b>100,0%</b>	<b>1033</b>	<b>100,0%</b>	<b>990</b>	<b>100,0%</b>	<b>1228</b>	<b>100,0%</b>	<b>942</b>	<b>100,0%</b>

Tabela 10.12. Quantidade de bons amigos na escola por região

Segmentando-se as vítimas de maus tratos entre colegas, as freqüências de isolamento ou de pertencimento a um grupo de amigos na escola também são semelhantes, independentemente da região onde residem, como apresentado na tabela 10.13. Uma exceção é observada no caso das

vítimas que residem em São Paulo: 13,2% das mesmas dizem ter mais de 5 bons amigos na escola, enquanto nas demais regiões esse percentual gira em torno de 6% a 8%.

Região	Total de bons amigos	Qt. de alunos	Percentual
Centro Oeste	Não tem	32	2,2%
	Tem um	29	2,0%
	Dois ou três	80	5,6%
	Quatro ou cinco	50	3,5%
	Mais de cinco	120	8,3%
	Em branco	1	0,1%
Nordeste	Não tem	20	1,4%
	Tem um	22	1,5%
	Dois ou três	48	3,3%
	Quatro ou cinco	34	2,4%
	Mais de cinco	89	6,2%
	Em branco	5	0,3%
Norte	Não tem	12	0,8%
	Tem um	26	1,8%
	Dois ou três	53	3,7%

	<b>Quatro ou cinco</b>	32	2,2%
	<b>Mais de cinco</b>	85	5,9%
	<b>Em branco</b>	1	0,1%
<b>Sudeste</b>	<b>Não tem</b>	33	2,3%
	<b>Tem um</b>	58	4,0%
	<b>Dois ou três</b>	126	8,8%
	<b>Quatro ou cinco</b>	72	5,0%
	<b>Mais de cinco</b>	190	13,2%
	<b>Em branco</b>	4	0,3%
<b>Sul</b>	<b>Não tem</b>	16	1,1%
	<b>Tem um</b>	27	1,9%
	<b>Dois ou três</b>	47	3,3%
	<b>Quatro ou cinco</b>	40	2,8%
	<b>Mais de cinco</b>	87	6,0%
	<b>Em branco</b>	0	0,0%

*Tabela 10.13. Vítimas de maus tratos: quantidade de bons amigos na escola por região*

Os alunos que praticam maus tratos também apresentam freqüências semelhantes de isolamento ou de pertencimento a um grupo de amigos na escola, independentemente da região onde residem, como apresentado na tabela 10.14.



Região	Total de bons amigos	Qt. de alunos	Percentual	
Centro	Não tem	31	2,1%	
	Oeste	Tem um	33	2,2%
		Dois ou três	75	5,0%
		Quatro ou cinco	48	3,2%
		Mais de cinco	144	9,6%
		Em branco	0	0,0%
Nordeste	Não tem	12	0,8%	
	Tem um	13	0,9%	
	Dois ou três	37	2,5%	
	Quatro ou cinco	29	1,9%	
	Mais de cinco	119	7,9%	
	Em branco	3	0,2%	
Norte	Não tem	23	1,5%	
	Tem um	22	1,5%	
	Dois ou três	61	4,1%	
	Quatro ou cinco	33	2,2%	

	<b>Mais de cinco</b>	115	7,7%
	<b>Em branco</b>	1	0,1%
<b>Sudeste</b>	<b>Não tem</b>	23	1,5%
	<b>Tem um</b>	47	3,1%
	<b>Dois ou três</b>	95	6,3%
	<b>Quatro ou cinco</b>	72	4,8%
	<b>Mais de cinco</b>	206	13,7%
	<b>Em branco</b>	2	0,1%
	<b>Sul</b>	<b>Não tem</b>	19
<b>Tem um</b>		25	1,7%
<b>Dois ou três</b>		54	3,6%
<b>Quatro ou cinco</b>		44	2,9%
<b>Mais de cinco</b>		117	7,8%
<b>Em branco</b>		0	0,0%

*Tabela 10.14. Praticantes de maus tratos: quantidade de bons amigos na escola por região*

Os alunos pesquisados que residem na região sudeste apresentam freqüências levemente superiores para os sentimentos de solidão, medo e exclusão na escola, quando comparados aos alunos pesquisados nas demais regiões do País. Tanto são os que apresentam esses sentimentos com freqüências superiores às dos alunos de outras regiões do País, como são os que apresentam maiores freqüências para a inexistência desses sentimentos. As freqüências de sentimentos de solidão, medo



e exclusão na escola não apresentam diferenças significativas entre as demais regiões pesquisadas,

como pode ser observado na tabela 10.15:

Como se sente na escola											
Região	Freq.	Sozinho	Com medo	Maltratado	Humilhado	Angustiado	Excluído	Bem	Acolhido	Amado	Seguro
Centro e Oeste	Nunca	10,4%	11,4%	13,0%	12,8%	9,6%	11,3%	1,1%	2,4%	2,0%	2,5%
	Às Vezes	7,7%	6,8%	5,3%	5,7%	8,6%	6,6%	7,4%	8,3%	7,8%	8,1%
	Sempre	0,7%	0,7%	0,6%	0,5%	0,8%	1,0%	10,5%	8,2%	9,1%	8,4%
	Em branco	0,3%	0,2%	0,3%	0,2%	0,2%	0,2%	0,2%	0,3%	0,2%	0,2%
Nordeste	Nunca	11,2%	11,8%	15,0%	14,0%	10,4%	11,3%	1,0%	3,3%	2,1%	2,1%
	Às Vezes	7,8%	7,1%	4,2%	5,2%	8,6%	6,9%	6,9%	8,1%	8,1%	7,7%
	Sempre	0,6%	0,6%	0,3%	0,5%	0,6%	1,4%	11,8%	8,1%	9,3%	9,8%
	Em branco	0,4%	0,5%	0,5%	0,3%	0,4%	0,4%	0,3%	0,5%	0,5%	0,5%
Norte	Nunca	10,8%	11,4%	14,4%	13,5%	9,9%	10,9%	0,9%	3,1%	1,9%	1,9%
	Às Vezes	7,4%	6,7%	4,0%	4,8%	8,3%	6,5%	6,6%	7,8%	7,8%	7,3%
	Sempre	0,6%	0,6%	0,3%	0,5%	0,5%	1,4%	11,3%	7,8%	8,9%	9,4%
	Em branco	0,3%	0,5%	0,4%	0,3%	0,4%	0,4%	0,3%	0,5%	0,4%	0,4%
Sudeste	Nunca	13,3%	13,9%	17,4%	16,2%	12,4%	13,4%	1,2%	3,7%	2,5%	2,5%

	Às Vezes	9,2%	8,4%	5,3%	6,5%	10,1%	8,2%	8,2%	9,8%	9,9%	9,3%
	Sempre	0,7%	0,7%	0,5%	0,6%	0,8%	1,6%	14,0%	9,6%	10,9%	11,4%
	Em branco	0,5%	0,6%	0,5%	0,3%	0,5%	0,5%	0,3%	0,5%	0,5%	0,5%
<b>Sul</b>	Nunca	10,2%	10,8%	13,8%	12,9%	9,3%	10,3%	0,8%	2,9%	1,7%	1,8%
	Às Vezes	7,0%	6,4%	3,7%	4,5%	7,9%	6,2%	6,1%	7,4%	7,4%	6,9%
	Sempre	0,6%	0,5%	0,3%	0,4%	0,5%	1,3%	10,9%	7,4%	8,6%	9,1%
	Em branco	0,3%	0,4%	0,3%	0,2%	0,3%	0,3%	0,2%	0,4%	0,4%	0,4%
<b>TOTAL</b>		100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela 10.15. Como se sentem no ambiente escolar por região

## 10.5 Reprodução da violência

Dentre os alunos pesquisados, 27,8% são vítimas de maus tratos no ambiente escolar e 29,1% são praticantes de maus tratos no ambiente escolar. Cerca de metade desses alunos - 14% - é, ao mesmo tempo, vítima e praticante de maus tratos no ambiente escolar, como pode ser observado na tabela 10.16:

Maus tratos no ambiente escolar	Total Amostra	Percentual
<b>Vítimas</b>	1439	27,84%
<b>Agressores</b>	1503	29,08%
<b>Vítimas e Agressores</b>	724	14,01%

Tabela 10.16. Ocorrência de maus tratos no ambiente escolar

---

95 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

Bullying no ambiente escolar	Total Amostra	Percentual
Vítimas	499	10%
Agressores	514	10%
Vítimas e agressores	133	3%
<b>Total de envolvidos com bullying no ambiente escolar</b>	<b>880</b>	<b>17%</b>

Ao considerar o bullying como o episódio agressivo que ocorre três vezes ou mais no mesmo ano letivo, dentre os alunos pesquisados, 5,44% foram vítimas de bullying e também praticaram maus-tratos ao menos uma vez em 2009. Do total de alunos pesquisados, 2,57% são ao mesmo tempo vítimas e praticantes de bullying. Esses dados são apresentados na tabela 10.17:

Bullying no ambiente escolar	Total Amostra	Percentual
Vítimas de bullying e Praticantes de maus tratos	281	5,44%
Vítimas de bullying e Praticantes de bullying	133	2,57%

*Tabela 10.17. Ocorrência de bullying no ambiente escolar*

Dentre os alunos pesquisados, 16,8% são vítimas de maus tratos no ambiente virtual e 17,7% são praticantes de maus tratos no ambiente virtual. Apenas 3,5% da amostra de alunos é, ao mesmo tempo, vítima e praticante de maus tratos no ambiente virtual. Esse percentual cai para 2,34% da amostra pesquisada quando observado o grupo de alunos que é, ao mesmo tempo, vítima de bullying e praticante de maus-tratos no ambiente virtual. Esses dados são apresentados nas tabelas 10.18 e 10.19:

<b>Maus tratos no ambiente virtual</b>	<b>Total Amostra</b>	<b>Percentual</b>
<b>Vítimas</b>	870	16,83%
<b>Agressores</b>	916	17,72%
<b>Vítimas e Agressores</b>	183	3,54%

*Tabela 10.18. Ocorrência de maus tratos no ambiente virtual*

<b>Bullying no ambiente virtual</b>	<b>Total Amostra</b>	<b>Percentual</b>
<b>Vítimas de bullying e Praticantes de maus tratos</b>	121	2,34%

*Tabela 10.19. Ocorrência de bullying no ambiente virtual*

No ambiente escolar, 17% dos alunos pesquisados estão envolvidos com ocorrências de bullying, seja como vítimas ou como agressores. No ambiente virtual não foi possível identificar a quantidade

de alunos que cometeram ações caracterizadas bullying, ou seja, maus tratos que tenham sido praticados com frequência igual ou superior a 3 vezes no ano de 2009. Entretanto foi possível identificar que 31% dos alunos pesquisados envolveu-se em um ou mais episódios de maus tratos no ambiente virtual ao longo do ano de 2009. Esses dados são apresentados nas tabelas a seguir:

<b>Bullying no ambiente escolar</b>	<b>Total Amostra</b>	<b>Percentual</b>
<b>Vitimas</b>	499	10%
<b>Agressores</b>	514	10%
<b>Vitimas e agressores</b>	133	3%
<b>Total de envolvidos com bullying no ambiente escolar</b>	<b>880</b>	<b>17%</b>

*Tabela 10.20. Envolvimento com bullying no ambiente escolar*

<b>Maus tratos no ambiente virtual</b>	<b>Total Amostra</b>	<b>Percentual</b>
<b>Vitimas</b>	870	17%
<b>Agressores</b>	916	18%
<b>Vitimas e agressores</b>	183	4%
<b>Total de envolvidos com maus tratos no ambiente virtual</b>	<b>1603</b>	<b>31%</b>

*Tabela 10.21. Envolvimento com maus tratos no ambiente virtual*

## 10.6 Maus Tratos no Ambiente Virtual

No ambiente virtual, o envio de e-mails maldosos sobre as vítimas é o tipo de maltrato praticado com maior frequência pelos alunos pesquisados do sexo masculino. Entre as meninas pesquisadas, o uso de ferramentas e de sites relacionamento são as formas de maus tratos mais frequentes no ambiente virtual. Esses dados são detalhados nas tabelas a seguir:

<b>Manifestações de maus tratos</b>	<b>Total Meninos</b>	<b>Percentual</b>
<b>Não fui maltratado</b>	1996	69,77%
<b>Enviaram e-mail falando mal de mim</b>	201	7,03%
<b>Enviaram e-mail me ameaçando</b>	41	1,43%
<b>Falaram mal de mim no MSN, Orkut ou outros sites de relacionamento</b>	137	4,79%
<b>Furtaram minha senha e invadiram meu e-mail</b>	103	3,60%
<b>Fizeram-se passar por mim na Internet</b>	57	1,99%
<b>Tiraram e divulgaram fotografias minhas na Internet, sem o meu consentimento</b>	31	1,08%
<b>Montaram e divulgaram fotografias minhas de forma constrangedora</b>	32	1,12%
<b>Montaram e divulgaram fotografias de minha família de forma constrangedora</b>	9	0,31%
<b>Fizeram vídeos meus e colocaram no You Tube</b>	28	0,98%

Manifestações de maus tratos	Total Meninos	Percentual
Criaram comunidade no Orkut para me humilhar e divulgar minhas fotos ou perfil	33	1,15%
Enviaram vírus com objetivo de me prejudicar	39	1,36%
Recebi mensagem no celular falando mal de mim	20	0,70%
Recebi mensagem no celular me xingando	26	0,91%
Recebi mensagem no celular me ameaçando	19	0,66%
Recebi fotografias minhas no celular e me humilharam	12	0,42%
Outros	77	2,69%
<b>Total</b>	<b>2861</b>	<b>100,00%</b>

Tabela 10.22. Modos de manifestação dos maus tratos pela internet sofridos por meninos

Manifestações de maus tratos	Total Meninas	Percentual
Não fui maltratado	2090	71,80%
Enviaram e-mail falando mal de mim	170	5,84%
Enviaram e-mail me ameaçando	36	1,24%
Falaram mal de mim no MSN, Orkut ou outros sites de relacionamento	193	6,63%
Furtaram minha senha e invadiram meu e-mail	102	3,50%
Fizeram-se passar por mim na Internet	59	2,03%
Tiraram e divulgaram fotografias minhas na Internet, sem o meu consentimento	27	0,93%
Montaram e divulgaram fotografias minhas de forma constrangedora	19	0,65%

<b>Montaram e divulgaram fotografias de minha família de forma constrangedora</b>	1	0,03%
<b>Fizeram vídeos meus e colocaram no You Tube</b>	17	0,58%
<b>Criaram comunidade no Orkut para me humilhar e divulgar minhas fotos ou perfil</b>	14	0,48%
<b>Enviaram vírus com objetivo de me prejudicar</b>	41	1,41%
<b>Recebi mensagem no celular falando mal de mim</b>	14	0,48%
<b>Recebi mensagem no celular me xingando</b>	20	0,69%
<b>Recebi mensagem no celular me ameaçando</b>	12	0,41%
<b>Recebi fotografias minhas no celular e me humilharam</b>	6	0,21%
<b>Outros</b>	90	3,09%
<b>Total</b>	2911	100,00%

*Tabela 10.23. Modos de manifestação dos maus tratos pela internet sofridos por meninas*

Independentemente da idade das vítimas de maus tratos no ambiente virtual, o envio de e-mails maldosos é o tipo de agressão mais freqüente na amostra pesquisada. As demais formas de maus tratos no ambiente virtual também apresentam pouca variação conforme a idade das vítimas, como pode ser observado na tabela a seguir. Pequenas variações destes padrões estão presentes na freqüência um pouco superior do uso de ferramentas e sites de relacionamento por alunos de 11 e 12 anos; na invasão de e-mails pessoais e no ato de passar-se pela vítima, ambos praticados por alunos de 10 anos.

Manifestações de maus tratos	Idade									
	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
<b>Não fui maltratado</b>	73,9%	70,6%	64,3%	73,4%	71,0%	74,5%	74,5%	75,0%	76,2%	80,0%
<b>Enviaram e-mail falando mal de mim</b>	8,7%	6,7%	7,9%	6,4%	5,4%	6,0%	4,3%	7,5%	0,0%	10,0%
<b>Enviaram e-mail me ameaçando</b>	0,0%	1,3%	1,8%	1,4%	1,3%	1,1%	0,7%	0,0%	4,8%	0,0%
<b>Falaram mal de mim no MSN, Orkut ou outros sites de relacionamento</b>	2,2%	6,1%	7,1%	5,4%	5,8%	4,8%	4,0%	5,0%	4,8%	0,0%
<b>Furtaram minha senha e invadiram meu e-mail</b>	6,5%	4,3%	4,5%	2,8%	3,2%	3,6%	3,6%	2,5%	0,0%	0,0%
<b>Fizeram-se passar por mim na Internet</b>	4,3%	1,8%	2,9%	1,3%	2,1%	1,7%	1,4%	2,5%	0,0%	0,0%
<b>Tiraram e divulgaram fotografias minhas na Internet, sem o meu consentimento</b>	0,0%	0,7%	0,9%	1,1%	1,4%	0,4%	0,7%	0,0%	4,8%	0,0%
<b>Montaram e divulgaram fotografias minhas de forma constrangedora</b>	0,0%	0,3%	0,9%	0,8%	1,2%	1,0%	0,4%	2,5%	0,0%	0,0%
<b>Montaram e divulgaram fotografias de minha família de forma constrangedora</b>	0,0%	0,1%	0,2%	0,2%	0,2%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
<b>Fizeram vídeos meus e colocaram no You Tube</b>	0,0%	1,1%	0,3%	0,7%	1,1%	0,4%	1,4%	0,0%	4,8%	0,0%

<b>Criaram comunidade no Orkut para me humilhar e divulgar minhas fotos ou perfil</b>	0,0%	0,6%	0,8%	0,8%	1,1%	0,6%	1,4%	1,3%	0,0%	0,0%
<b>Enviaram vírus com objetivo de me prejudicar</b>	0,0%	0,7%	2,0%	1,2%	1,3%	1,2%	1,4%	2,5%	0,0%	10,0%
<b>Recebi mensagem no celular falando mal de mim</b>	0,0%	0,4%	0,5%	0,5%	0,7%	0,7%	0,7%	0,0%	4,8%	0,0%
<b>Recebi mensagem no celular me xingando</b>	0,0%	0,4%	1,1%	0,3%	0,9%	1,2%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%
<b>Recebi mensagem no celular me ameaçando</b>	0,0%	0,6%	0,5%	0,5%	0,6%	0,4%	1,1%	0,0%	0,0%	0,0%
<b>Recebi fotografias minhas no celular e me humilharam</b>	0,0%	0,3%	0,3%	0,0%	0,5%	0,4%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%
<b>Outros</b>	4,3%	4,0%	3,9%	3,3%	2,1%	1,7%	2,9%	1,3%	0,0%	0,0%
<b>Total</b>	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Tabela 10.24. Modos de manifestação dos maus tratos pela internet sofridos por idade dos alunos

Quando sofrem maus tratos no ambiente virtual, os alunos do sexo masculino pesquisados afirmam não sentir nada ou sentirem-se mal com frequências ligeiramente superiores aos demais sentimentos investigados. As meninas pesquisadas sentem-se mal com frequências também ligeiramente superiores aos demais sentimentos investigados, seguindo-se os sentimentos de tristeza, irritação e mágoa. Esses dados são detalhados nas tabelas 10.25 e 10.26:

Sentimentos	Total Meninos	Percentual
Não fui maltratado(a) no mundo virtual por colega(s) de escola em 2009.	1958	68,32%
Eu não senti nada.	195	6,80%
Foi engraçado.	53	1,85%
Eu me senti bem.	60	2,09%
Eu me senti mal.	148	5,16%
Eu me senti triste.	89	3,11%
Eu me senti magoado(a) / chateado(a).	62	2,16%
Eu fiquei preocupado(a) com o que os outros podiam pensar de mim.	61	2,13%
Eu fiquei com medo.	43	1,50%
Eu me senti irritado(a).	115	4,01%
Eu me senti indefeso(a), ninguém podia me ajudar.	27	0,94%
Eu me senti envergonhado(a).	55	1,92%
<b>Total</b>	<b>2866</b>	<b>100,00%</b>

Tabela 10.25. Sentimentos das vítimas do sexo masculino após maus tratos pela internet

Sentimentos	Total Meninas	Percentual
-------------	---------------	------------

<b>Não fui maltratado(a) no mundo virtual por colega(s) de escola em 2009.</b>	2075	65,23%
<b>Eu não senti nada.</b>	120	3,77%
<b>Foi engraçado.</b>	31	0,97%
<b>Eu me senti bem.</b>	68	2,14%
<b>Eu me senti mal.</b>	191	6,00%
<b>Eu me senti triste.</b>	153	4,81%
<b>Eu me senti magoado(a) / chateado(a).</b>	136	4,28%
<b>Eu fiquei preocupado(a) com o que os outros podiam pensar de mim.</b>	94	2,96%
<b>Eu fiquei com medo.</b>	59	1,85%
<b>Eu me senti irritado(a).</b>	148	4,65%
<b>Eu me senti indefeso(a), ninguém podia me ajudar.</b>	38	1,19%
<b>Eu me senti envergonhado(a).</b>	68	2,14%
<b>Total</b>	<b>3181</b>	<b>100,00%</b>

*Tabela 10.26. Sentimentos das vítimas do sexo feminino após maus tratos pela internet*

Os alunos pesquisados que são do sexo masculino e praticam maus tratos no ambiente virtual também afirmam não sentir nada com frequência superior aos demais sentimentos investigados. As meninas pesquisadas afirmam não sentir nada ou sentir que as vítimas

mereciam o castigo com freqüências ligeiramente superiores aos demais sentimentos investigados. Esses dados são detalhados nas tabelas 10.27 e 10.28:

---

100 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

Sentimentos	Total Meninos	Percentual
<b>Não maltratei colega(s) de escola no mundo virtual em 2009.</b>	1979	71,68%
<b>Não senti nada.</b>	180	6,52%
<b>Eu me senti bem.</b>	52	1,88%
<b>Foi engraçado.</b>	83	3,01%
<b>Senti que eles mereciam o castigo.</b>	102	3,69%
<b>Tinha certeza que eles fariam o mesmo comigo.</b>	62	2,25%
<b>Fiquei com medo de que um professor ou funcionário descobrisse.</b>	14	0,51%
<b>Fiquei com medo de que meu pai/mãe/responsável descobrisse.</b>	23	0,83%
<b>Sei que não seria descoberto(a) e punido(a).</b>	26	0,94%
<b>Fiquei com medo de ser descoberto(a) e punido(a).</b>	18	0,65%
<b>Eu me senti mal.</b>	57	2,06%
<b>Eu me arrependi do que fiz.</b>	58	2,10%
<b>Eu senti pena da pessoa.</b>	46	1,67%
<b>Eu me senti vingado(a), me maltrataram também.</b>	52	1,88%
<b>Sofro maus tratos em casa e faço o mesmo na escola.</b>	9	0,33%
<b>Total</b>	<b>2761</b>	<b>100,00%</b>

Tabela 10.27. Sentimentos de agressores do sexo masculino após maus tratos pela internet

Sentimentos	Total Meninas	Percentual
Não maltratei colega(s) de escola no mundo virtual em 2009.	2231	78,83%
Não senti nada.	98	3,46%
Eu me senti bem.	35	1,24%
Foi engraçado.	58	2,05%
Senti que eles mereciam o castigo.	99	3,50%
Tinha certeza que eles fariam o mesmo comigo.	36	1,27%
Fiquei com medo de que um professor ou funcionário descobrisse.	18	0,64%
Fiquei com medo de que meu pai/mãe/responsável descobrisse.	15	0,53%
Sei que não seria descoberto(a) e punido(a).	8	0,28%
Fiquei com medo de ser descoberto(a) e punido(a).	8	0,28%
Eu me senti mal.	65	2,30%
Eu me arrependi do que fiz.	69	2,44%
Eu senti pena da pessoa.	53	1,87%
Eu me senti vingado(a), me maltrataram também.	31	1,10%
Sofro maus tratos em casa e faço o mesmo na escola.	6	0,21%
<b>Total</b>	<b>2830</b>	<b>100,00%</b>

Tabela 10.28. Sentimentos de agressores do sexo feminino após maus tratos pela internet

---

101 Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

## 11 Conclusão

---

A pesquisa “*Bullying* no Ambiente Escolar” foi realizada com o objetivo de constatar e descrever as situações de violência entre pares e as manifestações de *bullying* em escolas do ensino fundamental no Brasil. Seus resultados deverão servir de insumos para as ações da campanha “Aprender sem Medo” realizada pela Plan Brasil visando alertar e orientar estudantes, pais, gestores e docentes escolares, bem como a sociedade civil como um todo, acerca da ocorrência deste tipo de violência, as formas de reduzir sua frequência e as graves consequências que pode provocar para as pessoas envolvidas, as instituições de ensino e o próprio processo de formação e de consolidação da cidadania.

O estudo foi conduzido pelo CEATS - Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor, ligado à FIA - Fundação Instituto de Administração. Obedeceu à modelagem de uma pesquisa descritiva, com levantamento de dados primários junto a amostras de estudantes, de pais e de profissionais que atuam nas escolas selecionadas. Foram coletados dados sócio-demográficos, como idade, sexo, arranjos familiares e etnia dos estudantes; dados de caracterização da ocorrência do fenômeno estudado e opiniões acerca dessas manifestações, tanto dos estudantes, quanto dos demais atores pesquisados. Para a coleta de dados dos alunos foram empregados questionários individuais preenchidos sob orientação de aplicadores qualificados. As percepções de gestores escolares, docentes, alunos, pais e responsáveis foram captadas através de grupos focais conduzidos por especialista no emprego da técnica. As informações de natureza quantitativa foram analisadas mediante cálculo de frequência das respostas e os dados qualitativos foram sistematizados e submetidos à análise de conteúdo.

As atividades preliminares da pesquisa – delimitação do problema de investigação e construção do referencial teórico-conceitual – propiciaram uma primeira constatação que influenciou, profundamente, a coleta e a análise de dados. O termo *bullying* mostrou não ser conhecido ou, tampouco, familiar à grande maioria da população alvo da pesquisa. A manifestação desse fenômeno não é considerada diferente de outras formas de violência interpessoal e grupal que ocorrem, com frequência, no ambiente escolar. A própria produção acadêmica e técnica sobre o assunto é muito pequena no Brasil, identificando-se raros pesquisadores, especialistas e autores preocupados em

estudar suas especificidades. A maior divulgação do termo e de suas ocorrências tem se dado, nos últimos anos, através dos meios de comunicação de massas, com notícias enquadradas entre os

temas da violência urbana, da criminalidade juvenil e da má qualidade do sistema de ensino, principalmente no que concerne à gestão da segurança do equipamento escolar e de seus usuários.

Em vista disso, o ponto de partida da pesquisa foi adequar a definição do conceito de *bullying* apoiada no trabalho de Cleo Fante<sup>9</sup>, caracterizando-o como as ações de maus tratos que ocorrem na interação entre estudantes, no ambiente escolar, com significativa frequência de repetição e ao longo de um período passível de observação. Para operacionalizar este conceito, materializando o fenômeno estudado para os respondentes da pesquisa, optou-se por considerar como período o ano letivo de 2009 e como frequência repetitiva significativa as situações que ocorreram com a mesma vítima de agressão por três ou mais vezes ao longo daquele ano. Desse modo assegurou-se que o respondente tivesse a memória recente dos acontecimentos e pudesse diferenciar o *bullying* de outras ocorrências de caráter violento que ocorreram na escola de forma eventual. Isso possibilitou a realização de uma abordagem quantitativa do fenômeno, ainda que relativizada pelos limites da amostra estudada e das restrições das métricas para tratamento dessas informações.

Para garantir variedade e heterogeneidade dos alunos participantes da pesquisa, foram selecionadas cinco escolas de cada uma das cinco regiões geográficas do País, sendo vinte públicas municipais e cinco particulares. Quinze estão localizadas em capitais e dez em municípios do interior. No total, 5.168 alunos responderam ao questionário. Também foram realizados quatorze grupos focais com 55 alunos, 14 pais/responsáveis e 64 técnicos, professores ou gestores de escolas localizadas nas capitais pesquisadas.

O estudo revelou que, quanto mais frequentes os atos repetitivos de maus tratos contra um determinado aluno, mais longo é período de duração da manifestação dessa violência durante o ano letivo pesquisado. Essa constatação demonstra que a repetição das ações de *bullying* fortalece a iniciativa dos agressores e reduz as possibilidades de defesa das vítimas, indicando ser essencial uma ágil identificação dessas ações e imediata reação de repúdio e contenção.

A ocorrência do *bullying* emerge em um clima generalizado de violência no ambiente escolar, considerando-se que 70% da amostra de estudantes responderam ter presenciado cenas de agressões entre colegas durante o ano letivo de 2009, enquanto 30% deles declararam ter vivenciado ao menos uma situação violenta no mesmo período. O *bullying*, caracterizado como ações de maus tratos entre colegas ocorridas com frequência superior a três vezes naquele ano, foi praticado e sofrido por 10% do total de alunos pesquisados, sendo mais comum nas regiões Sudeste e Centro-Oeste do País. Estes dados são minimizados quando os estudantes consideram que a maioria das ocorrências limita-se a agressões verbais praticadas por um aluno contra outro, as quais são

---

<sup>9</sup> FANTE, Cleodelice A. Zonato. *Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.

---

103

Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

consideradas por alunos, pais, professores e gestores como normais no relacionamento entre crianças e entre adolescentes. Contudo, é importante ressaltar essas práticas em virtude da elevada frequência com que ocorrem; do fato de ocorrerem quase sempre em sala de aula, sem que a presença ou não do professor altere a probabilidade de sua manifestação; e, principalmente, porque ela tende a ser uma etapa inicial desencadeadora de processos de maus-tratos que, em sua repetição, tornam-se mais violentos.

Na amostra pesquisada, as mais elevadas frequências de *bullying* foram identificadas entre adolescentes na faixa de 11 a 15 anos de idade e alocados na sexta série do ensino fundamental. Os respondentes tiveram dificuldade para indicar motivos que os levam a sofrer ou a praticar agressões no contexto de seu relacionamento com pares no ambiente escolar. Tendem a considerar que os agressores são jovens que buscam obter popularidade junto aos colegas, que necessitam ser aceitos pelo grupo de referência e que se sentiram poderosos em relação aos demais, tendo esse “status” reconhecido na medida em que seus atos são observados e, de certa forma, consentidos pela omissão e falta de reação dos atores envolvidos. Os próprios alunos não conseguem diferenciar os limites entre brincadeiras, agressões verbais relativamente inócuas e maus tratos violentos. Tampouco percebem que pode existir uma escala de crescimento exponencial dessas situações. Também indicam que as escolas não estão preparadas para evitar essa progressão em seu início, nem para clarificar aos alunos quais são os limites e quais são as formas estabelecidas para que sejam respeitados por todos.

Na amostra estudada é maior o número de vítimas do sexo masculino: mais de 34,5% dos meninos pesquisados foram vítimas de maus tratos ao menos uma vez no ano letivo de 2009, sendo 12,5% vítimas de *bullying*, caracterizado por agressões com frequência superior a três vezes naquele ano. Apesar das altas frequências de práticas violentas, os alunos do sexo masculino pesquisados tendem a minimizar a gravidade dessas ocorrências, alegando que foram brincadeiras de mau gosto ou que não dão importância aos fatos porque os colegas não merecem essa consideração. Já as meninas que sofreram maus tratos ao menos uma vez durante o ano de 2009 (23,9% da amostra de meninas pesquisada) ou tornaram-se vítimas de *bullying* (7,6% dessa mesma amostra) apresentam outro padrão de resposta às agressões sofridas, manifestando sentimentos de tristeza, mágoa e aborrecimento.

As vítimas do *bullying* são sempre descritas pelos respondentes como pessoas que apresentam alguma diferença em relação aos demais colegas, como um traço físico marcante, algum tipo de necessidade especial, o uso de vestimentas consideradas diferentes, a posse de objetos ou o consumo de bens indicativos de status sócio-econômico superior ao dos demais alunos. Elas são



vistas pelo conjunto de respondentes como pessoas tímidas, inseguras e passivas, o que faz com que os agressores as considerem merecedoras das agressões dado seu comportamento frágil e inibido.

Os maus tratos entre pares no ambiente virtual se manifestam com frequência semelhante à da violência praticada no ambiente físico da escola. Aproximadamente 17% dos alunos pesquisados já foram vítimas de agressões via internet. Na região Sudeste do País, essa incidência é ainda maior, chegando a 20%, provavelmente porque é mais amplo o acesso de alunos aos recursos tecnológicos do ambiente virtual.

Insultos e difamações feitos por meio de ferramentas de comunicação virtual e de sites de relacionamento são os principais tipos de maus tratos praticados no ambiente virtual. Assim como no ambiente escolar, as vítimas tendem a não reagir aos atos sofridos e apresentam sentimentos de desconforto, apatia, irritabilidade e tristeza. Os sentimentos dos agressores em relação às vítimas também são semelhantes, independentemente das situações de agressão ocorrerem no ambiente virtual ou na própria escola. As vítimas são descritas, convictamente, como pessoas fracas e que mereceram o castigo, sem que a maior parte dos agressores manifeste qualquer sentimento de remorso ou de compaixão.

Como consequência dessas ocorrências de maus tratos entre colegas de escola, os próprios respondentes ressaltam os prejuízos sobre o processo de aprendizagem. Indicam que tanto vítimas quanto agressores perdem o interesse pelo ensino e não se sentem motivados a frequentar as aulas.

Embora gestores e professores admitam a existência de uma cultura de violência pautando as relações dos estudantes entre si, as escolas não demonstraram estar preparadas para eliminar ou reduzir a ocorrência de situações de agressão caracterizadas, neste estudo, como específicas do *bullying*. De fato, ampliando este achado da pesquisa, pode-se dizer que a gestão escolar e as competências dos docentes e técnicos do sistema de ensino não contemplam procedimentos de prevenção, controle e correção da violência que se manifesta em seu ambiente e nos arredores, tendo como protagonistas seus próprios alunos. Mais do que uma omissão, ou carência de capacitação e de instrumentos apropriados, parece existir uma tendência a considerar que este tipo de problema e sua solução não fazem parte da natureza ou da missão de uma instituição de ensino.

Os procedimentos adotados pelas escolas são as tradicionais formas de coação ao aluno, como a suspensão (culpabilização do aluno) e a conversa com pais (culpabilização da família), medidas claramente insuficientes para a abordagem do fenômeno. A escola ainda se utiliza de ferramentas talvez adequadas para coibir os antigos casos de indisciplina, cuja causa estava localizada nas

particularidades de uma família, de uma criança e de um contexto específico. O que este estudo traz para o debate atual é a constatação de que não se trata de um fenômeno de natureza individual. Os maus tratos entre pares e o *bullying* são fenômenos que ocorrem no ambiente da escola, mas

atingem a coletividade e ao mesmo tempo revelam seus padrões de convívio social. É interessante perceber que, com raras exceções, a pesquisa revelou que a escola está muito longe de reverter tal situação e não apresenta nenhuma ação de mais amplo alcance.

O discurso de pais e familiares contraposto ao de gestores, técnicos e professores, evidenciou que a responsabilização pela emergência de fatores desencadeadores da violência entre os estudantes é mutuamente atribuída. As famílias são acusadas de não assumirem a socialização adequada das crianças, pautada em princípios e valores que assegurariam um comportamento de boa convivência e respeito ao outro. Os profissionais das escolas são acusados de desinteresse, incompetência, alienação em relação às necessidades e aos problemas dos alunos. Tudo isso explicaria a ausência de procedimentos que colocassem limites e punissem formas de comportamento que os desrespeitassem. Mas este “jogo de empurra” não propicia iluminar a questão e avançar em proposições resolutivas. Por isso, mais do que diagnosticar um sintoma que já

é evidente, este estudo pôde elencar ações e reflexões que deveriam conduzir o trabalho da Plan Brasil e, mais além, de todos que se interessam pelo papel da Educação na formação da juventude deste País. Há que se considerar:

- Que é fundamental que os atores sociais participantes da comunidade educativa, tais como família, educadores, educandos, equipe técnica e funcionários estejam efetivamente envolvidos com as ações voltadas para redução e eliminação da violência no ambiente escolar. É a comunidade que tem condições de planejar ações, identificar necessidades, falhas, desejos e, principalmente, propor soluções. Os gestores da educação devem ser capazes de estimular e facilitar tais processos, fortalecendo a gestão democrática nos sistemas de ensino, aproximando a relação entre a escola e a comunidade e aperfeiçoando a comunicação entre os atores.
- Que as escolas devem criar procedimentos preventivos e formas de reação ágeis para evitar a ocorrência de situações de *bullying* e quaisquer outras manifestações de violência entre estudantes. As normas devem ser claras, objetivas, aplicadas com rigor e transparência. A elaboração de tais regras e processos pode ser um excelente exercício participativo, que resulte em clara compreensão do fenômeno por todos os atores da comunidade, estimulando o engajamento dos próprios alunos e suas famílias, assegurando a legitimidade de sua aplicação.
- As questões do convívio social, dos padrões que regem as relações entre as pessoas e dos direitos de cidadania a que todos devem ter acesso não devem ser tratadas em uma disciplina específica, mas serem trabalhadas no conteúdo de todas as disciplinas da grade curricular.

- As escolas devem procurar diagnosticar, sistematicamente, a emergência de casos de *bullying* e outras formas de violência nas relações interpessoais, de modo a estabelecer metas objetivas de redução e eliminação do fenômeno no âmbito dos seus planejamentos estratégico e pedagógico.

- Profissionais atuantes em escolas de ensino fundamental, independentemente dos níveis funcionais e cargos ocupados, devem ser capacitados para assumir medidas de restrição e controle da violência no ambiente escolar.
  
- A gestão escolar deve incorporar atribuições de prevenção e controle da violência, que podem ser exercidas de forma integrada com outras instituições do Estado – segurança pública; polícias civil, militar, municipal, comunitária; conselhos municipais etc. – e da sociedade civil – associações de moradores, ONGs, fundações empresariais, movimentos sociais etc.

107      Relatório de Pesquisa “*Bullying* escolar no Brasil” - março de 2010

ss



## NÃO DEIXE DE SOLICITAR O SEU CERTIFICADO!!

Solicite agora mesmo seu certificado de **20 Horas** (no link abaixo)

[\[Clique aqui para solicitar certificado\]](#)



Veja um modelo do certificado!

